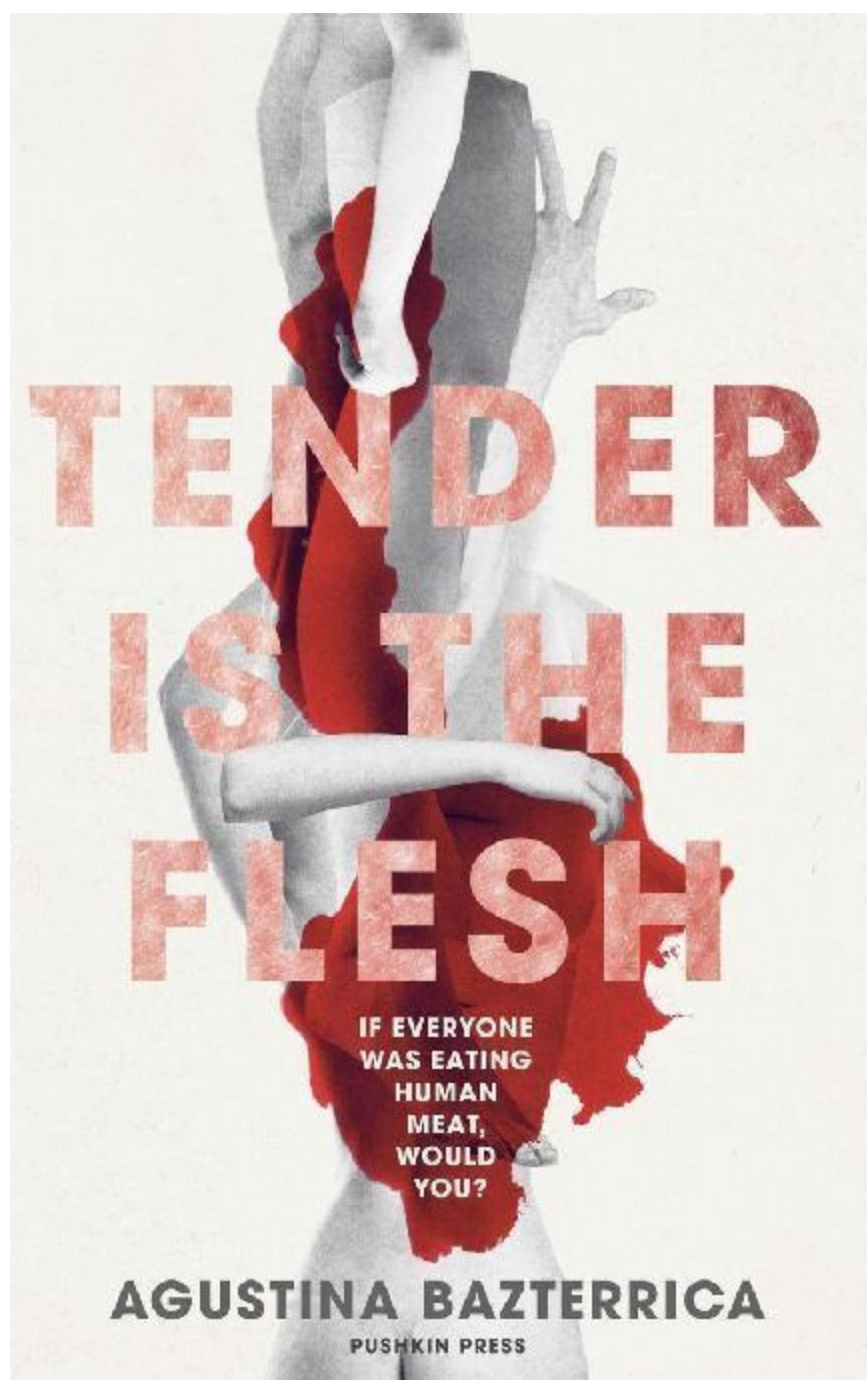


AGUSTINA
SABOROSO
CADAVER
BAZTERRICA

DARKSIDE



DARKSIDE



[Traduzido do Inglês para o Português -
www.onlinedoctranslator.com](http://www.onlinedoctranslator.com)

Para meu irmão,

Gonzalo Bazterrica

O que vemos nunca está no que dizemos.

GILLES DELEUZE

*Eles mordiscam meu cérebro,
Bebendo o suco do meu coração
E me contam histórias de ninar...*

PATRICIO REY Y SUS REDONDITOS DE RICOTA

Conteúdo

[Título](#)

[Page](#)

[Dedicação](#)

[Egrafa](#)

[1](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

DOIS

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

Reconhecido gemas

Sobre

a

editora

Companhia pyright

1

...e sua expressão era tão humana

que me encheu de horror...

LEOPOLDO LUGONES

1

Carcaça. Corte ao meio. Impressionante. Linha de abate. Lavagem com spray. Essas palavras aparecem em sua cabeça e o atingem.

Destrua-o. Mas não são apenas palavras. São o sangue, o cheiro denso, a automação, a ausência de pensamento. Eles irrompem na noite, pegam ele desprevenido. Quando ele acorda, seu corpo está coberto por uma película de suor porque ele sabe que o que o espera é outro dia de abate de humanos.

Ninguém os chama assim, pensa ele, enquanto acende um cigarro.

Ele não os chama assim quando tem que explicar o ciclo da carne para um novo funcionário. Poderiam prendê-lo por isso, até mesmo mandá-

lo para o Matadouro Municipal e processá-lo. Assassiná-lo seria o termo correto, mas não pode ser usado. Enquanto ele tira a camisa encharcada, ele tenta limpar a ideia persistente de que isso é o que eles são: humanos criados como animais para consumo. Ele vai até a geladeira e se serve de água fria. Ele bebe devagar. Seu cérebro o avisa que existem palavras que encobrem o mundo.

Há palavras que são convenientes, higiênicas. Jurídico.

Ele abre a janela; o calor é sufocante. Ele fica ali fumando e respira o ar parado da noite. Com vacas e porcos era fácil. Era um ofício que aprendera no Cypress, a fábrica de processamento de carne que herdara de seu pai. É verdade que os gritos de um porco sendo esfolado poderiam petrificá-lo, mas protetores auditivos foram usados e, eventualmente, tornou-se apenas mais um som. Agora que ele é o braço direito do patrão, ele precisa monitorar e treinar os novos funcionários. Ensinar a matar é pior do que matar. Ele põe a cabeça para fora da janela. Respira o ar espesso, queima.

Ele gostaria de poder se anestesiarse e viver sem sentir nada. Aja automaticamente, observe, respire e nada mais. Veja tudo, entenda e não fale. Mas as memórias estão lá, elas permanecem com ele.

Muitas pessoas naturalizaram o que a mídia insiste em chamar de

“Transição”. Mas ele não o fez porque sabe que transição é uma palavra que não transmite quão rápido e implacável foi o processo.

Uma palavra

para resumir e classificar o insondável. Uma palavra vazia. Mudança, transformação, mudança: sinônimos que parecem significar a mesma coisa, embora a escolha de um sobre o outro fale de uma visão distinta do mundo. Todos eles naturalizaram o canibalismo, ele pensa.

Canibalismo, outra palavra que poderia lhe causar grandes problemas.

Ele se lembra de quando anunciaram a existência do GGB. A histeria em massa, os suicídios, o medo. Depois do GGB, os animais não podiam mais ser comidos porque haviam sido infectados por um vírus que era fatal para os humanos. Essa era a linha oficial. As palavras têm o peso necessário para nos moldar, para suprimir todo questionamento, pensa ele.

Descalço, ele anda pela casa. Depois do GGB, o mundo mudou definitivamente. Eles tentaram vacinas, antídotos, mas o vírus resistiu e sofreu mutação. Ele se lembra de artigos que falavam da vingança dos veganos, outros sobre atos de violência contra os animais, médicos na televisão explicando o que fazer com a falta de proteína, jornalistas confirmando que ainda não havia cura para o vírus animal. Ele suspira e acende outro cigarro.

Ele está sozinho. Sua esposa foi morar com a mãe. Não é que ele ainda sinta falta dela, mas há um vazio na casa que o mantém acordado, que o incomoda. Ele tira um livro da estante. Não mais cansado, ele acende a luz para ler e depois a desliga. Ele toca a cicatriz em sua mão. O incidente aconteceu há muito tempo e não dói mais.

Era um porco. Ele era muito jovem, apenas começando, e não sabia que a carne precisava ser respeitada, até que a

carne o mordeu e quase lhe arrancou a mão. O capataz e os outros não conseguiam parar de rir.

Você foi batizado, eles disseram. Seu pai não disse nada. Depois dessa mordida, eles pararam de vê-lo como filho do patrão e ele passou a fazer parte do time. Mas nem a equipe nem a Cypress Processing Plant existem, ele pensa.

Ele pega o telefone. Há três chamadas perdidas da sogra dele.

Nenhum de sua esposa.

Incapaz de suportar o calor, ele decide tomar banho. Ele abre a torneira e enfia a cabeça na água fria. Ele quer apagar as imagens distantes, as memórias que persistem. As pilhas de gatos e cachorros queimavam vivos. Um arranhão significava morte. O cheiro de carne queimada permaneceu por semanas. Ele se lembra dos grupos em trajes de proteção amarelos que

vasculhavam os bairros à noite, matando e queimando todos os animais que cruzavam seu caminho.

A água fria cai em suas costas. Ele se senta no chão do chuveiro e balança a cabeça lentamente. Mas ele não consegue parar de lembrar.

Grupos de pessoas começaram a matar outras e a comê-las em segredo. A imprensa documentou um caso de dois bolivianos desempregados que foram atacados, desmembrados e esquartejados por um grupo de vizinhos. Quando ele leu a notícia, ele estremeceu.

Foi o primeiro escândalo público desse tipo e incutiu na sociedade a ideia de que, no final, carne é carne, não importa de onde seja.

Ele inclina a cabeça para cima para que a água caia em seu rosto. O

que ele quer é que as gotas limpem sua mente. Mas ele sabe que as memórias estão lá, elas sempre estarão. Em alguns países, os imigrantes começaram a desaparecer em massa. Imigrantes, marginalizados, pobres. Eles foram perseguidos e eventualmente massacrados. A legalização ocorreu quando os governos cederam à pressão de uma indústria de muito dinheiro que havia parado. Eles adaptaram as plantas de processamento e os regulamentos. Não muito tempo depois, eles começaram a criar pessoas como animais para suprir a enorme demanda por carne.

Ele sai do chuveiro e mal se seca. No espelho, ele vê que há bolsas sob seus olhos. Ele acredita em uma teoria sobre a qual algumas pessoas tentaram falar. Mas aqueles que o fizeram publicamente foram silenciados. O mais eminente zoólogo, cujos artigos afirmavam que o vírus era mentira, teve um acidente oportuno. Ele acha que tudo foi encenado para reduzir a superpopulação. Desde que ele se lembra, fala-se da escassez de recursos. Ele se lembra dos tumultos em países como a China, onde as pessoas se mataram por causa da superlotação, embora nenhum dos meios de comunicação tenha divulgado a notícia por esse ângulo. Quem disse que o mundo ia explodir foi seu pai: “O

planeta vai explodir a qualquer minuto. Você vai ver, filho, ou vai ser feito em pedaços ou todos nós vamos morrer de alguma praga. Veja o que está acontecendo na China, eles já começaram a se matar porque há tanta gente, não há espaço para todos eles. E aqui, ainda há espaço aqui, mas estamos ficando sem água, comida, ar. Tudo vai para o inferno.” Ele olhou para seu pai quase com pena porque ele pensou que ele era

apenas um velho divagando. Mas agora ele sabe que seu pai estava certo.

O expurgo resultou em outros benefícios: a população e a pobreza foram reduzidas, e havia carne. Os preços eram altos, mas o mercado crescia em ritmo acelerado. Houve protestos massivos, greves de fome, denúncias de organizações de direitos humanos e, ao mesmo tempo, artigos, pesquisas e notícias que impactaram a opinião pública.

Universidades de prestígio afirmavam que a proteína animal era necessária para viver, médicos confirmaram que a proteína vegetal não continha todos os aminoácidos essenciais, especialistas garantiram que as emissões de gases haviam sido reduzidas, mas a desnutrição estava aumentando, revistas publicaram artigos sobre o lado negro da vegetais. Os centros de protesto começaram a se dispersar e a mídia continuou relatando casos de pessoas que disseram ter morrido do vírus animal.

O calor continua a sufocá-lo. Ele caminha nu até a varanda. O ar está parado. Ele se deita na rede e tenta dormir. Um comercial toca repetidamente em sua mente. Uma mulher bonita, mas vestida de forma conservadora, está colocando o jantar na mesa para seus três filhos e marido. Ela olha para a câmera e diz: “Eu sirvo comida especial para minha família, é a mesma carne de sempre, mas mais saborosa”. A família inteira sorri e janta. O governo, o governo dele, resolveu ressignificar o produto. Eles deram à carne humana o nome de “carne especial”. Em vez de apenas “carne”, agora há “lombo especial”, “costeletas especiais”, “rins especiais”.

Ele não chama isso de carne especial. Ele usa palavras técnicas para se referir ao que é humano, mas nunca será

uma pessoa, ao que é sempre um produto. Ao número de cabeças a serem processadas, ao lote que espera no pátio de descarga, à linha de abate que deve funcionar de forma constante e ordenada, ao excremento que precisa ser vendido como esterco, ao setor de miudezas. Ninguém pode chamá-los de humanos porque isso significaria dar-lhes uma identidade. Eles os chamam de produto, ou carne, ou comida. Exceto por ele, ele preferiria não ter que chamá-los por nenhum nome.

2

O caminho para o curtume sempre lhe parece longo. É uma estrada de terra que segue em linha reta, passando por quilômetros e quilômetros de campos vazios. Era uma vez vacas, ovelhas, cavalos. Agora não há nada, não que possa ser visto a olho nu.

Seu telefone toca. Ele para e atende a chamada. É a sogra dele, e ele diz que não pode falar porque está na estrada. Ela fala em voz baixa, em um sussurro. Ela diz a ele que Cecilia está melhor, mas que ela precisa de mais tempo, ela ainda não está pronta para voltar. Ele não fala nada e ela desliga.

O curtume o oprime. É o cheiro de água suja cheia de cabelo, terra, óleo, sangue, lixo, gordura e produtos químicos. E é o Señor Urami.

A paisagem desolada o força a lembrar, a questionar, mais uma vez, por que ele ainda está nessa linha de trabalho. Ele só esteve no Cypress por um ano depois de terminar o ensino médio. Então ele decidiu estudar ciências veterinárias. Seu pai havia aprovado e ficado feliz com isso.

Mas não muito tempo depois, o vírus animal tornou-se uma epidemia. Ele voltou para casa porque seu pai havia enlouquecido. Os médicos o diagnosticaram com demência senil, mas ele sabe que seu pai não conseguiu lidar com a Transição. Muitas pessoas sofreram uma depressão aguda e desistiram da vida, outras se dissociaram da realidade, algumas simplesmente cometeram suicídio.

Ele vê a placa: “Hifu Tannery. 3km”. Señor Urami, proprietário japonês do curtume, despreza o mundo em geral e ama a pele em particular.

Enquanto ele dirige pela estrada deserta, ele balança a cabeça lentamente porque não quer se lembrar. Mas ele faz. Seu pai falando sobre os livros que o vigiavam à noite, seu pai acusando os vizinhos de serem assassinos, seu pai dançando com sua esposa morta, seu pai perdido nos campos de cueca, cantando o hino nacional para uma árvore, seu pai em uma casa de repouso, a fábrica de beneficiamento foi vendida para pagar a dívida e manter a casa, o olhar ausente do pai até hoje, quando ele a visita.

Ele entra no curtume e sente algo bater em seu peito. É o cheiro dos produtos químicos que interrompem o processo de decomposição da pele. É um cheiro que o sufoca. Os funcionários trabalham em completo silêncio. À primeira vista, parece quase transcendental, um silêncio zen, mas é o Señor Urami, que os observa de cima de seu escritório. Ele não apenas observa os funcionários e monitora seu trabalho, como também tem câmeras em todo o curtume.

Ele vai até o escritório do Señor Urami. Nunca há uma espera.

Invariavelmente, duas secretárias japonesas o cumprimentam e lhe servem chá vermelho em uma caneca

transparente, sem se dar ao trabalho de perguntar se ele gostaria de algum. Ele acha que o Señor Urami não olha para as pessoas, mas as mede. O dono do curtume está sempre sorrindo e sente que quando este homem o observa, o que ele está realmente fazendo é calcular quantos metros de pele ele pode remover de uma só vez se o abater, esfolar e retirar sua carne no local.

O escritório é simples, elegante, mas na parede está pendurada uma reprodução barata de O Juízo Final de Michelangelo. Ele já viu a impressão muitas vezes, mas só hoje ele percebe a pessoa segurando a pele esfolada. O senhor Urami o observa, vê o olhar desconcertado em seu rosto e, adivinhando seus pensamentos, diz que o homem é São Bartolomeu, um mártir que foi esfolado até a morte, que é um detalhe colorido, não acha. Ele acena com a cabeça, mas não diz uma palavra porque acha que é um detalhe desnecessário.

O Señor Urami fala, recita, como se estivesse revelando uma série de verdades indiscutíveis para um grande público. Seus lábios brilham com saliva; são os lábios de um peixe ou de um sapo. Há uma umidade nele, um ziguezague em seus movimentos. Há algo de enguia no Señor Urami. Tudo o que ele pode fazer é olhar para o dono do curtume em silêncio, porque, essencialmente, é o mesmo discurso todas as vezes.

Ele acha que o Señor Urami precisa reafirmar a realidade através das palavras, como se as palavras criassem e mantivessem o mundo em que ele vive. Isso ele imagina em silêncio, enquanto as paredes do escritório começam a desaparecer lentamente, o chão se dissolve e as secretárias japonesas desaparecem no ar, evaporam. Tudo isso ele vê porque é o que ele quer, mas nunca vai acontecer porque o Señor Urami está falando de números,

produto, que ele sente falta de trabalhar com pele de vaca. Embora, ele esclarece, a pele humana seja a mais suave da natureza porque tem o grão mais fino. Ele pega o telefone e diz algo em japonês. Uma das secretárias chega com uma pasta enorme. O Señor Urami o abre e exhibe amostras de diferentes tipos de skins. Ele os toca como se fossem objetos cerimoniais, explicando como evitar defeitos quando o lote é ferido em trânsito, o que acontece porque a pele humana é mais delicada. Esta é a primeira vez que o Señor Urami lhe mostra a pasta.

Ele olha para as amostras de peles que foram colocadas à sua frente, mas não as toca. Com o dedo, o Señor Urami aponta para uma amostra muito branca com marcas. Ele diz que é uma das peles mais valiosas, embora uma grande porcentagem tenha sido descartada porque havia feridas profundas. Ele repete que só consegue esconder feridas superficiais. O senhor Urami diz que esta pasta foi feita especialmente para ele, para que pudesse mostrá-la ao pessoal da usina de beneficiamento e do centro de criação, e ficaria claro com quais peles eles devem ter mais cuidado. O senhor Urami se levanta, tira um impresso de uma gaveta, entrega a ele e diz que já enviou o novo desenho, embora ainda precise ser aperfeiçoado devido à importância do corte no momento da esfolagem, já que um corte feito significa metros de couro desperdiçados, e o corte precisa ser simétrico. O Señor Urami pega o telefone novamente. Uma secretária entra com um bule transparente. Ele gesticula para a secretária e ela serve mais chá. O

Señor Urami continua a falar com ele com palavras medidas, harmoniosas. Ele pega a caneca, toma um gole, embora ele não queira nenhum. As palavras do Señor Urami constroem um mundo pequeno e controlado, cheio de rachaduras. Um mundo que poderia quebrar com uma palavra imprópria. Ele fala sobre a importância essencial da

máquina de esfolar, como se não for calibrada corretamente pode rasgar a pele, de como a pele fresca que ele é enviada da planta de processamento requer mais refrigeração para que a remoção subsequente da carne não seja tão complicada, da necessidade que os lotes estejam bem hidratados para que a pele não fique ressecada e rachada, de ter que conversar com o pessoal do criadouro sobre isso porque não estão seguindo a dieta líquida, de como o atordoamento precisa ser feito com precisão porque, se o produto for abatido descuidadamente, vai aparecer na pele, que fica dura e mais difícil de trabalhar porque, ressalta, As palavras do Señor Urami constroem um mundo pequeno e controlado, cheio de rachaduras. Um mundo que poderia quebrar com uma palavra imprópria. Ele fala sobre a

importância essencial da máquina de esfolar, como se não for calibrada corretamente pode rasgar a pele, de como a pele fresca que ele é enviada da planta de processamento requer mais refrigeração para que a remoção subsequente da carne não seja tão complicada, da necessidade que os lotes estejam bem hidratados para que a pele não fique ressecada e rachada, de ter que conversar com o pessoal do criadouro sobre isso porque não estão seguindo a dieta líquida, de como o atordoamento precisa ser feito com precisão porque, se o produto for abatido descuidadamente, vai aparecer na pele, que fica dura e mais difícil de trabalhar porque, ressalta, As palavras do Señor Urami constroem um mundo pequeno e controlado, cheio de rachaduras. Um mundo que poderia quebrar com uma palavra imprópria. Ele fala sobre a importância essencial da máquina de esfolar, como se não for calibrada corretamente pode rasgar a pele, de como a pele fresca que ele é enviada da planta de processamento requer mais refrigeração para que a remoção subsequente da carne não seja tão complicada, da necessidade que os lotes estejam bem hidratados para que a pele não fique ressecada e rachada,

de ter que conversar com o pessoal do criadouro sobre isso porque não estão seguindo a dieta líquida, de como o atordoamento precisa ser feito com precisão porque, se o produto for abatido descuidadamente, vai aparecer na pele, que fica dura e mais difícil de trabalhar porque, ressalta, mundo controlado que está cheio de rachaduras. Um mundo que poderia quebrar com uma palavra imprópria. Ele fala sobre a importância essencial da máquina de esfolar, como se não for calibrada corretamente pode rasgar a pele, de como a pele fresca que ele é enviada da planta de processamento requer mais refrigeração para que a remoção subsequente da carne não seja tão complicada, da necessidade que os lotes estejam bem hidratados para que a pele não fique ressecada e

rachada, de ter que conversar com o pessoal do criadouro sobre isso porque não estão seguindo a dieta líquida, de como o atordoamento precisa ser feito com precisão porque, se o produto for abatido descuidadamente, vai aparecer na pele, que fica dura e mais difícil de trabalhar porque, ressalta,

“Tudo se reflete na pele, é o maior órgão do corpo.” Com o sorriso inabalável, o Señor Urami exagera na pronúncia desta frase em espanhol e, com ela, termina seu discurso, seguindo-o com um silêncio medido.

Ele sabe que não precisa dizer nada para esse homem, apenas concordar, mas há palavras que atingem seu cérebro, acumulam, causam danos. Ele gostaria de poder dizer atrocidade, inclemência, excesso, sadismo ao Señor Urami. Ele gostaria que essas palavras pudessem rasgar o sorriso do homem, perfurar o silêncio regulado, comprimir o ar até sufocá-los.

Mas ele permanece em silêncio e sorri.

O Señor Urami nunca o acompanha, mas desta vez eles descem juntos. Antes de sair, o Señor Urami o para ao lado de um tanque de cal para monitorar um funcionário que manuseia peles que ainda estão cobertas de pelos. Eles devem ser de um centro de criação, ele pensa, porque as peles da planta de processamento são completamente sem pêlos. O Señor Urami faz um gesto. O gerente aparece e começa a gritar com um trabalhador que está removendo a carne de uma pele fresca. Parece que ele está fazendo um péssimo trabalho. Para justificar a aparente ineficiência do funcionário, o gerente tenta explicar ao Señor Urami que o rolo da máquina de descarnar está quebrado e que eles não estão acostumados à remoção manual da carne. O Señor Urami o interrompe com outro gesto. O gerente faz uma reverência e sai.

Então eles caminham para o tambor de bronzamento. O Señor Urami para e diz que quer peles negras. Do nada, sem explicação. Ele mente e diz que muito chegará em breve. O Señor Urami acena com a cabeça e se despede.

Sempre que ele sai do prédio, ele precisa de um cigarro.

Inevitavelmente, um funcionário vem lhe contar coisas horríveis sobre o Señor Urami. Dizem que ele assassinou e esfolou pessoas antes da Transição, que as paredes de sua casa estão cobertas de pele humana, que ele mantém as pessoas em seu porão e que lhe dá grande prazer esfolá-las vivas. Ele não entende por que os funcionários lhe dizem essas coisas. Tudo é possível, ele pensa, mas a única coisa que ele sabe com certeza é que o Señor Urami dirige seus negócios com um reino de terror e que funciona.

Ele sai do curtume e sente alívio. Mas então ele questiona, mais uma vez, por que se expõe a isso. A resposta é sempre a mesma.

Ele sabe por que faz esse trabalho. Porque ele é o melhor e lhe pagam de acordo, porque ele não sabe fazer outra coisa e porque a saúde de seu pai depende disso.

Há momentos em que é preciso suportar o peso do mundo.

3

A unidade de processamento faz negócios com vários centros de criação, mas inclui apenas aqueles que fornecem maior quantidade de cabeças no circuito da carne. Guerrero Iraola costumava ser um deles, mas a qualidade do produto diminuiu. Eles começaram a enviar muitos com cabeças violentas, e quanto mais violenta é uma cabeça, mais difícil é atordoar. Ele esteve em Tod Voldelig para finalizar a operação inicial, mas esta é a primeira vez que inclui o centro de criação na corrida de carne.

Antes de entrar, ele liga para a casa de repouso de seu pai. Uma mulher chamada Nélida atende. Nélida realmente não se importa com as coisas que ela está encarregada, e ela exagera isso com paixão. A voz dela é nervosa, mas por baixo ele sente um cansaço que a corrói, a consome. Ela diz a ele que seu pai, a quem ela chama de Don Armando, está indo bem. Ele avisa a Nélida que passará por lá em breve, que já transferiu o dinheiro deste mês. Nélida o chama de

“querido”, diz: “Não se preocupe, querido, Don Armando é estável, tem seus momentos, mas é estável”.

Ele pergunta se por “momentos” ela quer dizer episódios. Ela diz a ele para não se preocupar, não é nada que eles não possam lidar.

A chamada termina e ele fica sentado no carro por alguns minutos.

Ele procura o número de sua irmã, está prestes a ligar para ela, mas depois muda de ideia.

Ele entra no centro de criação. El Gringo, o dono do Tod Voldelig, pede desculpas, diz que está com um homem da Alemanha que quer comprar um grande lote, diz que ele tem que mostrar esse homem, explicar o negócio para ele, porque o alemão é novo e não entendi nada, ele simplesmente parou do nada. El Gringo não pôde avisá-lo.

Não é um problema, ele diz, ele vai se juntar a eles.

El Gringo é desajeitado. Ele se move como se o ar fosse muito espesso para ele. Incapaz de avaliar a magnitude de seu corpo, ele esbarra nas pessoas, nas coisas. Ele sua. Muito.

Quando conheceu El Gringo, achou um erro trabalhar com seu criadouro, mas é eficiente e um dos poucos que

capaz de resolver uma série de problemas com os lotes. A sua é o tipo de inteligência que não precisa de refinamento.

El Gringo o apresenta ao homem da Alemanha. Egmont Schrei. Eles apertam as mãos. Egmont não o olha nos olhos. Ele está vestindo jeans que parecem novos, uma camisa muito limpa. Tênis branco. Ele parece deslocado com sua camisa passada, seu cabelo loiro grudado em seu crânio. Mas ele sabe disso. Egmont não diz uma palavra, porque sabe disso, e suas roupas, que só um estrangeiro que nunca pisou no campo usaria, servem para colocá-lo na distância exata que ele precisa para negociar o acordo.

Ele vê El Gringo pegar um tradutor automático, um dispositivo com o qual está familiarizado, embora nunca tenha tido motivos para usar um. Ele nunca esteve no exterior. É um modelo antigo, ele pode dizer porque existem apenas três ou quatro idiomas. El Gringo fala na máquina e ela traduz automaticamente tudo para o alemão. A máquina diz a Egmont que ele será levado ao redor do centro de criação, que eles começarão com o garanhão provocador. Egmont assente e não mostra as mãos, que estão atrás das costas.

Eles andam por fileiras de gaiolas cobertas. El Gringo diz a Egmont que um criadouro é um grande armazém vivo de carne, e ele levanta os braços como se estivesse lhe entregando a chave do negócio. Egmont parece

não

entender.

EI

Gringo

abandona

as

definições

grandiloquentes e passa ao básico, explicando como mantém as cabeças separadas, cada uma em sua gaiola, para evitar explosões violentas, para que não se machuquem ou comam umas às outras. O

dispositivo se traduz na voz mecânica de uma mulher.

Ele vê Egmont assentir e não pode deixar de pensar na ironia. A carne que come carne.

El Gringo abre a gaiola do garanhão. A palha no chão parece fresca e há duas caixas de metal presas às barras. Um contém água. O outro, que está vazio, é para ração. El Gringo fala no dispositivo e explica que ele levantou o garanhão provocador de quando ele era apenas uma coisinha, que ele é Puro de Primeira Geração. O alemão olha para o garanhão com curiosidade. Ele pega seu tradutor automático, um novo modelo. Ele pergunta o que é “geração pura”. El Gringo explica que os FGPs são cabeças nascidas e criadas em cativeiro. Eles não foram geneticamente modificados ou receberam injeções para acelerar seu crescimento. Egmont

parece entender e não comenta. El Gringo continua de onde parou, com um tema que parece achar mais interessante, e explica que os garanhões são comprados por sua qualidade genética. Este é um garanhão provocador, diz ele, porque mesmo não sendo castrado e tentando inseminar as fêmeas e montá-las, ele não é usado para reprodução. El Gringo diz ao alemão que chama o garanhão de provocação porque detecta as fêmeas que estão prontas para a fertilização. Os outros garanhões são os destinados a encher latas de

sêmen que serão coletadas para inseminação artificial. O dispositivo traduz.

Egmont quer entrar na jaula, mas se detém. O garanhão se move, olha para ele e ele dá um passo para trás. El Gringo não percebe como o alemão é desconfortável e continua falando, diz que os garanhões são comprados de acordo com a taxa de conversão alimentar e a qualidade de sua musculatura, mas ele se orgulha de não ter comprado este; ele o criou, ele esclarece pela segunda vez. Ele explica como a inseminação artificial é fundamental para evitar doenças e como possibilita a produção de lotes mais homogêneos para as plantas processadoras, entre muitos outros benefícios. El Gringo pisca para o alemão e termina dizendo: “Só vale o investimento se você estiver lidando com mais de cem cabeças, porque estamos falando de muito dinheiro para manutenção e pessoal especializado”.

O alemão fala no dispositivo e pergunta por que eles usam o garanhão, já que não são porcos nem cavalos, são humanos, e por que o garanhão monta nas fêmeas, ele quer saber, ele não deveria ter permissão para , diz ele, dificilmente é higiênico. A voz de um homem traduz. Parece mais natural do que a voz da mulher.

El Gringo ri um pouco desconfortável. Ninguém os chama de humanos, não aqui, não onde é proibido. “Não, é claro que eles não são porcos, embora geneticamente sejam bem parecidos. Mas eles não carregam o vírus.” Então fica em silêncio; a voz na máquina racha. El Gringo analisa. Ele bate um pouco e começa. “Este macho é capaz de detectar quando uma fêmea está no cio silencioso e a deixa em ótimas condições para mim. Percebemos que quando o garanhão monta em uma fêmea, ela fica mais disposta a ser inseminada. Mas ele fez uma vasectomia então não pode engravidá-la; temos que ter controle genético. De qualquer

forma, ele é examinado regularmente. Ele está limpo e vacinado.”

Ele vê a forma como o espaço se enche com as palavras de El Gringo. São palavras leves, não pesam nada. São palavras que ele sente misturadas com outras incompreensíveis, as palavras mecânicas ditas por uma voz artificial, uma voz que não sabe que todas essas palavras podem escondê-lo, até sufocá-lo.

O alemão olha silenciosamente para o garanhão e há algo como inveja ou admiração em seus olhos. Ele ri e diz: “Esse cara não leva uma vida tão ruim”. A máquina traduz. El Gringo olha para Egmont com surpresa e ri para esconder a mistura de irritação e nojo que sente.

Enquanto observa El Gringo responder a Egmont, ele vê como as perguntas surgem e ficam entupidas no cérebro do homem: Como Egmont é capaz de se comparar a uma cabeça? Como ele poderia querer ser um deles, um animal? Após um longo e incômodo silêncio, El Gringo responde: “É de curta duração, quando o garanhão não serve mais, ele é enviado para a usina de processamento como os outros”.

El Gringo continua falando como se não houvesse outra opção. O

dono de Tod Voldelig está nervoso, gotas de suor escorrem por sua testa e são sustentadas, apenas um pouco, nas cavidades de seu rosto.

Egmont pergunta se as cabeças falam. Ele está surpreso por estar tão quieto. El Gringo diz-lhe que estão isolados em incubadoras desde pequenos e, mais tarde, em jaulas. Ele diz que suas cordas vocais são removidas para que sejam mais fáceis de controlar. “Ninguém quer que eles falem porque a carne não fala”, diz ele. “Eles se comunicam, mas

com linguagem simplificada. Sabemos se são frios, quentes, o básico.”

O garanhão coça um testículo. Em sua testa, um “T” e um “V”

entrelaçados foram marcados com ferro quente. Ele está nu, como todas as cabeças em todos os centros de criação. Seu olhar é opaco, como se por trás da impossibilidade de proferir palavras espreita a loucura.

“Ano que vem, vou mostrá-lo na Sociedade Rural”, diz El Gringo com voz triunfante, e ele ri e soa como um rato arranhando uma parede. Egmont olha para ele sem entender e El Gringo explica que a Sociedade Rural premia as melhores cabeças das raças mais puras.

Eles passam pelas gaiolas. El Gringo se afasta de Egmont e se aproxima dele, no momento em que pensa que deve haver mais de 200

no celeiro. E não é o único celeiro. O homem põe a mão em seu

ombro. A mão é pesada. Ele sente o calor, o suor saindo dessa mão que está começando a molhar sua camisa. Em voz baixa, El Gringo diz:

“Tejo, escute, vou enviar o novo lote na próxima semana. Carne premium, qualidade de exportação. Vou jogar alguns FGPs.”

Ele sente a respiração ofegante de El Gringo perto de seu ouvido.

“No mês passado você nos enviou um lote com duas cabeças doentes.

A Food Standards Agency não autorizou a embalagem. Tivemos que jogá-los para os Catadores. Krieg me disse para lhe dizer que, se acontecer novamente, ele levará seus negócios para outro lugar.

El Gringo acena com a cabeça. "Vou terminar com Egmont e vamos discutir isso", diz ele, e os leva ao seu escritório.

Não há secretárias japonesas nem chá vermelho. Quase não há espaço na sala e as paredes são feitas de papelão. É nisso que ele está pensando quando El Gringo lhe entrega um folheto e diz: "Aqui, Tejo, leia isso", antes de explicar a Egmont que está exportando sangue de um lote especial de fêmeas grávidas. Ele esclarece que o sangue tem propriedades especiais. As grandes letras vermelhas do folheto dizem que o procedimento reduz o número de horas improdutivas da mercadoria.

Ele pensa: mercadoria, outra palavra que obscurece o mundo.

El Gringo ainda está falando. Ele esclarece que os usos do sangue de mulheres grávidas são infinitos. Ele diz que no passado o negócio do sangue não era explorado porque era ilegal. E que ele recebe uma fortuna porque quando o sangue é retirado de uma mulher, inevitavelmente ela acaba abortando depois de ficar anêmica. A máquina traduz. As palavras caem sobre a mesa com um peso desconcertante. El Gringo diz a Egmont que vale a pena investir nesse negócio.

Egmont não diz nada. Nenhum deles faz. El Gringo enxuga a testa com a manga da camisa. Eles saem do escritório.

Eles passam pelo setor leiteiro. As máquinas estão aspirando os úberes das fêmeas, é assim que El Gringo os chama, e no dispositivo, ele diz: "O leite desses úberes é de

alta qualidade". El Gringo oferece a ambos um copo, que só Egmont aceita, e diz: "Ordenado recentemente". Ele explica que essas fêmeas são ariscos e têm uma vida produtiva curta. Eles ficam estressados com facilidade e quando não estão mais em uso, sua carne tem que ser enviada para a planta de processamento que abastece a indústria de fast food, assim ele pode maximizar o lucro. O alemão acena

e diz: "Sehr schmackhaft", e a máquina traduz: "Muito saboroso".

No caminho para a saída, eles passam pelo celeiro onde são mantidas as fêmeas fecundadas. Alguns estão em gaiolas, outros deitam-se em mesas. Eles não têm braços ou pernas.

Ele desvia o olhar. Ele sabe que em muitos centros de reprodução é prática comum mutilar as fêmeas grávidas que matam seus fetos batendo seus estômagos contra as barras de sua gaiola, ou não comendo, fazendo o que for preciso para evitar que seus bebês nasçam e morram. em uma planta de processamento. Se eles soubessem, ele pensa.

El Gringo acelera o passo e diz coisas a Egmont, que não vê as fêmeas grávidas nas mesas.

O celeiro adjacente abriga as crianças em suas incubadoras. O

alemão para para olhar as máquinas. Ele tira fotos.

"Tejo", diz El Gringo, aproximando-se dele, seu suor pegajoso exalando um odor enjoativo. "O que você me contou sobre o FSA é preocupante. Amanhã telefonarei aos especialistas para que venham examinar as cabeças. Se você conseguir um que precise ser descartado, me avise e eu o descontarei."

Os especialistas estudaram medicina, ele pensa, mas quando o trabalho deles é examinar os lotes nos centros de criação, ninguém os chama de médicos.

“Outra coisa, Gringo, você vai ter que parar de economizar nos caminhões de transporte. No outro dia, dois chegaram meio mortos.”

El Gringo acena com a cabeça.

“Ninguém espera que eles viajem na primeira classe, mas não os empilhe como sacos de farinha porque eles desmaiam, ou batem a cabeça, e se morrerem, quem paga? E também, eles se machucam e os curtumes pagam menos pelo couro. O chefe também não está feliz com isso.”

Ele dá a El Gringo a pasta de amostras do Señor Urami. “Você terá que ser especialmente cuidadoso com as peles mais claras. Vou deixar esta pasta com você por algumas semanas para que você possa dar uma boa olhada no valor de cada amostra e tratar as skins mais caras com cuidado extra.”

El Gringo fica vermelho. “Ponto tomado, não vai acontecer novamente. Um caminhão quebrou e eu os empilhei um pouco mais do que o normal para receber o pedido.”

Eles andam por outro celeiro. El Gringo abre uma das jaulas.

Ele tira uma mulher com uma corda em volta do pescoço.

Ele abre a boca dela. Ela parece fria, está tremendo.

“Olhe para este conjunto de dentes. Perfeitamente saudável”, diz El Gringo. Ele levanta os braços e abre as pernas. Egmont se aproxima para dar uma olhada. El Gringo fala na máquina: “É importante investir em vacinas e

medicamentos para mantê-los saudáveis. Muitos antibióticos. Todas as minhas cabeças têm seus papéis em dia e em ordem.”

O alemão olha para ela de perto. Ele anda ao redor, se agacha, olha para os pés dela, abre os dedos dos pés. Ele fala no dispositivo, que traduz: “Ela é da geração purificada?”

El Gringo reprime um sorriso. “Não, ela não é a Geração Pura. Ela foi geneticamente modificada para crescer muito mais rápido, e complementamos isso com alimentos especiais e injeções.”

“Mas isso muda o sabor dela?”

“A carne dela é bem saborosa. Claro, o FGP é carne de alta qualidade, mas a qualidade dessa carne é excelente.”

El Gringo pega um dispositivo que parece um tubo. Tejo está familiarizado com isso. Ele o usa na planta de processamento. El Gringo coloca uma extremidade do tubo no braço da fêmea. Ele aperta um botão e ela abre a boca de dor. Deixa uma ferida não maior que um milímetro em seu braço, mas sangra. El Gringo gesticula para um funcionário que se aproxima para fazer um curativo no ferimento.

Dentro do tubo há um pedaço de carne do braço da fêmea. É

esticado e muito pequeno, não maior que meio dedo. El Gringo entrega-o ao alemão e diz-lhe para experimentar. O alemão hesita. Mas depois de alguns segundos, ele tenta e sorri.

“Muito gostoso, não é? E o que você tem lá é um pedaço sólido de proteína”, diz El Gringo na máquina, que traduz.

O alemão assente.

“Isso é carne de primeira, Tejo”, diz El Gringo em voz baixa, aproximando-se dele.

“Se você nos enviar uma cabeça ou duas com carne dura, eu posso cobrir você; o chefe sabe que os atordoantes podem escorregar quando atacam, mas não há como brincar com a FSA.”

“Certo, claro.”

“Antes aceitavam suborno quando eram porcos e vacas, mas hoje, esqueça. Você tem que entender que eles são todos paranóicos por causa do vírus. Eles farão uma reclamação contra você e fecharão sua fábrica.”

El Gringo acena com a cabeça. Ele pega a corda e coloca a fêmea na gaiola.

Ela perde o equilíbrio e cai no feno.

O cheiro de churrasco está no ar. Eles vão para a área de descanso, onde os lavradores estão assando uma costela de carne em uma cruz.

El Gringo explica a Egmont que eles estão preparando desde as oito da manhã: “Então derrete na boca”, e que os caras estão prestes a comer um cabrito. “É a carne mais tenra, só tem pouca, porque um cabrito não pesa tanto quanto um bezerro. Estamos comemorando porque um deles virou pai”, explica. “Quer um sanduíche?”

Egmont acena com a cabeça, mas ele diz que não e os outros dois olham para ele com surpresa. Ninguém recusa esta carne, comê-la pode custar o salário de um mês. El Gringo não diz nada porque sabe que suas vendas dependem da quantidade de cabeças que a Usina de Processamento Krieg compra. Um dos lavradores corta um pedaço de carne de cabrito e faz dois sanduíches. Ele adiciona um molho picante que é de cor laranja-avermelhada.

Eles caminham até um pequeno celeiro. El Gringo abre outra jaula e gesticula para eles se aproximarem. Ele diz na máquina: “Comecei a criar cabeças obesas. Eu os alimento em excesso para que mais tarde eu possa vendê-los para uma fábrica de processamento especializada em gordura. Eles fazem tudo, até bolachas gourmet.”

O alemão se distancia um pouco para comer seu sanduíche. Ele faz isso curvado, não querendo manchar suas roupas. O molho cai muito perto de seus tênis. El Gringo se aproxima para lhe dar um lenço, mas Egmont gesticula para mostrar que está bem, que o sanduíche está bom; ele fica ali comendo.

“Gringo, eu preciso de pele negra.”

“Na verdade, estou apenas negociando para trazer muita coisa da África, Tejo. Você não é o primeiro a fazer um pedido.”

"Vou confirmar o número de cabeças mais tarde."

“Aparentemente, algum designer famoso está fazendo roupas com couro preto agora e a demanda vai disparar neste inverno.”

Está na hora dele ir embora. Ele não aguenta mais a voz de El Gringo. Ele não suporta a forma como as palavras do homem se acumulam no ar.

Eles passam por um celeiro branco que é novo, que ele não viu ao entrar. El Gringo aponta para ele e fala na máquina, dizendo que está investindo em outro negócio e vai criar cabeças para transplante de órgãos. Egmont se aproxima e parece interessado. El Gringo dá uma mordida em seu sanduíche e, com a boca cheia de carne, diz: “Eles finalmente aprovaram a lei. Exigirá mais licenças e inspeções, mas é mais lucrativo. Mais um bom negócio para investir.”

Ele não quer mais ouvir as palavras de El Gringo e se despede. O

alemão está prestes a apertar sua mão, mas se detém quando vê que há óleo do sanduíche nela. Ele faz um gesto de desculpas e diz baixinho:

“Entschuldigung” e depois sorri. A máquina não traduz.

Do canto da boca, o molho de laranja cai lentamente e começa a pingar em seu tênis branco.

4

Ele acorda cedo porque tem que passar no açougue. Sua esposa ainda está na casa de sua mãe.

Ele entra em uma sala que está vazia, exceto por uma cama no centro. Ele toca a madeira branca do catre. Na cabeceira, há um desenho de um urso e um pato se abraçando. Eles

estão cercados por esquilos e borboletas e árvores e um sol sorridente. Não há nuvens ou humanos. Tinha sido o berço dele e depois o do filho. Produtos com animais doces e inocentes não são mais vendidos. Eles foram substituídos por barquinhos, flores delicadas, fadas, gnomos. Ele sabe que precisa se livrar dele, destruí-lo e queimá-lo antes que sua esposa volte. Mas ele não pode.

Ele está tomando mate quando ouve a buzina de um caminhão na entrada de sua casa. Isso o assusta e ele derruba o companheiro e se queima. Ele vai até a janela e vê as letras vermelhas de Tod Voldelig.

Sua casa é bastante isolada. Os vizinhos mais próximos estão a dois quilômetros de distância. Para chegar lá, é preciso abrir o portão, que ele achava que estava trancado, e seguir pela estrada sulcada de eucaliptos dos dois lados. Ele está surpreso por não ter ouvido o motor do caminhão ou visto a nuvem de poeira. Ele costumava ter cães que perseguiam carros e latiam para eles. A ausência deles deixou um silêncio opressivo, completo.

Alguém está batendo palmas e chamando seu nome. “Olá, senhor Tejo?” “Sim, sou eu.”

“Recebi um presente do El Gringo. Você pode assinar aqui?”

Ele assina sem pensar. O homem lhe entrega um envelope e depois caminha até o caminhão. Ele abre a porta dos fundos, entra e tira uma fêmea.

"O que é aquilo?"

“É um FGP

feminino.”

"Leve-a de volta, ok? Agora."

O homem fica parado sem saber o que fazer, e olha para ele, confuso. Ninguém recusaria um presente como este. A venda da fêmea equivaleria a uma pequena fortuna. O homem puxa a corda

em volta do pescoço porque ele não sabe o que fazer. A fêmea se move submissamente.

"Não posso. Se eu a levar de volta, El Gringo vai se livrar de mim."

O homem aperta a corda e estende a outra ponta. Mas ele não a alcança, e o homem joga a corda no chão, dá alguns passos rápidos, entra no caminhão e vai embora.

5

"Gringo, o que você me mandou?" "Um presente."

"Eu mato cabeças, não as crio, ok?"

"Apenas fique com ela por alguns dias e depois faremos um churrasco."

"Não tenho tempo nem meios para mantê-la por alguns dias. Eu não a quero."

"Vou enviar os homens amanhã para matá-la para você."

"Se eu quiser matá-la, farei isso eu mesmo."

“Então está resolvido. Enviei-lhe todos os papéis caso queira vendê-

la. Ela é saudável, todas as vacinas estão em dia. Você também pode cruzar com ela. Ela está na idade certa para se reproduzir. Mas o mais importante é que ela é uma FGP.”

Ele não responde. El Gringo diz a ele que essa fêmea é um luxo, repete que ela tem genes puros, como se ele não soubesse, e diz que ela é de uma remessa que recebe ração à base de amêndoa há mais de um ano. “É para um cliente exigente que pede carne sob medida”, explica, e diz que cria algumas cabeças extras caso morram. El Gringo se despede, mas primeiro esclarece que o presente é um reconhecimento do quanto ele valoriza fazer negócios com a Krieg Processing Plant.

"Certo, obrigado", diz ele e desliga com raiva. Em sua mente, ele amaldiçoa El Gringo e seu dom. Ele se senta e olha a hora. Está ficando tarde. Ele sai para desamarrar a fêmea da árvore onde a deixou. Ela não tirou a corda do pescoço. Claro, ele pensa, ela não sabe que pode. Ele se move em direção a ela e ela começa a tremer.

Ela olha para o chão. Urina. Ele a leva para o celeiro e a amarra na porta de um caminhão quebrado e enferrujado.

Ele entra na casa e pensa no que pode deixar para ela comer. El Gringo não enviou nenhum feed balanceado; tudo o que ele enviou foi um problema. Ele abre a geladeira. Um limão. Três cervejas. Dois tomates.

Metade de um pepino. E um pote de sobras de alguma refeição, que ele cheira e decide que ainda está bom. É arroz branco.

Ele leva uma tigela de água e outra cheia de arroz frio para o celeiro.

Então ele tranca a porta e sai.

6

A parte mais difícil da corrida da carne são os açougues porque ele tem que entrar na cidade, porque tem que ver Spanel, porque o calor do concreto dificulta a respiração, porque ele tem que respeitar o toque de recolher, porque os prédios e as praças e as ruas lembram-lhe que havia mais gente, muito mais.

Antes da Transição, os açougues eram ocupados por funcionários mal pagos. Eles eram muitas vezes forçados pelos proprietários a adulterar a carne para que pudesse ser vendida depois que começasse a apodrecer. Quando trabalhava na fábrica de processamento de seu pai, um funcionário lhe disse: “O que vendemos está morto, está apodrecendo e aparentemente as pessoas não querem aceitar isso”.

Entre goles de chimarrão, o homem lhe contou os segredos para adulterar a carne para que fique fresca e sem cheiro: e tempero, muita pimenta.” As pessoas sempre confessavam coisas para ele. Ele acha que é porque é um bom ouvinte e não está interessado em falar sobre si mesmo. O funcionário explicou que seu chefe compensaria as perdas comprando carne que havia sido confiscada pela FSA, carcaças cheias de vermes, e que ele teria que trabalhar a carne e depois colocá-la à venda. Ele explicou que “trabalhar a carne” significava deixá-la na geladeira por muito tempo para que o frio tirasse o cheiro. Ele disse que seu chefe o obrigou a

vender carne doente coberta de manchas amarelas, que ele teve que remover. O funcionário queria sair, para conseguir um emprego na Cypress Processing Plant, já que tinha uma reputação tão boa. Ele só queria fazer um trabalho honesto para poder sustentar sua família. Ele não aguentava o cheiro de alvejante, o cheiro de frango podre o fazia vomitar, ele nunca se sentiu tão doente e miserável. E não conseguia olhar os clientes nos olhos, as mulheres que tentavam sobreviver, e pedia o que fosse mais barato para fazer empanados à milanesa para seus filhos. Se seu chefe não estava lá, ele lhes dava o que havia de mais fresco; caso contrário, ele tinha que vender a carne podre e depois não conseguia dormir por causa da culpa. Este trabalho estava consumindo-o pouco a pouco. O

empregado

contou tudo isso e ele conversou com o pai, que decidiu parar de vender carne para o açougue e contratar o homem para vir trabalhar para ele.

Seu pai é uma pessoa íntegra, por isso enlouqueceu.

Ele entra no carro e suspira. Mas logo se lembra que vai ver Spanel e sorri, embora vê-la seja sempre complicado.

Enquanto ele está dirigindo, uma imagem explode em sua mente. É

a fêmea em seu celeiro. O que ela está fazendo? Ela tem comida suficiente? Ela está com frio? Ele tem esses pensamentos e silenciosamente amaldiçoa El Gringo.

Ele chega ao Spanel Butchers e sai do carro. As calçadas da cidade estão mais limpas agora que não há cães. E mais vazio.

Na cidade, tudo é extremo. Furioso.

Após a Transição, os açougues fecharam e só mais tarde, legitimado o canibalismo, alguns deles reabriram. As novas lojas são exclusivas e geridas pelos seus proprietários, que exigem produtos de altíssima qualidade. Poucos são capazes de abrir um segundo local, e aqueles que têm um parente ou alguém em quem possam confiar absolutamente o administram.

A carne especial vendida nos açougues não é acessível, por isso existe o mercado negro, para vender um produto mais barato que não precisa ser inspecionado ou vacinado, é uma carne fácil, com nome e sobrenome. É assim que se

chama a carne ilegal, carne obtida e produzida após o toque de recolher. Mas também nunca será geneticamente modificado e monitorado para torná-lo mais macio, saboroso e viciante.

Spanel foi uma das primeiras a reabrir seu açougue. Ele sabe que ela é indiferente ao mundo. A única coisa que ela pode fazer é cortar carne e ela faz isso com a frieza de um cirurgião. A energia viscosa, o ar frio em que os cheiros estão suspensos, os azulejos brancos destinados a afirmar a higiene, o avental manchado de sangue, é tudo igual para ela.

Para Spanel, tocar, cortar, moer, processar, desossa, cortar o que antes respirava, é uma tarefa automática, mas feita com precisão. A dela é uma paixão contida, calculada.

Com a carne especial era preciso se adaptar a novos cortes, novas medidas e pesos, novos sabores. Spanel foi a primeira e a mais rápida a fazê-lo porque manuseava a carne com desapego arrepiante.

Inicialmente, ela tinha apenas alguns clientes: as empregadas dos ricos.

Mas ela tinha olho para os negócios e abriu a primeira loja do bairro com

o maior poder aquisitivo. As empregadas pegavam a carne, enojadas e confusas, e sempre esclareciam que tinham sido enviadas pelo homem ou mulher para quem trabalhavam, como se isso fosse necessário.

Spanel olhava para essas mulheres com uma careta, mas era de compreensão, e as empregadas sempre voltavam para mais, cada vez mais confiantes, até que finalmente pararam de dar explicações. Com o tempo, os clientes

tornaram-se mais frequentes. O fato de uma mulher comandar a loja deixou todos à vontade.

Mas nenhum deles sabe o que essa mulher pensa. Exceto por ele.

Ele a conhece bem porque ela trabalhava na fábrica de processamento de seu pai.

Spanel diz coisas estranhas para ele enquanto ela fuma. Ele quer que a visita termine o mais rápido possível porque a intensidade congelada dela o deixa desconfortável. E Spanel o mantém lá - ela faz isso sempre - exatamente como quando ele começou a trabalhar na fábrica de seu pai e ela o trouxe para a sala de corte depois que todos foram embora.

Ele acha que ela não tem ninguém com quem conversar, ninguém com quem compartilhar seus pensamentos. Ele também acredita que Spanel estaria disposto a se deitar na mesa de corte novamente e que ela seria tão eficiente e distante quanto quando ele ainda não era um homem. Ou não. Agora ela estaria vulnerável e frágil, abrindo os olhos para que ele pudesse entrar, ali, além do frio.

Ela tem um assistente, um homem que ele nunca disse uma palavra.

O assistente faz o trabalho pesado; ele carrega as carcaças na câmara frigorífica e limpa a loja. Seu olhar é como o de um cachorro, cheio de lealdade incondicional e ferocidade contida. Ele não sabe o nome do assistente, pois Spanel nunca se dirige ao homem, e quando está na loja, “El Perro”, o cachorro, geralmente se faz pouco.

A princípio Spanel copiou os cortes tradicionais de carne bovina para que a mudança não fosse tão abrupta. Um

cliente entrava e era como estar em um açougue de outrora. Ao longo dos anos, a loja se transformou, gradual, mas persistentemente. Primeiro foram as mãos embaladas que Spanel colocou ao lado onde estavam escondidas entre as milanesas à provençale, os cortes de tri-tip e os rins. O rótulo dizia

“Carne Especial”, mas em outra parte da embalagem, Spanel esclareceu que era “Extremidade Superior”, evitando estrategicamente a palavra mão. Em seguida, ela acrescentou pés embalados, que foram exibidos em uma cama de

alface com o rótulo “Extremidade Inferior” e, posteriormente, uma travessa com línguas, pênis, narizes, testículos e uma placa que dizia

“Delicias do Spanel”.

Em pouco tempo, as pessoas começaram a pedir pés dianteiros ou traseiros, usando os cortes de carne de porco para se referir às extremidades superiores e inferiores. A indústria tomou isso como permissão e começou a rotular os produtos com esses eufemismos que anulavam todo o horror.

Hoje Spanel vende brochettes feitos de orelhas e dedos, que ela chama de “brochettes mistos”. Ela vende licor de globo ocular. E

língua à vinagrete.

Ela o leva para uma sala nos fundos da loja com uma mesa de madeira e duas cadeiras. Eles estão cercados por geladeiras que guardam as meias carcaças que ela tira da câmara fria para fatiar e depois vender. O torso humano é referido como uma “carcaça”. A possibilidade de chamá-lo

de “meio torso” não está contemplada. Nas geladeiras, também há braços e pernas.

Spanel pede que ele se sente e lhe serve uma taça de vinho prensado com os pés. Ele bebe o vinho porque precisa, para poder olhá-la nos olhos, para não se lembrar de como ela o empurrou para a mesa que geralmente estava coberta de vísceras de vaca, mas estava limpa como uma mesa de operação, e abaixou as calças sem dizer uma palavra. A forma como ela levantou o avental, que ainda estava manchado de sangue, subiu na mesa onde ele estava nu e se abaixou com cuidado, agarrando os ganchos usados para mover as vacas.

Não é que ele ache Spanel perigosa ou louca, ou que a imagine nua (porque nunca a viu nua), ou que só conheceu algumas açougueiras e todas elas foram inescrutáveis, impossíveis de decifrar. É que ele também precisa do vinho para poder ouvi-la com calma, porque as palavras dela atingem seu cérebro. São palavras frígidas, cortantes, como quando ela disse “não” e agarrou os braços dele e os segurou contra a mesa com força, depois que ele tentou tocá-la, tirar o avental, passar os dedos pelos cabelos dela. Ou quando ele foi até ela no dia seguinte e a única coisa que ela disse foi “tchau”, sem explicação, sem beijo na saída. Mais tarde ele soube que ela herdou uma pequena fortuna, que foi como ela comprou o açougue.

Ele entrega seus formulários para assinar que certificam sua interação com a Krieg Processing Plant e declaram que ela não adultera a carne. São formalidades porque se sabe que ninguém faz isso, não agora, não com carne especial.

Spanel assina os formulários e toma um gole de vinho. São dez da manhã.

Ela lhe oferece um cigarro e acende para ele. Enquanto eles fumam, ela diz: “Não entendo por que o sorriso de uma pessoa é considerado atraente. Quando alguém sorri, está mostrando seu esqueleto.” Ele percebe que nunca a viu sorrir, nem mesmo quando ela segurou os ganchos, levantou o rosto e gritou de prazer. Foi um único grito, um grito ao mesmo tempo brutal e sombrio.

“Sei que quando eu morrer alguém vai vender minha carne no mercado negro, um dos meus terríveis parentes distantes. É por isso que eu fumo e bebo, então tenho um gosto amargo e ninguém sente prazer com a minha morte.” Ela dá uma tragada rápida e diz: “Hoje eu sou o açougueiro, amanhã eu posso ser o gado”. Ele bebe seu vinho e diz a ela que não entende, ela tem dinheiro e pode garantir que ela não seja comida quando morrer, muitas pessoas entendem. Ela lhe lança um olhar que poderia ser de pena: “Ninguém pode ter certeza de nada.

Deixe-os me comer, vou dar-lhes uma indigestão horrível.” Ela abre a boca, sem mostrar os dentes, e solta um som gutural que poderia ser uma gargalhada, mas não é. “Estou cercada pela morte, o dia todo, a qualquer hora do dia”, diz ela, apontando para as carcaças nas geladeiras. “Tudo indica que meu destino está aí. Ou você acha que não teremos que pagar por isso? “Então por que você não desiste? Por que não vender a loja e fazer

algo mais?”

Ela olha para ele e dá uma longa tragada. Por um tempo ela não diz nada, como se a resposta fosse óbvia e não precisasse de palavras.

Então ela exala a fumaça lentamente e diz: “Quem sabe um dia eu venda suas costelas por um bom preço. Mas não

antes de experimentar um.”

Ele bebe mais um pouco de vinho e diz: “É melhor você, sem dúvida, estou delicioso”, e dá um grande sorriso, mostrando seu esqueleto. Ela olha para ele com olhos gelados. Ele sabe que ela está falando sério. E que essa conversa é proibida, que essas palavras podem causar grandes problemas para eles. Mas ele precisa de alguém para dizer o que ninguém faz.

A campainha da loja toca. Um cliente. Spanel o deixa para cuidar dos negócios.

El Perro aparece e, sem olhar para ele, tira uma meia carcaça da geladeira e a leva para uma câmara fria com porta de vidro. Ele pode ver tudo o que El Perro faz. O homem pendura a meia carcaça para não se contaminar. Ele remove as etiquetas de aprovação da NMSA e começa a cortar a carne. Ele faz um corte fino sobre as costelas para retirar um bom pedaço de bife de fraldinha.

Enquanto assiste El Perro, pensa que não sabe mais de cor os cortes de carne. Durante o processo de adaptação, muitos dos nomes dos cortes bovinos foram transitados e misturados com os da carne suína.

Novos diretórios foram redigidos e cartazes redesenhados para mostrar os cortes de carnes especiais. Os cartazes nunca são mostrados ao público. El Perro pega uma serra e corta a nuca.

Spanel entra e serve mais vinho. Ela se senta e diz que as pessoas estão começando a pedir cérebros novamente. Um médico havia confirmado que comer cérebros causava sabe-se lá que doença, uma com algum nome composto, mas agora aparentemente outros médicos e várias universidades confirmaram que não é o caso. Ela sabe que a massa

viscosa não pode ser boa para você se não estiver dentro da sua cabeça. Mas ela vai comprá-los e cortá-los em fatias. É difícil de fazer, ela diz, porque eles são bastante escorregadios. Ela pergunta se ele pode fazer o pedido desta semana para ela, mas não espera por sua resposta. Ela pega uma caneta e começa a escrever. Ele não esclarece que ela pode fazer pedidos online. Ele gosta de ver Spanel escrever: ela é silenciosa, concentrada, séria.

Ele olha para ela de perto enquanto ela termina o pedido, as cartas que ela escreve bem apertadas. Spanel tem uma beleza detida sobre ela. Perturba-o que haja algo feminino sob a aura brutal que ela toma muito cuidado em emitir. Há algo admirável em sua indiferença artificial.

Há algo sobre ela que ele gostaria de quebrar.

7

Depois da Transição, ele sempre passava a noite na cidade, em um hotel, sempre que estava na corrida de carne, e depois no dia seguinte ia para a reserva de caça. Dessa forma, ele economizou algumas horas na estrada. Mas com a fêmea em seu celeiro, ele tem que voltar para casa.

Antes de sair da cidade, ele compra ração balanceada especialmente formulada para chefes domésticos.

Quando ele chega em casa, é noite. Ele sai do carro e vai direto para o celeiro, xingando El Gringo. Tinha que ser agora, bem no meio da semana em que ele está na corrida de carne que El Gringo descarrega esse problema nele. Bem quando Cecilia não está por perto.

Ele abre o celeiro. A fêmea está enrolada no chão, em posição fetal.

Ela está dormindo e parece fria apesar do calor. O arroz e a água acabaram. Ele a cutuca um pouco com o pé e ela pula. Ela protege a cabeça e se enrola ainda mais.

Ele entra na casa e pega alguns cobertores velhos, que ele traz de volta para o celeiro e coloca ao lado da fêmea. Então ele pega as tigelas, as enche e volta com elas para o celeiro. Ele se senta em um fardo de feno e olha para ela. Ela se agacha sobre uma das tigelas e bebe um pouco de água lentamente.

Ela nunca olha para ele. A vida dela é medo, ele pensa.

Ele sabe que pode criá-la, que é permitido. Ele está ciente de que há pessoas que fazem isso e que comem suas cabeças domésticas vivas, parte por parte. Dizem que a carne tem um gosto melhor, dizem que é muito fresca. Estão disponíveis tutoriais que explicam como, quando e onde fazer os cortes para que o produto não morra precocemente.

Possuir escravos é proibido. Ele se lembra das acusações contra uma família que mais tarde foi processada por manter dez escravas em uma oficina clandestina. Eles foram marcados. A família os comprou de um centro de criação e os treinou. Todos foram levados para o Matadouro Municipal. As fêmeas e a família tornaram-se carne especial. A imprensa noticiou o caso por semanas. Ele lembra

havia uma frase que todos repetiam, horrorizados: “A escravidão é uma barbárie”.

Ela não é ninguém e está no meu celeiro, ele pensa.

Ele não sabe o que fazer com a fêmea. Ela está suja. Ele terá que lavá-la em algum momento.

Ele fecha a porta do celeiro e vai até a casa. Lá dentro, ele tira a roupa e entra no chuveiro. Ele poderia vendê-la e se livrar do problema. Ele poderia criá-la, inseminá-la, começar com um pequeno monte de cabeças, ramificar-se da planta de processamento. Podia fugir, deixar tudo, abandonar o pai, a mulher, o filho morto, o berço à espera de ser destruído.

8

O telefonema de Nélida o acorda. “Don Armando teve um colapso, querida. Nada sério, mas achei que você deveria saber. Eu não preciso que você entre, embora seja bom. Você sabe que seu pai está feliz em vê-la, mesmo que nem sempre a reconheça. Sempre que você visita, não há episódios por alguns dias depois.”

Ele agradece a ela por avisá-lo e diz que vai parar em algum momento. Ele desliga e fica na cama pensando que não quer que o dia comece.

Depois de colocar a chaleira no fogão, ele se veste. Enquanto toma o primeiro gole de mate, ele chama a reserva de caça. Ele explica que tem uma emergência familiar, diz que ligará de volta para remarcar a visita. Então ele liga para Krieg e diz que ele vai precisar de mais tempo para a corrida de carne. Krieg diz que pode levar o tempo que precisar, mas que está esperando que ele entreviste dois candidatos a emprego.

Depois de pensar por alguns segundos, ele liga para sua irmã. Ele diz a ela que seu pai está indo bem e que ela deveria visitá-lo. Ela diz que está ocupada, criando dois filhos e cuidando da casa ocupando todo o seu tempo livre, mas logo irá embora. É mais difícil para ela chegar ao lar de idosos da cidade, ela diz, é tão longe e ela tem medo de voltar depois do toque de recolher. Ela diz isso com desprezo, como se o mundo fosse o culpado por suas escolhas. Então ela muda o tom de voz e diz a ele que eles não se viam há muito tempo, diz que quer jantá-lo com Cecília e pergunta como ela está, se ainda está com a mãe. Ele diz que vai ligar de volta em algum momento e desliga.

Ele abre a porta do celeiro. A fêmea está deitada nos cobertores. Ela acorda com um sobressalto. Ele pega as tigelas e volta com água e ração balanceada. Então ele vê que ela encontrou um lugar para se aliviar. Quando voltar, vai ter que limpar tudo, pensa cansado. Ele mal olha para ela porque ela é um incômodo, essa mulher nua em seu celeiro.

Uma vez que ele está em seu carro, ele dirige direto para a casa de repouso. Ele nunca avisa Nélida de antemão quando ele está vindo. É a melhor e mais cara instalação na área que ele está pagando, e ele sente que é seu direito aparecer sem avisar.

A casa de repouso está localizada entre sua casa e a cidade. Fica em uma área residencial de condomínios fechados. Sempre que vai visitar o pai, faz uma parada alguns quilômetros antes da casa.

Ele estaciona e caminha em direção à entrada do zoológico abandonado. As correntes que trancavam o portão estão quebradas. A grama crescida, as gaiolas vazias.

Ir ao zoológico é arriscado porque ainda há animais soltos. Ele sabe disso e não se importa. Os assassinatos em massa ocorreram nas cidades, mas por muito tempo houve pessoas que se agarraram aos seus animais de estimação, sem vontade de matá-los. Dizem que algumas dessas pessoas foram mortas pelo vírus. Outros abandonaram seus cães, gatos, cavalos no campo, no meio do nada. Nunca aconteceu nada com ele, mas as pessoas dizem que é perigoso andar sozinho, sem uma arma. Há matilhas de animais, e eles estão com fome.

Ele caminha para a cova dos leões. Quando ele chega lá, ele se senta no parapeito de pedra. Ele acende um cigarro e olha para o espaço vazio.

Ele pensa na vez em que seu pai o trouxe aqui. Ele não sabia o que fazer com o menino que não chorava, que não disse nada desde que sua mãe morreu. Sua irmã era um bebê, ela era cuidada por babás, alheias a tudo isso.

Seu pai o levava ao cinema, à praça, ao circo, a qualquer lugar longe de casa, longe das fotos de sua mãe sorridente segurando o diploma de arquitetura, as roupas ainda nos cabides, a gravura de Chagall que ela escolheu para colocar acima da cama. Paris pela janela: há um gato com rosto humano, um homem voando com um pára-quedas triangular, uma janela colorida, um casal escuro e um homem com duas faces e um coração na mão. Há algo que fala da loucura do mundo, uma loucura às vezes alegre, e cruel, embora todas sejam sérias. Hoje, a impressão está pendurada em seu quarto.

O zoológico estava cheio de famílias, maçãs carameladas, algodão doce em tons de rosa, amarelo, azul; risos, balões, cangurus de pelúcia, baleias, ursos. Seu pai dizia: “Olha, Marcos, um macaco chapim.

Olhar,

Marcos, uma cobra coral. Olha, Marcos, um tigre. Ele olhava sem falar porque sentia que seu pai não tinha palavras, que as que ele dizia não estavam realmente ali. Ele intuiu sem ter certeza de que as palavras de seu pai estavam prestes a quebrar, que estavam unidas por um fio transparente o mais fino.

Quando chegaram à cova dos leões, seu pai ficou ali observando e não disse nada. As leoas estavam descansando ao sol. O leão não estava lá. Alguém tinha um biscoito para alimentar os animais e o jogou na toca. As leoas olhavam com indiferença. Estão tão longe, pensou, e naquele momento tudo o que queria era pular na toca, deitar-se com as leoas e dormir. Ele teria gostado de acariciá-los. As crianças gritavam, rosnavam, tentavam rugir, as pessoas se amontoavam, diziam “com licença”. Mas, de repente, todos ficaram em silêncio. O

leão saiu das sombras, de uma caverna, e caminhou lentamente. Ele olhou para o pai e disse: “Pai, o leão, o leão está ali, está vendo?” Mas a cabeça de seu pai estava baixa, ele estava desaparecendo entre todas aquelas pessoas. E embora ele não estivesse chorando, as lágrimas estavam lá,

Ele termina o cigarro e o joga na sala. Então ele se levanta para sair.

Lentamente, ele volta para o carro, com as mãos nos bolsos da calça.

Ele ouve um uivo. Está na distância. Ele para e olha em volta para ver se consegue ver alguma coisa.

Ele chega à Casa de Repouso New Dawn. É uma casa grande cercada por jardins bem cuidados com bancos,

árvores e fontes. Foi-lhe dito que havia patos em um pequeno lago artificial. Hoje a lagoa se foi. Os patos também.

Quando ele toca a campainha, uma enfermeira atende. Ele nunca consegue se lembrar de seus nomes, embora todos se lembrem do dele.

“Señor Marcos, como vai? Entre, vamos trazer Don Armando daqui a pouco.

Ele se certificou de que todos os funcionários da casa fossem enfermeiros. Não cuidadores ou atendentes noturnos sem educação ou treinamento. Foi lá que ele conheceu Cecilia.

A primeira coisa que ele percebe toda vez que entra é o leve cheiro de urina e medicação. O odor artificial dos produtos químicos que mantêm esses corpos respirando. A casa está impecavelmente limpa, mas ele sabe

o cheiro de urina é quase impossível de se livrar com os idosos de fraldas. Ele nunca os chama de vovôs.

Nem todos são avós, ou serão. Eles são apenas idosos, pessoas que estão vivas há muitos anos, e talvez essa seja sua única conquista.

A enfermeira o conduz até a sala de espera e lhe oferece algo para beber. Ele se senta em uma poltrona de frente para uma enorme janela que se abre para um jardim. Ninguém vai passear no jardim sem proteção. Algumas pessoas usam guarda-chuvas. Os pássaros não são violentos, mas as pessoas entram em pânico ao redor deles. Um pássaro preto pousa no galho de um pequeno arbusto. Ele ouve um suspiro. Uma mulher, um idoso, um paciente no lar de idosos está olhando com medo para o pássaro. Ele

voa e a veterana murmura alguma coisa, como se pudesse se proteger com palavras. Então ela adormece em seu assento. Ela parece ter sido banhada recentemente.

Ele se lembra de *The Birds*, de Hitchcock, e do impacto que o filme teve sobre ele quando o viu, e como desejou que não tivesse sido proibido.

Ele se lembra de quando conheceu Cecilia. Ele estava sentado na mesma poltrona, esperando. Nélida não estava e foi Cecilia quem o levou para o pai. Naqueles dias seu pai andava, falava, era um tanto lúcido em suas visitas. Quando ele se levantou e a viu, não sentiu nada em particular. Apenas mais uma enfermeira. Mas então ela começou a falar e ele prestou atenção. Aquela voz. Ela falou sobre a dieta especial que Don Armando estava fazendo, sobre como eles estavam monitorando sua pressão arterial e fazendo check-ups regulares, sobre como ele estava mais calmo agora. Ele viu luzes infinitas ao redor deles e sentiu que a voz dela poderia levantá-lo. Que sua voz era uma saída do mundo.

Depois do que aconteceu com o bebê, as palavras de Cecilia tornaram-se buracos negros, começaram a desaparecer em si mesmas.

Há uma TV ligada sem volume. É uma reprise de um show antigo onde os participantes têm que matar gatos com um pedaço de pau. Eles arriscam suas vidas para ganhar um carro. O público aplaude.

Ele pega um folheto para o lar de idosos. Está em uma mesa lateral, ao lado das revistas. Na capa, um homem e uma mulher estão sorrindo.

Eles são idosos, mas não muito idosos. As brochuras costumavam ter

fotos de idosos brincando em um prado ou sentados em um parque cercado por vegetação. Hoje o pano de fundo é neutro. Mas os idosos estão sorrindo como sempre fizeram. Dentro de um círculo, em letras vermelhas, estão as palavras “Segurança garantida 24 horas por dia, 7

dias por semana”. Sabe-se que em asilos públicos, quando a maioria dos idosos morre, ou é deixada para morrer, eles são vendidos no mercado negro. É a carne mais barata que o dinheiro pode comprar porque é seca e doente, cheia de produtos farmacêuticos. É carne com nome e sobrenome. Em alguns casos, os próprios familiares de um idoso autorizam uma casa de repouso privada ou estatal a vender seu corpo e usar os recursos para pagar qualquer dívida. Não há mais funerais. É muito difícil garantir que um corpo não seja desenterrado e comido. Por isso muitos dos cemitérios foram vendidos e outros abandonados.

Ele não permitirá que seu pai seja cortado.

Da sala de espera, ele pode ver a área do salão onde os idosos relaxam. Eles estão sentados e assistindo televisão. É como eles passam a maior parte do tempo. Eles assistem televisão e esperam morrer.

Não há muitos deles. Isso era outra coisa que ele tinha certeza. Ele não queria seu pai em uma casa de repouso cheia de idosos negligenciados. Mas também não são muitos porque é a instalação mais cara da cidade.

O tempo sufoca neste lugar. As horas e os segundos grudam na pele, perfuram-na. Melhor ignorar sua passagem, embora isso não seja possível.

“Olá, Marcos. Como você está? É tão bom ver você, querida.”

Nélida trouxe o pai numa cadeira de rodas. Ela o abraça porque gosta dele, porque todas as enfermeiras conhecem a história do homem que não é apenas um filho dedicado, mas que resgatou uma das enfermeiras e se casou com ela.

Após a morte do bebê, Nélida começou a abraçá-lo.

Ele se agacha e olha seu pai nos olhos e pega suas mãos. "Oi, pai", diz ele. O olhar do pai está perdido, desolado.

"Como está o papai, melhor?" ele diz, levantando-se. "Você sabe o que o motivou?"

Nélida diz para ele se sentar. Ela deixa seu pai ao lado da poltrona, olhando pela janela. Eles se sentam perto, em uma mesa com duas cadeiras.

"Don Armando teve outro episódio, querida. Ontem ele tirou toda a roupa, e quando Marta, ela é a enfermeira que trabalha à noite, foi cuidar de um dos outros moradores, seu pai foi para a cozinha e comeu o bolo de aniversário inteiro que separamos para um avô que é fazendo noventa".

Ele cobre o sorriso. O pássaro preto levanta voo e pousa em outro arbusto. Seu pai aponta alegremente para o pássaro. Ele se levanta e empurra a cadeira de rodas para perto da janela. Quando ele volta a se sentar, Nélida olha para ele com carinho e pena. "Marcos, vamos ter que voltar a amarrá-lo à noite", diz ela. Ele concorda. "Eu preciso que você assine o formulário de autorização. É para o bem de Don Armando. Você sabe que eu não gosto de fazer isso. Mas seu pai é sensível. Ele não pode ir comer o que quiser, não é bom para ele. Além disso, hoje é um bolo, amanhã é uma faca."

Nélida vai buscar os formulários.

Seu pai mal fala agora. Ele emite sons. Reclamações.

As palavras estão lá, encapsuladas. Eles estão apodrecendo por trás da loucura.

Ele se senta na poltrona e olha pela janela. Então ele pega a mão de seu pai. Seu pai olha para ele como se não o conhecesse, mas também não afasta a mão.

9

Ele chega à usina de processamento. É isolado e cercado por cerca elétrica. Eles a colocaram porque os Carniceiros continuavam tentando entrar. Antes que a cerca fosse eletrificada, os Carniceiros a quebravam, escalavam e se cortavam apenas para conseguir carne fresca. Agora se contentam com as sobras, os pedaços que não têm uso comercial, com a carne doente, com o que ninguém comia, a não ser eles.

Antes de entrar na fábrica, ele se senta no carro por alguns segundos e observa o complexo de prédios. São brancos, compactos, eficientes.

Não há nada que indique que dentro deles, humanos sejam mortos. Ele se lembra das fotos do Matadouro Salamone que sua mãe lhe mostrou.

O edifício foi destruído, mas a fachada permanece intacta, a palavra

“Matadouro” ressoando em silêncio. Enorme e só, a palavra resistiu, não desapareceu. Aguentou-se, recusando-se a ser quebrada pelo tempo, pelo vento que perfurava a pedra,

pelo clima que corroía a fachada que sua mãe lhe dizia ter influência art déco. As letras cinzentas destacam-se contra o pano de fundo do céu. Não importa como é o céu, se é um azul opressivo, ou cheio de nuvens, ou um preto raivoso, a palavra permanece, a palavra que fala da verdade implacável por trás de um belo edifício. “Matadouro” porque ali acontecia o abate.

Sua mãe queria reformar a fachada da Cypress Processing Plant, mas seu pai não concordou com isso. Ele achava que um matadouro deveria passar despercebido e se misturar com a paisagem, que nunca deveria ser chamado do que realmente é.

O segurança que trabalha de manhã, um homem chamado Oscar, está lendo o jornal. Quando Oscar o vê sentado no carro, ele fecha o jornal imediatamente e acena nervosamente. Oscar abre a porta para ele e diz, com uma voz um pouco forçada: “Bom dia, senhor Tejo, como vai?” Ele reconhece o segurança com um movimento da cabeça.

Ele sai do carro. Antes de entrar, ele fuma, os braços apoiados no teto do carro, parado, observando. Ele enxuga o suor de seu

testa.

Não há nada nas proximidades da planta de processamento. Nada que possa ser visto a olho nu. Há um espaço que foi limpo, exceto por algumas árvores solitárias e um riacho. Ele é gostoso, mas fuma devagar, esticando os minutos antes de entrar na fábrica.

Ele vai direto para o escritório de Krieg. Alguns funcionários o cumprimentam no caminho. Ele responde quase sem olhar para eles.

Ele beija a secretária, Mari, na bochecha. Ela lhe oferece um café e diz: “Vou pegar isso para você em um segundo, Marcos, estou muito feliz em vê-lo. O Señor Krieg estava começando a ficar nervoso. Isso acontece toda vez que você está na corrida da carne.” Ele entra no escritório sem bater e se senta sem pedir permissão. Krieg está ao telefone. Ele sorri e gesticula que estará com ele.

As palavras de Krieg são contundentes, mas escassas. Ele fala pouco e fala devagar.

Ele é uma daquelas pessoas que não foi feita para a vida. Seu rosto parece um retrato que deu tudo errado, um que o artista amassou e jogou na lata de lixo. Ele é alguém que não se encaixa em lugar nenhum. Ele não está interessado em contato humano, e é por isso que ele remodelou seu escritório. Primeiro ele o isolou, para que apenas sua secretária pudesse ouvi-lo e vê-lo. Então ele adicionou outra porta.

A porta se abre para uma escada que o leva direto para o estacionamento privativo atrás da fábrica. Os funcionários o vêem com pouca frequência, ou nunca.

Trabalhando para Krieg, ele viu como o homem administra o negócio com perfeição: quando se trata de números e transações, ele é o melhor. Se for uma questão de conceitos abstratos, tendências de mercado, estatísticas, Krieg se destaca. Ele só está interessado em humanos comestíveis, cabeças, o produto. O que ele não está interessado são as pessoas. Ele odeia cumprimentá-los, conversar sobre o frio ou o calor, ter que ouvir seus problemas, aprender seus nomes, saber quem está de licença ou quem teve um filho. É por isso que Krieg precisa dele. Ele é aquele que todos respeitam e gostam porque nenhum deles o conhece, não realmente. Poucos sabem que ele perdeu um filho, que sua

esposa partiu, que seu pai está caindo em um silêncio sombrio e demente.

Ninguém sabe que ele é incapaz de matar a fêmea em seu celeiro.

10

Krieg desliga.

“Tenho dois candidatos a emprego esperando. Você não os viu quando entrou?”

"Não."

“Eu quero que você dê a eles o teste. Só estou interessado em contratar o melhor dos dois.”

"Entendi."

“Quando terminar, me dê as atualizações. Isso é mais urgente.”

Ele se levanta para sair, mas Krieg gesticula para que ele se sente novamente. “Há algo mais. Um funcionário foi encontrado com uma mulher.” “Quem?”

“Um dos guardas noturnos.”

“Não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eles não são minha responsabilidade.” “Estou avisando porque vou ter que mudar o empresa de segurança

novamente.” “Como eles o

pegaram?”

“As imagens de segurança. Começamos a verificá-lo todas as manhãs.” “E a fêmea?”

“Ele a estuprou até a morte. Então ele a jogou em uma das gaiolas do grupo com os outros. Ele nem a colocou na gaiola certa, idiota.”

"O que acontece agora?"

“A FSA tem que ser chamada e um relatório policial arquivado por destruição de bens móveis.”

“A empresa de segurança terá que nos reembolsar pelo valor da fêmea.”

“Certo, isso também, especialmente porque ela era uma FGP.”

Quando se levanta para sair, vê Mari com o café. Ela parece frágil, mas ele sabe que se essa mulher fosse instruída a abater todo o carregamento, ela faria isso sozinha, sem um único músculo em seu corpo tremendo. Ele acena para ela esquecer o café e pede para ser apresentado aos candidatos a emprego. “Eles estão esperando

quarto, você não os viu quando entrou?” ela pergunta, e se oferece para derrubá-lo. Ele diz que vai sozinho.

Dois jovens estão esperando em silêncio. Ele se apresenta e diz a eles para segui-lo. Ele diz que eles vão fazer um pequeno tour pela planta de processamento. Enquanto caminham para o pátio de descarga, ele pergunta por que eles querem o emprego. Ele não espera respostas elaboradas. Ele sabe que os candidatos estão em falta, há uma rotatividade constante, poucas pessoas conseguem

trabalhar em um lugar como este. Eles são movidos pela necessidade de ganhar dinheiro; eles sabem que o trabalho paga bem. Mas em pouco tempo, a necessidade não é suficiente. Eles preferem ganhar menos e fazer algo que não envolva limpar as entranhas humanas.

O mais alto dos dois candidatos diz que precisa do dinheiro porque sua namorada está grávida e ele precisa começar a economizar. O

outro homem observa com um silêncio pesado. Ele não responde de imediato e depois diz que um amigo que trabalha em uma fábrica de hambúrgueres sugeriu que ele se candidatasse. Ele não acredita no homem, nem por um segundo.

Eles chegam ao pátio de descarga. Os homens estão usando paus para recolher excrementos do último carregamento. Eles colocam em sacos. Outros homens estão lavando os trailers e o chão com mangueiras. Todos eles estão vestidos de branco e com botas de borracha pretas até os joelhos. Os homens o cumprimentam. Ele acena sem sorrir. O candidato mais alto vai tapar o nariz, mas logo abaixa a mão e pergunta por que guardam o excremento. O outro homem observa em silêncio.

“É para estrume”, diz ao requerente e depois explica que é aqui que o carregamento é descarregado, pesado e marcado. As cabeças também são raspadas porque seus cabelos são vendidos. Em seguida, eles são levados para as gaiolas de descanso, onde descansam por um dia. “A carne de uma cabeça estressada é dura ou tem gosto ruim, torna-se carne de baixa qualidade”, diz ele. “É neste ponto que a inspeção ante mortem é feita.”

“Antes o quê?” o candidato mais alto pergunta.

Ele explica que qualquer produto que apresente sinais de doença precisa ser retirado. Os candidatos acenam com a cabeça. “Nós os separamos em gaiolas especiais. Se melhorarem, voltam ao ciclo de abate e, se não melhorarem, são descartados.”

“Por 'eles são descartados', você quer dizer que eles são abatidos?” o homem mais alto pergunta.

"Sim."

“Por que eles não são devolvidos ao centro de criação?”

“Porque o transporte é caro. O centro de criação é notificado das cabeças que tiveram que ser jogadas fora e depois são descontadas.”

“Por que eles não são tratados?”

“Porque é um investimento muito grande.”

“As cabeças chegam mortas?” o candidato mais alto continua.

Ele olha para o homem um tanto surpreso. Os candidatos a emprego não costumam fazer perguntas como essas e o fato de que este está fazendo isso o intriga. “Poucos chegam mortos, mas de vez em quando recebemos um. Quando isso acontece, a FSA é informada e eles vêm tirar a cabeça”. Ele sabe que esta é a verdade oficial, o que a torna uma verdade relativa. Ele sabe (porque cuida) que os empregados deixam algumas cabeças para os Catadores, que abatem a carne com facões e pegam o que podem. Eles não se importam que a carne esteja doente; eles correm o risco porque não podem comprá-lo. Ele deixa para lá e tenta ver o gesto como um ato de caridade ou talvez de misericórdia.

Mas ele também faz isso como um meio de apaziguar os Catadores e sua fome. O desejo por carne é perigoso.

Enquanto caminham para o setor de jaulas de descanso, ele lhes diz que no início terão que fazer trabalhos simples, relacionados à limpeza e coleta de lixo. Uma vez que eles tenham demonstrado sua habilidade e lealdade, eles aprenderão outras tarefas.

Há um cheiro forte e penetrante no setor da jaula em repouso. Ele acha que é o cheiro do medo. Eles sobem um lance de escadas até uma varanda suspensa de onde é possível observar o carregamento. Ele pede que eles não falem alto porque as cabeças precisam ficar calmas.

Sons repentinos os perturbam e quando estão nervosos, são mais difíceis de lidar. As gaiolas estão abaixo deles. As cabeças ainda estão agitadas após a viagem, apesar de a descarga ter ocorrido nas primeiras horas da manhã. Eles se movem de maneira assustada.

Ele explica que quando as cabeças chegam, elas são lavadas com spray e depois examinadas. Eles precisam jejuar, acrescenta, e recebem uma dieta líquida para reduzir o conteúdo intestinal e diminuir o risco de contaminação quando são manuseados após o abate. Ele tenta contar o número de vezes que repetiu essa frase em sua vida.

O candidato mais baixo aponta para cabeças que foram marcadas com uma cruz verde. “O que significam as marcas verdes em seus peitos?”

“Essas cabeças foram selecionadas para a reserva de caça. Os especialistas os examinam e escolhem os que estão em melhor condição física. Os caçadores precisam de presas que os desafiem, querem perseguir as cabeças, não estão interessados em alvos sentados.”

"Então é por isso que a maioria deles são homens", diz o homem mais alto.

"Isso mesmo, as fêmeas são geralmente submissas. Eles tentaram com fêmeas grávidas e o resultado é muito diferente porque elas se tornam viciosas. De vez em quando recebemos pedidos para eles."

"E aqueles com as cruzes pretas?" o homem mais baixo pergunta.

"São para o laboratório."

O homem tenta perguntar outra coisa, mas ele continua andando.

Ele não tem intenção de dizer nada sobre aquele lugar, sobre o Laboratório Valka. Mesmo que quisesse, não seria capaz de fazê-lo.

Os funcionários que examinam o carregamento o cumprimentam das jaulas. "Amanhã as cabeças que acabaram de chegar serão levadas para as jaulas azuis e de lá vão direto para o abate", diz ele aos candidatos, que descem e caminham para o camarote.

O homem menor diminui o passo para olhar as cabeças nas gaiolas azuis e faz sinal para ele se aproximar. O homem quer saber se as cabeças serão abatidas naquele dia. "Sim", diz ele, e o homem olha para eles em silêncio.

No caminho para o setor de box, eles passam por gaiolas especiais de cor vermelha. As gaiolas são grandes e cada uma delas contém uma única cabeça. Antes que os requerentes possam perguntar, ele lhes diz que se trata de carne de qualidade para exportação, que essas cabeças são de primeira geração pura. "É a carne mais cara do mercado

porque leva muitos anos para levantar a cabeça”, diz. Então ele tem que explicar que todas as outras carnes são geneticamente modificadas, para que o produto cresça mais rápido e haja lucro.

“Mas então a carne que comemos é completamente artificial? É

carne sintética?” o candidato mais alto pergunta.

"Bem não. Eu não diria que é artificial ou sintético. Eu diria modificado. Não tem um sabor tão diferente da carne FGP, embora FGP seja de grau superior, para paladares refinados.” Os dois homens ficam parados em silêncio, olhando para as gaiolas contendo cabeças que têm as letras FGP marcadas por todo o corpo. Um conjunto de iniciais por ano de crescimento.

Ele percebe o candidato mais alto parecendo um pouco pálido. Não é provável que ele seja capaz de lidar com o que vem a seguir, ele pensa, ele provavelmente vai vomitar ou desmaiar. Ele pergunta ao homem se ele está bem.

"Sim eu estou bem. Estou bem”, responde o homem.

A mesma coisa acontece todas as vezes com o candidato mais fraco.

Os homens precisam do dinheiro, mas o dinheiro não é suficiente.

Ele está tão cansado que poderia matá-lo, mas ele continua andando.

Entram no setor de caixas, mas param no salão, que tem uma grande janela voltada para a sala de dessensibilização. O lugar é tão branco que os cega.

Ele os faz esperar lá e o homem mais baixo pergunta por que eles não podem entrar. O homem mais alto se senta. Ele responde que só podem entrar funcionários autorizados com o uniforme exigido, que todas as medidas necessárias são tomadas para garantir que a carne não seja contaminada.

Sergio, um dos stunners, acena para ele e entra no salão. Ele está vestido de branco e tem botas pretas, máscara facial, avental de plástico, capacete e luvas. Sérgio lhe dá um abraço. “Tejo, onde você esteve, companheiro?”

“Na corrida da carne, lidando com clientes e fornecedores. Deixe-me apresenta-lo.”

Ele vai para a cerveja ocasional com Sergio. Ele acha que é um cara genuíno, que não sorri para ele por ser o braço direito do chefe, que não está tentando obter algo dele, que não tem nenhum problema em dizer o que pensa. Quando o bebê morreu, Sérgio não olhou para ele com pena, nem disse: “Leo é um anjinho agora”. Ele não estava em silêncio ao seu redor, sem saber o que fazer, e ele não o evitou, ou o tratou de forma diferente. Sérgio o abraçou e o levou para um bar e o embebedou e não parou de contar piadas até que os dois riram tanto que choraram. A dor ainda estava lá, mas ele sabia que em Sergio ele tinha um amigo. Uma vez ele perguntou por que ele trabalhava como atordoante. Sérgio respondeu que ou eram os chefes ou sua família.

Era a única coisa que ele sabia fazer e pagava bem. Sempre que sentia remorso, pensava em seus filhos e em como o

trabalho lhe permitia dar-lhes uma vida melhor. Ele disse que, embora a proibição da carne original não elimine a superpopulação, a pobreza e a fome, ajudou a combatê-los. Ele disse que tudo tem um propósito nesta vida e o propósito da carne é ser abatido e depois comido. Ele disse que graças ao seu trabalho, as pessoas eram alimentadas e isso era algo de que ele se orgulhava. Sérgio continuou falando, mas não conseguia mais ouvir.

as pessoas eram alimentadas e isso era algo de que ele se orgulhava.

Sérgio continuou falando, mas não conseguia mais ouvir. as pessoas eram alimentadas e isso era algo de que ele se orgulhava. Sérgio

continuou falando, mas não conseguia mais ouvir.

Eles saíram para comemorar quando a filha mais velha de Sergio começou a universidade. Ele se perguntou, enquanto eles brindavam com os copos, quantas cabeças pagaram pela educação dos filhos de Sérgio, quantas vezes ele teve que balançar uma clava na vida. Ele ofereceu a Sergio a chance de trabalhar ao seu lado, como seu assistente, mas o homem foi direto: “Prefiro a trocação”. Valorizou a resposta e não pediu explicação porque as palavras de Sergio são simples, claras. São palavras que não têm arestas vivas.

Sergio vai até os candidatos e aperta suas mãos. “O trabalho dele é um dos mais importantes, atordoando as cabeças. Ele os atinge inconscientes para que suas gargantas possam ser cortadas. Vá em frente e mostre a eles, Sergio”, diz ele e manda os homens subirem os degraus que foram construídos abaixo da janela. Dessa forma, eles poderão ver o que acontece dentro da caixa.

Sergio entra no camarote e sobe na plataforma. Ele pega o clube.

Então ele grita: “Envie o próximo!” Uma porta de guilhotina se abre e uma mulher nua, com apenas vinte anos de idade, entra. Ela está molhada e suas mãos estão presas atrás das costas com uma braçadeira. Ela foi barbeada. Dentro da caixa há muito pouco espaço.

É quase impossível para ela se mover. Sergio coloca as algemas de aço inoxidável, que correm ao longo de um trilho vertical, ao redor do pescoço da fêmea e as fecha. A fêmea treme, treme um pouco, tenta se libertar. Ela abre a boca.

Sergio a olha nos olhos e acaricia sua cabeça algumas vezes, quase como se a estivesse acariciando. Ele diz algo para ela que eles não podem ouvir, ou canta para ela. A fêmea fica quieta, ela se acalma.

Sergio levanta o taco e bate na testa dela. É um golpe forte. Tão rápido e silencioso que é uma loucura. A fêmea fica inconsciente. Seu corpo fica frouxo e quando Sergio abre as algemas, ele cai no chão. A porta automática abre para fora e a base da caixa se inclina para expulsar o corpo, que desliza para o chão.

Uma funcionária entra e amarra seus pés com tiras que são presas a correntes. Ele corta a braçadeira segurando as mãos dela e aperta um botão. O corpo é levantado e transportado de bruços para outra sala através de um sistema de trilhos. O funcionário olha para o salão e acena para ele. Ele não se lembra do nome do homem, mas sabe que o contratou há alguns meses.

O funcionário pega uma mangueira e enxagua a caixa e o chão, que ficaram respingados de excremento.

O candidato mais alto desce os degraus e se senta em uma cadeira, com a cabeça baixa. Agora é quando esse homem vomita, ele pensa, mas o homem se levanta, se recompõe. Sérgio entra com um sorriso, orgulhoso da demonstração. "Então o que você acha? Quem quer experimentar?" ele diz.

O homem mais baixo dá um passo à frente e diz: "Sim".

Sergio ri alto e diz: "Não tão rápido, cara, vai demorar um pouco até você fazer isso." O homem parece desapontado. "Deixe-me explicar algumas coisas para você. Se você os matar, você arruinou a carne. E

se você não os deixar inconscientes e eles estiverem vivos quando forem para o matadouro, você também arruinou a carne. Percebido?"

Ele dá um abraço no homem e o sacode um pouco, rindo. "Crianças hoje, Tejo. Querem conquistar o mundo e nem sabem andar." Todos riem, exceto o candidato mais baixo. Sergio explica que os iniciantes usam uma pistola de dardo cativo. "Há uma margem de erro menor, mas a carne não fica tão macia. Isso faz sentido? Ricardo, ele é o stunner que está descansando lá fora no momento, usa a pistola e está treinando para usar o taco. Ele está aqui há seis meses.

O homem mais alto pergunta a Sérgio o que ele disse à carne, por que falou com ela. "Carne", ele pensa com surpresa, enquanto esperam a resposta de Sergio, e se pergunta por que o homem chamou a fêmea atordoada assim, e não de cabeça, ou de produto. Em seguida, Sergio diz que todo atordoador tem seu segredo na hora de acalmar as cabeças. Ele diz que cada novo atordoador tem que encontrar seu método.

"Por que eles não gritam?" o homem pergunta.

Ele não quer responder, ele quer estar em outro lugar, mas ele está lá. Sergio é quem diz alguma coisa: “Eles não têm cordas vocais”.

O candidato mais baixo sobe os degraus e olha para a sala de caixa novamente. Ele coloca as mãos contra a janela. Há ansiedade em seu olhar. Há impaciência nisso.

Ele acha que este homem é perigoso. Alguém que quer tanto assassinar é alguém instável, que não aceita a rotina de

matar, ao ato automático e desapaixonado de abater humanos.

12

Eles saem do salão. Ele diz a eles que estão indo para o setor de abate.

“Vamos entrar?” o homem mais baixo pergunta.

Ele olha para o homem severamente. “Não”, diz ele, “não vamos entrar, porque, como eu disse, nosso traje não está de acordo com os regulamentos”.

O homem olha para o chão e não responde, então, impaciente, enfia as mãos nos bolsos da calça. Ele suspeita que este homem seja um candidato falso. De vez em quando as pessoas fingem querer o emprego para que possam testemunhar o assassinato. Pessoas que gostam do processo, para quem é uma fonte de curiosidade, uma anedota interessante para acrescentar às suas vidas. Ele

acha que são pessoas que não têm coragem de aceitar e assumir o peso do trabalho.

Eles andam por um corredor com uma ampla janela que dá diretamente para a sala de fenda. Os trabalhadores estão vestidos de branco, dentro da sala branca. Mas a limpeza aparente está manchada com as toneladas de sangue que caem no cocho sangrento e respingam nas paredes, no macacão, no chão, nas mãos.

As cabeças entram através de um trilho automático. Três corpos estão pendurados virados para baixo. O primeiro teve a garganta cortada, os outros dois esperam sua vez. Uma delas é a fêmea Sergio acabou de atordoar. O trabalhador aperta um botão e o corpo que foi sangrado segue seu curso ao longo do trilho enquanto o próximo corpo se move para o lugar acima da calha. Com um movimento rápido, o trabalhador corta a garganta da cabeça. O corpo treme levemente. O

sangue cai na calha. Mancha o avental, as calças e as botas do trabalhador.

O homem mais baixo pergunta o que eles fazem com o sangue. Ele decide ignorar o homem. O candidato mais alto responde por ele e diz:

“Eles usam para fazer fertilizante”. Ele olha para este homem, que sorri e explica que seu pai trabalhou brevemente em uma fábrica de processamento, uma das antigas, e que lhe ensinou uma coisa ou duas.

Quando diz “um dos antigos”, baixa a cabeça e a voz, como se sentisse tristeza ou resignação.

“Sangue de vaca era usado para fazer fertilizante”, ele diz ao homem. “Este sangue tem outros usos.” Ele não diz

quais são.

“Gostaria de fazer uma boa salsicha de sangue, estou certo?” diz o candidato mais baixo. Ele olha para o homem e não responde.

Ele olha para a sala de corte e vê o trabalhador conversando distraidamente com outro funcionário. Está demorando muito, ele percebe. A fêmea que Sergio atordoou começa a se mexer. O

trabalhador não vê isso. Ela treme, lentamente no início, e depois com mais força. O movimento é tão violento que ela solta os pés das tiras soltas que a seguram. Ela cai com um baque. Ela treme no chão e sua pele branca fica manchada com o sangue daqueles cujas gargantas foram cortadas antes dela. A fêmea levanta um braço. Ela tenta se levantar. O trabalhador se vira e a olha com indiferença. Ele pega uma pistola de dardo cativo, coloca na testa dela e puxa o gatilho. Então ele a pendura de volta.

O candidato mais baixo vai até a janela e assiste a cena com um sorriso no rosto. O homem mais alto cobre a boca.

Enquanto os candidatos estão lá, ele bate no vidro. O trabalhador salta. Ele não tinha visto seu chefe na janela e sabe que o erro pode lhe custar o emprego. Ele gesticula para o trabalhador sair. O homem pede um substituto e sai da sala de corte.

Ele se dirige ao trabalhador pelo nome e lhe diz que o que acabou de acontecer não pode acontecer novamente. “Esta carne morreu de medo e vai ficar com gosto ruim. Você arruinou o trabalho de Sergio demorando muito. O trabalhador olha para o chão e diz que foi um erro, pede desculpas, diz que não vai acontecer de novo. Ele diz ao homem que, até segunda ordem, ele será transferido para a

sala de miudezas. O trabalhador não consegue esconder a expressão de desgosto em seu rosto, mas assente.

A fêmea que Sergio atordoou agora está sendo sangrada. Ainda há uma cabeça cuja garganta precisa ser cortada.

Ele vê o homem mais alto se agachar e colocar a cabeça entre as mãos. O homem permanece lá, e vai até ele e dá um tapinha nas costas dele, pergunta se ele está bem. O homem não responde e apenas sinaliza que precisa de um minuto. O outro candidato continua a observar, fascinado, sem saber o que está acontecendo atrás dele. O

homem mais alto se levanta. Ele ficou branco e gotas de suor se formaram em sua testa. Mas ele se recuperou e voltou a assistir.

Eles vêem a forma como o corpo exangue da fêmea se move ao longo do trilho até que um trabalhador desamarre as correias em torno de seus pés e o corpo cai em um tanque escaldante onde outros cadáveres estão flutuando em água fervente. Um funcionário diferente mergulha os cadáveres abaixo da superfície com uma vara e os move ao redor. O candidato mais alto pergunta se seus pulmões se enchem de água contaminada quando são empurrados abaixo da superfície.

“Cara esperto”, ele pensa, e diz ao homem que sim, a água entra, mas só um pouco, porque eles não estão mais respirando. Ele diz que o próximo investimento da usina será um sistema de spray-escaldante.

“Com esses sistemas, o escaldamento ocorre de forma individual e vertical”, explica.

O trabalhador coloca um dos corpos flutuantes dentro da grade do contêiner de carregamento, que o levanta e o joga

na máquina de depilação, onde começa a girar enquanto um sistema de rolos equipados com pás raspadoras remove os pelos. Esta parte do processo ainda o afeta. Os corpos são girados em alta velocidade; é quase como se estivessem realizando uma dança estranha e enigmática.

13

Ele gesticula para que os candidatos o sigam. A próxima parada é a sala de miudezas. Eles andam até lá bem devagar e ele diz que o produto é usado quase em sua totalidade. “Difícilmente qualquer coisa é desperdiçada”, diz ele. O candidato mais baixo para para observar um trabalhador usar um maçarico nos cadáveres escaldados. Uma vez que eles estão totalmente sem pelos, eles podem ser eviscerados.

No caminho, eles andam pela sala de corte. As salas são todas conectadas por um trilho que move os corpos de um palco para o outro. Pelas amplas janelas, eles veem a cabeça e as extremidades da mulher atordoada por Sergio serem cortadas com uma serra.

Eles param para assistir.

Um trabalhador pega sua cabeça e a leva para outra mesa onde ele retira seus olhos e os coloca em uma bandeja com uma etiqueta que diz

“Olhos”. Ele abre a boca dela, corta sua língua e a coloca em uma bandeja com uma etiqueta que diz “Línguas”. Ele corta suas orelhas e as coloca em uma bandeja com uma etiqueta que diz “Orelhas”. A trabalhadora pega um furador e um martelo e bate com cuidado na parte inferior da

cabeça. Ele continua dessa maneira até quebrar uma parte de seu crânio e, em seguida, remove cuidadosamente seu cérebro e o deixa em uma bandeja com uma etiqueta que diz “Cérebros”.

Sua cabeça agora está vazia e ele a coloca no gelo em uma gaveta que diz “Cabeças”.

“O que você faz com as cabeças?” o candidato mais baixo pergunta, mal contendo sua excitação.

Ele responde automaticamente: “Várias coisas. Uma é enviá-los para as províncias onde ainda cozinham cabeças como costumavam fazer, em covas no chão”.

O candidato mais alto diz: “Nunca comi cabeças cozidas dessa maneira, mas ouvi dizer que é muito bom. Há apenas um pouco de carne, mas é barata e saborosa se bem feita.”

Outro trabalhador já recolheu e limpou as mãos e os pés da fêmea, e os colocou em gavetas com suas respectivas etiquetas. Braços e pernas são vendidos para açougueiros presos às carcaças. Ele explica que

todos os produtos são lavados e verificados por inspetores antes de serem refrigerados. Ele aponta para um homem que está vestido como o resto dos trabalhadores, mas está carregando uma pasta na qual anota informações e um selo de certificação que de vez em quando ele pega e usa.

A fêmea que Sergio surpreendeu agora foi esfolada e está irreconhecível. Sem pele e extremidades, ela está se tornando uma carcaça. Eles vêem como um trabalhador pega a pele que foi removida por uma máquina e a estica com cuidado nas grandes gavetas.

Eles continuam andando. As amplas janelas agora estão voltadas para a sala intermediária ou para a sala de corte. Os corpos esfolados se movem ao longo dos trilhos. As operárias fazem um corte preciso do púbis ao plexo solar. O candidato mais alto pergunta por que há dois trabalhadores por corpo. Ele explica que um trabalhador faz o corte e o outro sutura o ânus para evitar que as expulsões contaminem o produto. O outro candidato ri e diz: “Eu não gostaria desse emprego”.

Ele acha que nem mesmo contrataria o homem para esse trabalho. O

candidato mais alto também já se cansou e olha para ele com desprezo.

Os intestinos, estômagos, pâncreas caem sobre uma mesa de inox e são levados para a sala de miudezas pelos funcionários.

Os corpos que foram cortados se movem ao longo dos trilhos. Em outra mesa, um trabalhador corta a cavidade superior. Ele tira os rins e o fígado, separa as costelas, corta o coração, o esôfago e os pulmões.

Eles continuam andando. Quando chegam à sala de miudezas, avistam mesas de aço inoxidável. Os tubos são conectados às mesas e a água flui sobre a superfície delas. Entranhas brancas foram colocadas em cima deles. Os trabalhadores deslizam as vísceras na água. Parece um mar que está fervendo lentamente, que se move em seu próprio ritmo. As vísceras são inspecionadas, limpas, lavadas, separadas, classificadas, cortadas, medidas e armazenadas. Os três observam os trabalhadores pegar os intestinos e cobri-los com camadas de sal antes de guardá-los em gavetas. Eles observam os trabalhadores raspando a

gordura mesentérica. Eles os observam injetar ar comprimido nos intestinos para ter certeza de que não foram perfurados. Eles os observam lavar os estômagos e abri-los para liberar uma substância amorfa, marrom-esverdeada, que é então descartada.

Em outra sala menor, eles veem entranhas vermelhas penduradas em ganchos.

Os trabalhadores os inspecionam, lavam, certificam, armazenam.

Ele sempre se pergunta como seria passar a maior parte do dia guardando corações humanos em uma caixa. O que pensam os trabalhadores? Eles estão cientes de que o que eles seguram em suas mãos estava batendo apenas momentos atrás? Eles se importam? Então ele pensa que na verdade passa a maior parte de sua vida supervisionando um grupo de pessoas que, seguindo suas ordens, cortam gargantas, estripam e esquartejam mulheres e homens como se isso fosse completamente natural. Pode-se acostumar com quase tudo, exceto a morte de uma criança.

Quantas cabeças eles têm que matar por mês para que ele possa pagar a casa de repouso de seu pai? Quantos humanos eles têm que matar para ele esquecer como ele deitou Leo em seu berço, o aconchegou, cantou uma canção de ninar para ele e no dia seguinte viu que ele havia morrido enquanto dormia? Quantos corações precisam ser guardados em caixas para que a dor se transforme em outra coisa?

Mas a dor, ele intui, é a única coisa que o mantém respirando.

Sem a tristeza, ele não tem mais nada.

Ele diz aos dois homens que eles estão chegando ao fim do processo de abate. Em seguida, eles vão parar na sala onde as carcaças são divididas em partes. Através de uma pequena janela quadrada, eles podem ver uma sala mais estreita, mas tão branca e bem iluminada quanto as outras. Dois homens com motosserras cortaram os corpos ao meio. Os homens estão vestidos com trajes regulamentares, mas com capacetes e botas de plástico pretas. Viseiras de plástico cobrem seus rostos. Eles parecem estar se concentrando. Outros funcionários inspecionam e armazenam as colunas vertebrais que foram removidas antes do corte ser feito.

Um dos operadores da serra olha para ele, mas não reconhece sua presença. O nome do homem é Pedro Manzanillo. Ele pega a motosserra e corta o corpo com mais força, como se estivesse com raiva, embora o corte seja preciso. Manzanillo está sempre no limite quando está por perto. Ele sabe disso e tenta não cruzar com o homem, embora seja inevitável.

Ele diz aos requerentes que depois que as carcaças são cortadas ao meio, elas são lavadas, inspecionadas, seladas, pesadas e colocadas na câmara de resfriamento para garantir que sejam mantidas frias o suficiente. “Mas o frio não deixa a carne dura?” o candidato mais baixo pergunta.

Ele explica os processos químicos que permitem que a carne fique macia por conta do frio. Ele usa palavras como ácido láctico, miosina, ATP, glicogênio, enzimas. O homem acena com a cabeça como se entendesse. “Nosso trabalho é feito quando as diferentes partes do produto são

transportadas para seus respectivos destinos”, diz ele, para encerrar o passeio e ir fumar um cigarro.

Manzanillo põe a motosserra sobre uma mesa e volta a olhar para ele. Ele segura o olhar do homem porque sabe que fez o que precisava ser feito e não se sente culpado por isso. Manzanillo costumava trabalhar com outro operador de serra que todos chamavam de “Ency”

porque ele era como uma enciclopédia. Ele sabia o significado de palavras complexas e no intervalo estava sempre lendo um livro. A princípio, os outros riram dele, mas depois ele começou a descrever o enredo de tudo o que estava lendo.

e ele os cativou. Ency e Manzanillo eram como irmãos. Eles moravam no mesmo bairro, suas esposas e filhos eram amigos. Eles dirigiram para trabalhar juntos e formaram uma boa equipe. Mas Ency começou a mudar. Pouco a pouco. Como chefe do homem, ele foi o único que notou a princípio. Ency parecia mais quieta. Quando ele estava de folga, ele olhava para o carregamento nas gaiolas de descanso. Ele emagreceu. Havia bolsas sob seus olhos. Ele começou a fazer uma pausa antes de cortar as carcaças. Ele ficava doente e faltava ao trabalho. Ency precisava ser confrontada e um dia ele chamou o homem de lado e perguntou o que estava acontecendo. Ency disse que não era nada. No dia seguinte tudo parecia estar de volta ao normal e por um tempo ele achou que o homem estava bem. Mas então, uma tarde, Ency disse que ia dar uma pausa e pegou a motosserra sem que ninguém percebesse. Ele foi até as gaiolas de descanso e começou a cortá-las. Sempre que um trabalhador tentava detê-lo, ele os ameaçava com a motosserra. Algumas cabeças escaparam, mas a maioria permaneceu em suas gaiolas. Eles estavam confusos e assustados.

Ency estava gritando: “Vocês não são animais. Eles vão te matar.

Corre. Você precisa escapar”, como se as cabeças pudessem entender o que ele estava dizendo. Alguém foi capaz de atingi-lo na cabeça com um porrete e ele ficou inconsciente. Seu ato subversivo só conseguiu atrasar o massacre em algumas horas. Os únicos beneficiados foram os funcionários, que puderam fazer uma pausa no trabalho e aproveitar a interrupção. As cabeças que escaparam não foram muito longe e foram colocadas de volta em suas gaiolas. mas a maioria ficou em suas gaiolas. Eles estavam confusos e assustados. Ency estava gritando:

“Vocês não são animais. Eles vão te matar. Corre. Você precisa escapar”, como se as cabeças pudessem entender o que ele estava dizendo. Alguém foi capaz de atingi-lo na cabeça com um porrete e ele ficou inconsciente. Seu ato subversivo só conseguiu atrasar o massacre em algumas horas. Os únicos beneficiados foram os funcionários, que puderam fazer uma pausa no trabalho e aproveitar a interrupção. As cabeças que escaparam não foram muito longe e foram colocadas de volta em suas gaiolas. mas a maioria ficou em suas gaiolas. Eles estavam confusos e assustados. Ency estava gritando: “Vocês não são animais. Eles vão te matar. Corre. Você precisa escapar”, como se as cabeças pudessem entender o que ele estava dizendo. Alguém foi capaz de atingi-lo na cabeça com um porrete e ele ficou inconsciente.

Seu ato subversivo só conseguiu atrasar o massacre em algumas horas.

Os únicos beneficiados foram os funcionários, que puderam fazer uma

pausa no trabalho e aproveitar a interrupção. As cabeças que escaparam não foram muito longe e foram colocadas de volta em suas gaiolas. Alguém foi capaz de atingi-lo na cabeça com um porrete e ele ficou inconsciente. Seu ato subversivo só conseguiu atrasar o massacre em algumas horas. Os únicos beneficiados foram os funcionários, que puderam fazer uma pausa no trabalho e aproveitar a interrupção. As cabeças que escaparam não foram muito longe e foram colocadas de volta em suas gaiolas. Alguém foi capaz de atingi-lo na cabeça com um porrete e ele ficou inconsciente. Seu ato subversivo só conseguiu atrasar o massacre em algumas horas. Os únicos beneficiados foram os funcionários, que puderam fazer uma pausa no trabalho e aproveitar a interrupção. As cabeças que escaparam não foram muito longe e foram colocadas de volta em suas gaiolas.

Ele teve que demitir Ency porque alguém que foi quebrado não pode ser consertado. Ele falou com Krieg e certificou-se de que arranhou e pagou os cuidados psicológicos. Mas dentro de um mês, Ency deu um tiro em si mesmo. Sua esposa e filhos tiveram que deixar o bairro e, desde então, Manzanillo o olhou com ódio genuíno. Ele respeita Manzanillo por isso. Ele acha que vai ser motivo de preocupação quando o homem parar de olhar para ele desse jeito, quando o ódio não o manter mais. Porque o ódio dá força para continuar; mantém a estrutura frágil, entrelaça os fios para que o vazio não tome conta de tudo. Ele gostaria de poder odiar alguém pela morte de seu filho. Mas quem ele pode culpar por uma morte súbita? Ele tentou odiar a Deus, mas ele não acredita em Deus.

porque odiar a todos é o mesmo que não odiar ninguém. Ele também deseja poder quebrar como Ency, mas seu colapso nunca vem.

O candidato mais baixo está quieto, com o rosto pressionado contra a janela e ele observa os corpos sendo cortados em dois. Há um sorriso em seu rosto que ele não se preocupa mais em esconder. Ele gostaria de poder sentir o que esse homem faz. Ele gostaria de sentir felicidade, ou excitação, quando promove um trabalhador que lavava sangue do chão a uma posição de triagem e armazenamento de órgãos em caixas.

Ou ele gostaria de poder pelo menos ser indiferente a tudo isso. Ele olha para o candidato mais de perto e vê que ele está escondendo um telefone sob a jaqueta. Como isso pode ter acontecido se a segurança os revista, pede seus telefones e diz que não podem filmar nada ou tirar fotos? Ele vai até o homem e pega o telefone. Ele o joga no chão e o quebra. Então ele o agarra com força pelo braço e, contendo sua fúria, diz em seu ouvido: “Não venha aqui novamente. Vou enviar suas informações de contato e foto para todas as plantas de processamento que conheço.” O homem se vira para encará-lo e em nenhum momento ele mostra surpresa, ou constrangimento, ou diz uma palavra. Ele olha para ele descaradamente e sorri.

15

Ele leva os candidatos para a saída. Mas primeiro ele chama o chefe de segurança e diz para ele vir buscar o homem mais baixo. Ele explica o que aconteceu e o segurança diz para ele não se preocupar, ele vai cuidar disso. Eles vão precisar conversar, ele diz ao guarda, já que isso não deveria ter acontecido. Ele faz uma nota mental para discutir isso com Krieg. Terceirizar o pessoal de segurança é

um erro, ele já disse isso ao Krieg. Ele vai ter que dizer a ele novamente.

O candidato mais baixo não está mais sorrindo, mas também não resiste quando é levado.

Ele se despede do homem mais alto com um aperto de mão, acrescentando: “Você terá notícias nossas”. O homem agradece sem muita convicção. É sempre assim, pensa ele, mas qualquer outra resposta seria anormal.

Ninguém em sã consciência ficaria feliz em fazer este trabalho.

16

Ele sai para fumar um cigarro antes de subir para entregar os relatórios a Krieg. Seu telefone toca. É a sogra dele. Ele atende a ligação e diz

“Oi, Graciela”, sem olhar para a tela. Do outro lado está o silêncio, ao mesmo tempo sério e intenso. É quando ele percebe que é Cecilia.

“Oi, Marcos.”

É a primeira vez que ela liga desde que foi ficar com a mãe.

Ela parece abatida.

"Oi." Ele sabe que vai ser uma conversa difícil e dá outra tragada no cigarro.

"Como você está?"

“Estou aqui na fábrica. E você?”

Há uma pausa antes que ela responda. Uma longa pausa. “Vejo que você está aí”, diz ela, embora não esteja olhando para a tela. Por alguns segundos, ela fica quieta. Então ela fala, mas não o olha nos olhos. “Eu não estou bem,” ela diz, “ainda não estou bem. Acho que não estou pronto para voltar.”

“Por que você não me deixa vir visitar?” “Eu preciso ficar sozinho.”

“Eu sinto sua falta.”

As palavras são um buraco negro, um buraco que absorve cada som, cada partícula, cada respiração. Ela não responde.

Ele diz: “Aconteceu comigo também. Eu o perdi também.”

Ela chora silenciosamente. Ela cobre a tela com uma mão, e ele a ouve sussurrar: “Não aguento mais”. Um buraco se abre e ele está em queda livre, em todos os lugares há arestas afiadas. Ela dá o telefone para sua mãe.

“Olá, Marcos. Ela está passando por um momento muito difícil, perdoe-a.” “Está tudo bem, Graciela.”

“Cuidado, Marcos. Ela vai chegar lá.” Eles desligam.

Ele fica mais um pouco onde está. Os funcionários passam e olham para ele, mas ele não se importa. Ele está em uma das áreas de descanso, ao ar livre, onde você pode fumar. Ele observa as copas das árvores se moverem com o vento

que alivia um pouco o calor. Ele gosta do ritmo, do som das folhas roçando umas nas outras. Há apenas algumas árvores – quatro cercadas por nada – mas elas estão bem próximas umas das outras.

Ele sabe que Cecilia nunca vai melhorar. Ele sabe que ela está quebrada, que os pedaços dela não têm como consertar.

A primeira coisa que ele pensa é no remédio que eles guardavam na geladeira. Como eles trouxeram para casa em um recipiente especial, tomando cuidado para não quebrar a cadeia de frio, esperançosos, profundamente endividados. Ele pensa na primeira vez que ela lhe pediu uma injeção no estômago. Ela deu milhões deles, trilhões, incontáveis injeções, mas ela queria que ele inaugurasse o ritual, o começo de tudo. Sua mão tremeu um pouco porque ele não queria que doesse, mas ela disse: “Vá em frente, querida, apenas coloque a agulha, vá em frente, você tem isso, não é grande coisa”. Ela agarrou uma dobra em seu estômago e ele colocou a agulha e doeu, o remédio estava frio e ela o sentiu entrar em seu corpo, mas ela o escondeu com um sorriso porque era o começo de possibilidade, de futuro.

As palavras de Cecilia eram como um rio de luzes, uma torrente aérea, como vaga-lumes brilhando. Ela lhe diria, quando eles ainda não sabiam que teriam que recorrer aos tratamentos, que ela queria que seus filhos tivessem os olhos dele, mas o nariz dela, a boca dele, mas o cabelo dela. Ele ria porque ela ria, e com o riso deles, seu pai e a casa de repouso, a fábrica de processamento e as cabeças, o sangue e os golpes bruscos dos atordoantes desapareceriam.

A outra imagem que lhe vem como uma explosão é o rosto de Cecilia quando ela abriu o envelope e viu o resultado do teste do hormônio antimulleriano. Ela não entendia como o número podia ser tão baixo. Ela olhou para o pedaço de papel, incapaz de falar, até que muito lentamente disse: “Sou jovem, deveria estar produzindo mais ovos”. Mas ficou desconcertada, porque como enfermeira sabia que a juventude não garante nada. Ela olhou para ele, seus olhos pedindo ajuda, e ele pegou o pedaço de papel dela, dobrou-o, colocou-o sobre a mesa e disse para ela não se preocupar, que tudo ia ficar bem. Ela começou a chorar e ele apenas a abraçou e a beijou na testa e no rosto,

e disse: “Tudo vai ficar bem”, mesmo sabendo que não ficaria.

Depois vieram mais injeções, pílulas, óvulos de baixa qualidade, vasos sanitários e telas com mulheres nuas, e a pressão para encher o copo de plástico, batismos que não compareceram, a pergunta: “Então, quando vem o primeiro filho? ” repetidas ad nauseam, salas de cirurgia que ele não podia entrar para poder segurar a mão dela e ela não se sentir tão sozinha, mais dívidas, bebês de outras pessoas, os bebês de quem podia, retenção de líquidos, mudanças de humor, conversas sobre a possibilidade de adoção, telefonemas para o banco, festas de aniversário de crianças que queriam fugir, mais hormônios, fadiga crônica e mais óvulos não fertilizados, lágrimas, palavras ofensivas, Dias das Mães em silêncio, a esperança de um embrião, a lista de nomes possíveis, Leonardo se fosse menino, Aria se fosse menina, testes de gravidez jogados inutilmente no lixo, brigas,

Ele chega tarde em casa.

Quando ele abre a porta do celeiro, ele vê a fêmea enrolada, dormindo. Ele troca sua água e substitui sua comida. Ela acorda assustada com o som da ração equilibrada batendo na tigela de metal.

Ela não se aproxima e olha para ele com medo.

Ela precisa ser lavada, ele pensa, mas não agora, não hoje. Hoje ele tem algo mais importante para fazer.

Ele deixa a porta do celeiro aberta ao sair. A fêmea o segue lentamente. A corda a detém na entrada.

De volta à casa, ele vai direto para o quarto do filho. Ele pega o berço e o leva para o quintal. Então ele pega o machado e o querosene do celeiro. A fêmea está de pé, observando-o.

Ele está ao lado do catre, paralisado no meio da noite estrelada. As luzes no céu em toda a sua espantosa beleza o esmagam. Ele entra na casa e abre uma garrafa de uísque.

Agora ele está ao lado do berço novamente. Não há lágrimas. Ele olha para ele e toma um gole da garrafa. Ele começa com o machado, sente a necessidade de destruir o berço. Enquanto o quebra em pedaços, ele pensa nos pezinhos de Leo em suas mãos logo depois que ele nasceu.

Depois disso, ele encharca o berço em querosene e acende um fósforo. Ele toma outro gole. O céu é como um oceano que se foi.

Ele observa os desenhos pintados à mão desaparecerem. O urso e o pato abraçados queimam, perdem a forma, evaporam.

A fêmea está olhando para ele. Ele a vê lá. Ela parece fascinada pelo fogo. Ele entra no celeiro e ela se encolhe de medo. Ele permanece de pé, balançando. A fêmea treme. E se ele a destruir também? Ela é dele, ele pode fazer o que quiser. Ele pode matá-la, matá-la, fazê-la sofrer.

Ele pega o machado. Olha para ela em silêncio. Essa fêmea é um problema. Ele levanta o machado. Então ele se aproxima e corta a corda.

Ele sai e se deita na grama sob o silêncio das luzes do céu, milhões delas, congeladas, mortas. O céu é feito de

vidro, vidro opaco e sólido. A lua parece um deus estranho.

Ele não se importa mais se a fêmea escapar. Ele não se importa mais se Cecilia voltar.

A última coisa que ele vê é a porta do celeiro e a fêmea, aquela mulher, olhando para ele. Parece que ela está chorando. Mas não tem como ela entender o que está acontecendo, ela não sabe o que é um berço. Ela não sabe de nada.

Quando restam apenas as brasas, ele já está dormindo na grama.

Ele abre os olhos, depois os fecha novamente. A luz dói. Sua cabeça está latejando. Ele é gostoso. Há uma dor aguda na têmpora direita. Ele fica parado, tentando se lembrar por que está do lado de fora. Então uma imagem nebulosa aparece em sua mente. Uma pedra no peito.

Essa é a imagem. É o sonho que ele teve. Ele se senta com os olhos ainda fechados. Ele tenta abri-los, mas não consegue. Por alguns segundos, ele fica parado, a cabeça apoiada nos joelhos, os braços em volta deles. Sua mente está em branco até que ele se lembre do sonho com uma clareza aterrorizante.

Ele está nu e entra em uma sala vazia. As paredes estão manchadas de umidade e algo marrom que pode ser sangue. O chão está sujo e quebrado. Seu pai está no canto, sentado em um banco de madeira. Ele está nu e está olhando para o chão. Ele tenta ir até o pai, mas não consegue se mexer. Ele tenta ligar para ele, mas não consegue falar.

Em outro canto, um lobo está comendo carne. Sempre que ele olha para o lobo, o animal levanta a cabeça e rosna. Ele mostra suas presas.

O lobo está comendo algo que está se movendo, que está vivo. Ele olha mais de perto. É o filho dele, que está chorando, mas sem fazer barulho. Ele fica desesperado. Ele quer salvar a criança, mas está imóvel, mudo. Ele tenta gritar. Seu pai se levanta e anda em círculos pela sala, sem olhar para ele, sem olhar para o neto, que está sendo despedaçado pelo lobo. Ele chora, mas nenhuma lágrima cai, ele grita, quer sair de seu corpo, mas não consegue. Um homem aparece com uma serra. O homem pode ser Manzanillo, mas não consegue ver seu rosto. Está borrado. Há uma luz, um sol pendurado no telhado. O sol se move,

criando uma elipse de luz amarela. Ele para de pensar no filho, é como se ele nunca tivesse existido. O homem que poderia ser Manzanillo abre o peito. Ele não sente nada. Apenas verifica se o trabalho foi bem feito. Ele dá a Manzanillo um aperto de mão de congratulações. Sergio entra e olha para ele de perto. Ele parece estar profundamente concentrado. Sem lhe dizer nada, Sérgio se abaixa e enfia a mão em seu peito. Ele a examina, move os dedos, remexe.

Sergio arranca seu coração. Ele come um pedaço. O sangue jorra da boca de Sérgio. Seu coração mas não pode. Um homem aparece com uma serra. O homem pode ser Manzanillo, mas não consegue ver seu rosto. Está borrado. Há uma luz, um sol pendurado no telhado. O sol se

move, criando uma elipse de luz amarela. Ele para de pensar no filho, é como se ele nunca tivesse existido. O homem que poderia ser Manzanillo abre o peito. Ele não sente nada. Apenas verifica se o trabalho foi bem feito. Ele dá a Manzanillo um aperto de mão de congratulações. Sergio entra e olha para ele de perto. Ele parece estar profundamente concentrado. Sem lhe dizer nada, Sérgio se abaixa e enfia a mão em seu peito. Ele a examina, move os dedos, remexe.

Sergio arranca seu coração. Ele come um pedaço. O sangue jorra da boca de Sérgio. Seu coração mas não pode. Um homem aparece com uma serra. O homem pode ser Manzanillo, mas não consegue ver seu rosto. Está borrado. Há uma luz, um sol pendurado no telhado. O sol se move, criando uma elipse de luz amarela. Ele para de pensar no filho, é como se ele nunca tivesse existido. O homem que poderia ser Manzanillo abre o peito. Ele não sente nada. Apenas verifica se o trabalho foi bem feito. Ele dá a Manzanillo um aperto de mão de congratulações. Sergio

entra e olha para ele de perto. Ele parece estar profundamente concentrado. Sem lhe dizer nada, Sérgio se abaixa e enfia a mão em seu peito. Ele a examina, move os dedos, remexe.

Sergio arranca seu coração. Ele come um pedaço. O sangue jorra da boca de Sérgio. Seu coração um sol pendurado no telhado. O sol se move, criando uma elipse de luz amarela. Ele para de pensar no filho, é como se ele nunca tivesse existido. O homem que poderia ser Manzanillo abre o peito. Ele não sente nada. Apenas verifica se o trabalho foi bem feito. Ele dá a Manzanillo um aperto de mão de congratulações. Sergio entra e olha para ele de perto. Ele parece estar profundamente concentrado. Sem lhe dizer nada, Sérgio se abaixa e enfia a mão em seu peito. Ele a examina, move os dedos, remexe.

Sergio arranca seu coração. Ele come um pedaço. O sangue jorra da boca de Sérgio. Seu coração um sol pendurado no telhado. O sol se move, criando uma elipse de luz amarela. Ele para de pensar no filho, é como se ele nunca tivesse existido. O homem que poderia ser Manzanillo abre o peito. Ele não sente nada. Apenas verifica se o trabalho foi bem feito. Ele dá a Manzanillo um aperto de mão de congratulações. Sergio entra e olha para ele de perto. Ele parece estar profundamente concentrado. Sem lhe dizer nada, Sérgio se abaixa e enfia a mão em seu peito. Ele a examina, move os dedos, remexe.

Sergio arranca seu coração. Ele come um pedaço. O sangue jorra da boca de Sérgio. Seu coração Apenas verifica se o trabalho foi bem feito. Ele dá a Manzanillo um aperto de mão de congratulações. Sergio entra e olha para ele de perto. Ele parece estar profundamente concentrado. Sem lhe dizer nada, Sérgio se abaixa e enfia a mão em

seu peito. Ele a examina, move os dedos, remexe. Sergio arranca seu coração. Ele come um pedaço. O sangue jorra da boca de Sérgio. Seu coração Apenas verifica se o trabalho foi bem feito. Ele dá a Manzanillo um aperto de mão de congratulações. Sergio entra e olha para ele de perto. Ele parece estar profundamente concentrado. Sem lhe dizer nada, Sérgio se abaixa e enfia a mão em seu peito. Ele a examina, move os dedos, remexe. Sergio arranca seu coração. Ele come um pedaço. O sangue jorra da boca de Sérgio. Seu coração

ainda está batendo, mas Sergio joga no chão. Enquanto o esmaga, Sergio fala em seu ouvido e diz: “Não há nada pior do que não poder se ver”. Cecilia entra na sala com uma pedra preta. Seu rosto é o de Spanel, mas ele sabe que é ela. Ela sorri. O sol se move mais rapidamente. A elipse fica maior. A pedra brilha. Ele bate. O lobo uiva. Seu pai se senta e olha para o chão. Cecilia abre ainda mais o peito dele e coloca a pedra dentro dele. Ela é linda, ele nunca a viu tão radiante. Ela se vira, ele não quer que ela vá embora. Ele tenta ligar para ela, mas não consegue. Cecilia olha para ele alegremente, pega um porrete e o atordoa bem no meio da testa. Ele cai, mas o chão se abre e ele continua caindo porque a pedra em seu peito o mergulha em um abismo branco.

Ele levanta a cabeça e abre os olhos. Então ele os fecha novamente.

Ele nunca se lembra de seus sonhos, não com tanta clareza. Ele coloca as mãos atrás do pescoço. Foi apenas um sonho, ele pensa, mas uma sensação de instabilidade o percorre. Um medo arcaico.

Ele olha para um lado e vê as cinzas do catre. Ele olha para o outro lado e vê a fêmea deitada bem perto de seu corpo.

Ele se levanta com um sobressalto, mas não está firme em seus pés e volta a se sentar. Os pensamentos vêm rapidamente: O que eu fiz? Por que ela está solta?

Por que ela não escapou? O que ela está fazendo perto de mim?

A fêmea está enrolada no sono. Ela parece tranquila. Sua pele branca brilha ao sol. Ele vai tocá-la, quer tocá-la, mas ela treme um pouco, como se estivesse sonhando, e ele afasta a mão. Ele olha para a testa dela, onde ela foi marcada. É o símbolo da propriedade, do valor.

Ele olha para o cabelo liso dela, que ainda não foi cortado e vendido. É longo e imundo.

Há uma certa pureza nesse ser que é incapaz de falar, ele pensa, enquanto seu dedo traça o contorno de seu ombro, braço, quadris, pernas, até chegar aos pés. Ele não a toca. Seu dedo paira um centímetro acima da pele dela, um centímetro acima das iniciais, os FGPs espalhados por todo o corpo dela. Ela é linda, ele pensa, mas sua beleza é inútil. Ela não vai ter um gosto melhor porque ela é linda. O

pensamento não o surpreende, ele nem se demora nisso. É o que ele pensa sempre que há uma cabeça que ele percebe na planta de processamento. O estranho

feminina que se destaca entre as muitas que transitam pelo local todos os dias.

Ele se deita bem perto dela, mas não a toca. Ele sente o calor de seu corpo, sua respiração lenta e sem pressa. Ele se aproxima um pouco e começa a respirar no ritmo dela. Devagar, mais devagar ainda. Ele pode sentir o cheiro dela. Ela tem um cheiro forte porque está suja, mas ele gosta, pensa no cheiro inebriante de jasmim, selvagem e forte,

vibrante. Sua respiração acelera. Algo sobre isso o excita, essa proximidade, essa possibilidade.

Ele se levanta de repente. A fêmea acorda assustada e olha para ele confusa. Ele a agarra pelo braço e a leva para o celeiro, não com violência, mas decididamente. Então ele fecha a porta e caminha até a casa. Ele toma banho rapidamente, escova os dentes, se veste, toma duas aspirinas e entra no carro.

É seu dia de folga, mas ele dirige até a cidade, sem pensar, sem parar.

Quando ele chega ao Spanel Butchers, ainda é muito cedo e a loja não está aberta. Mas ele sabe que ela dorme lá. Ele toca a campainha e El Perro abre a porta. Ele empurra o assistente de lado sem dizer olá e vai direto para a sala dos fundos. Ele fecha a porta. Bloqueia.

Spanel está de pé ao lado da mesa de madeira. Ela está claramente relaxada, como se estivesse esperando por ele. Há uma faca em sua mão e ela está cortando um braço que está pendurado em um gancho.

Parece muito fresco, como se ela o tivesse arrancado alguns segundos antes. O braço não é de uma planta de processamento porque não foi sangrado ou esfolado. Há sangue na mesa e no chão. As gotas caem lentamente. Uma poça está se formando e o único som na sala é o sangue da mesa espirrando no chão.

Ele se aproxima de Spanel, como se fosse dizer alguma coisa, mas passa a mão pelos cabelos dela e a agarra pela nuca. Ele usa a força para segurá-la ali e a beija. É um beijo voraz, a princípio, cheio de raiva. Ela tenta resistir, mas só um pouco. Ele tira o avental manchado de sangue e a beija novamente. Ele a beija como se quisesse quebrá-la, mas se

move lentamente. Ele desfaz sua camisa enquanto ele morde seu pescoço. Ela arqueia as costas, treme, mas não emite nenhum som.

Ele a vira de frente para a mesa e a empurra para ela. Então ele

abaixa as calças e desliza a calcinha para baixo. Ela está respirando pesadamente, esperando, mas ele decide fazê-la sofrer, que ele quer penetrá-la por trás do frio de suas palavras cortantes. Spanel olha para ele, implorando, quase implorando, mas ele a ignora. Ele caminha até a outra ponta da mesa, a agarra pelos cabelos e a força a abrir o zíper dele com a boca. O sangue pingando do braço cai bem na beirada da mesa, entre os lábios dela e a virilha dele. Ele tira as botas, a calça jeans e depois a camisa. Nu, ele caminha em direção à mesa. O sangue pinga sobre ele, o mancha. Ele mostra a ela onde limpar, ali, onde a carne é dura. Ela obedece e o lambe. Cuidadosamente no início, depois desesperadamente, como se o sangue que mancha tudo não fosse suficiente e ela precisasse de mais. Ele agarra o cabelo dela com mais força e faz gestos para ela desacelerar. Ela obedece.

O que ele quer é que ela grite, que sua pele deixe de ser um mar parado e vazio, que suas palavras se abram, se dissolvam.

Ele volta para a outra ponta da mesa. Ele tira a calça dela, arranca sua calcinha e abre as pernas dela. Então ele ouve um som e vê El Perro olhando pela janela da porta. Bom para ele, pensa ele, cumprindo seu papel de animal fiel, de servo dócil protegendo seu dono. Ele tem prazer no olhar cego de El Perro, na possibilidade de o homem atacar de uma vez por todas.

Então ele empurra. Apenas uma vez, precisamente. Ela se cala, treme, se contém. O sangue continua a escorrer da mesa.

El Perro tenta abrir a porta. Está trancado. A raiva do homem é visível, palpável. Há presas nos olhos de El Perro, ele pode vê-las, e aprecia o desespero do homem. Ele continua a encarar El Perro e puxa o cabelo de Spanel. Ela arranha silenciosamente a mesa, fica com sangue sob as unhas.

Ele vira Spanel e dá alguns passos para trás. Então ele olha para ela.

Ele se senta em uma cadeira e ela se move em direção a ele, para bem acima de suas pernas. Então, de repente, ele está de pé, a cadeira caiu no chão. Ele a levanta e com seu corpo a esmaga contra uma das portas de vidro. Do outro lado, há mãos, pés, um cérebro. Ela o beija angustiada, solenemente.

Spanel envolve as pernas em volta da cintura dele e segura o pescoço dele com as mãos. Ele a pressiona com mais força contra o vidro. Então ele a penetra, agarra seu rosto e a olha diretamente nos olhos. Ele se move

lentamente, não desvia o olhar. Ela fica frenética, balança a cabeça, quer se libertar. Mas ele não vai deixá-la. Ele pode sentir sua respiração irregular, ela está quase em agonia. Quando ela para de se contorcer, ele passa a mão pela pele dela, beija-a e continua a se mover lentamente. É então que Spanel grita, ela grita como se o mundo não existisse, ela grita como se as palavras tivessem se dividido em duas e perdido todo o sentido, ela grita como se debaixo desse inferno, houvesse outro inferno, um do qual ela não veio. não quero escapar.

Ele se veste enquanto Spanel, ainda nu, está sentado na cadeira, fumando.

Ela sorri, mostrando todos os dentes.

El Perro ainda está olhando pela janela. Spanel sabe que ele está lá, do outro lado da porta, mas ela o ignora.

Ele vai embora sem se despedir.

19

Ele entra no carro e acende um cigarro. Mas antes de ligar o motor, seu telefone toca. É a irmã dele.

"Olá."

"Olá, Marcos. Onde está você? Eu vejo prédios. Você está na cidade?" "Eu sou. Eu tive que fazer alguns recados."

— Por que você não vem almoçar então?

"Não posso, tenho que ir trabalhar."

"Marcos, eu sei perfeitamente que hoje é seu dia de folga. A mulher que atendeu o telefone na fábrica me contou. Não te vejo há séculos."

Ele preferia ver sua irmã do que voltar para casa para a fêmea.

"Vou fazer rins especiais em uma marinada de limão e ervas. Você vai lamber seus dedos."

"Não estou comendo carne, Marisa."

Sua irmã olha para ele com surpresa e um pouco de suspeita. “Você não é um daqueles veganoides agora, é?”

“É por motivos de saúde, meu médico sugeriu que eu parasse de comer carne. É só por um tempo.”

"Está tudo bem? Não me assuste, Marcos.

"Não é nada sério. Meu colesterol está um pouco alto, só isso."

“Bem, eu vou pensar em algo. Mas venha, quero ver você.”

Não é por motivos de saúde. Desde que seu filho morreu, ele não voltou a comer carne.

A perspectiva de ver sua irmã pesa sobre ele. Visitá-la é uma tarefa a ser cumprida quando ele não tem outra escolha. Ele não sabe quem é sua irmã, não realmente.

Ele dirige lentamente pela cidade. Há pessoas ao redor, mas parece deserto. Não é só porque a população foi reduzida. Desde que os animais foram eliminados, há um silêncio que ninguém ouve, mas está lá, sempre, ressoando por toda a cidade. É um silêncio estridente que pode ser visto nos rostos das pessoas, em seus gestos, nas

maneira como se olham. É como se as vidas de todos estivessem detidas, como se estivessem esperando o fim do pesadelo.

Ele chega na casa de sua irmã e sai do carro. Um tanto resignado, ele toca a campainha.

“Oi, Marquitos!”

As palavras de sua irmã são como caixas cheias de papel em branco.

Ela lhe dá um abraço fraco, rápido.

“Deixe-me pegar seu guarda-chuva.” “Eu não tenho um.”

“Você é louco? O que você quer dizer com não ter um?”

“Eu não tenho um, Marisa. Eu moro no campo e os pássaros não fazem nada. É só na cidade que as pessoas ficam paranoicas.”

— Apresse-se e entre, sim.

Sua irmã o empurra para dentro da casa e olha ao redor. Ela está preocupada que os vizinhos vejam seu irmão sem guarda-chuva.

Ele sabe que o que vai acontecer é o ritual de falar de trivialidades, durante o qual Marisa insinua que não pode assumir a responsabilidade pelo pai, e ele diz que ela não precisa se preocupar, e vê os dois estranhos que são seus filhos, e ela abandona a culpa por seis meses até que a coisa toda se repita.

Eles vão para a cozinha.

“Como vai, Marquitos?”

Ele odeia quando ela o chama de Marquitos. Ela faz isso para expressar um pouco de afeto, que ela não sente.

“Estou bem.”

“Um pouco melhor?”

Há pena e condescendência em seus olhos. É a única maneira que ela olhou para ele desde que ele perdeu seu filho.

Ele não responde, limita-se a acender um cigarro.

“Desculpe, mas não aqui, ok? Você vai encher a casa com o cheiro de fumaça.”

As palavras de sua irmã se acumulam, uma em cima da outra, como pastas empilhadas sobre pastas dentro de pastas. Ele apaga o cigarro.

Ele quer ir embora.

“A comida está pronta. Estou apenas esperando notícias de Esteban.”

Esteban é o marido de sua irmã. Sempre que pensa no cunhado, vê um homem curvado, com o rosto cheio de contradições

e um meio sorriso que é uma tentativa de escondê-los. Ele acredita que Esteban é um homem preso por suas circunstâncias, por uma esposa que é um monumento à estupidez e por uma vida que ele se arrepende de ter escolhido.

“Oh, Esteban acabou de me retornar. Isso é ruim. Ele tem muito trabalho e não vai conseguir”.

"Isso é bom."

“As crianças estarão em casa em breve da escola.”

Os filhos de sua irmã. Existem dois deles. Ele acha que ela nunca se interessou muito por maternidade, que teve filhos

porque é uma das coisas que se deve fazer na vida, como dar uma festa no seu aniversário de quinze anos, casar, reformar a casa e comer carne.

Ele não diz nada porque não se importa em vê-los. Ela lhe serve limonada com hortelã e coloca um prato embaixo do copo. Ele toma um gole e coloca de volta para baixo. A limonada tem um sabor artificial.

“Como vai, Marquitos? A verdade.”

Ela mal toca a mão dele e inclina a cabeça, segurando a pena que sente, embora não totalmente, porque ela quer que ele perceba. Ele olha para os dedos que ela colocou sobre sua mão e pensa que não faz muito tempo, aquela mão agarrou Spanel pela nuca.

"Estou bem."

“Como é possível que você não tenha um guarda-chuva?”

Ele suspira um pouco e pensa que, mais uma vez, eles vão ter a discussão que têm todos os anos.

“Eu não preciso de um. Ninguém precisa de um.”

“Todo mundo precisa de um. Existem áreas que não possuem coberturas de proteção. Você quer se matar?”

“Marisa, você realmente acha que se um pássaro cagar na sua cabeça, você vai morrer?”

"Sim."

“Vou falar de novo, Marisa, no campo, na fábrica, ninguém usa guarda-chuva, ninguém pensaria em usar. Não faria mais sentido acreditar que, se você for picado por um

mosquito, que poderia ter picado um animal antes de você, você pode pegar o vírus?”

“Não, porque o governo diz que não há risco com mosquitos.” “O

governo quer manipulá-lo, essa é a única razão pela qual existe.”

“Aqui todo mundo usa guarda-chuva quando sai. É apenas lógico.”

“Você já parou para pensar que talvez a indústria de guarda-chuvas tenha visto uma oportunidade e o governo tenha entrado nela?”

“Você sempre acha que há alguma conspiração quando não há.”

Ele pode ouvi-la batendo no chão com o pé. Lentamente, quase sem fazer barulho, mas ele sabe que sua irmã chegou ao limite, que ela é incapaz de discutir mais o assunto, mais do que tudo porque ela não pensa por si mesma. É por isso que ela não pode sustentar seu ponto de vista por muito tempo.

“Não

vamos

discutir,

Marquitos." "Por mim tudo

bem."

Ela usa os dedos para exibir a tela virtual na mesa da cozinha. No menu, aparece uma foto de seus filhos. Ela o toca e uma janela se abre.

Mostra seus dois filhos, que são quase adolescentes, andando pela rua com guarda-chuvas de ar.

"Quanto tempo mais você vai

ficar?" "Estamos quase lá."

Ela fecha a tela virtual e olha nervosa para o irmão. Ela não sabe o que falar.

"Aqueles guarda-chuvas foram presentes dos avós deles, você não tem ideia do quanto eles mimam as crianças. Eles estavam pedindo por eles há anos, mas eles são tão caros. Quem pensaria em fazer um guarda-chuva com uma hélice de ar? Mas as crianças estão felizes, são a inveja de todos os colegas."

Ele não diz nada e olha para um porta-retratos na parede da cozinha.

O quadro projeta imagens de composições baratas de natureza morta.

Frutas em cestas, laranjas em uma mesa, uma série de desenhos não assinados. Perto do quadro ele vê uma barata

na parede. A barata rasteja até a bancada e desaparece atrás de um prato de pão.

“As crianças adoram este jogo virtual que os avós lhes deram.

Chama-se My Real Pet.”

Ele não pergunta nada a ela. As palavras de sua irmã cheiram a umidade retida, de confinamento, de frio intenso. Ela continua falando.

“Você cria seu próprio animal e pode acariciá-lo, brincar com ele, alimentá-lo. O meu é um gato angorá branco chamado Mishi. Mas ela é apenas uma

gatinha porque não quero que ela fique maior. Eu prefiro gatos bebês, como todo mundo faz.”

Ele nunca gostou de gatos. Ou filhotes de gatos. Ele toma um gole de limonada, esconde seu desgosto e observa as imagens mudarem no porta-retratos. Uma natureza morta pisca e depois se torna pixelizada.

A moldura fica preta.

“As crianças criaram um dragão e um unicórnio. Mas sabemos que eles vão ficar entediados em breve, assim como fizeram com Bobby, ele era um cachorro robô que compramos para eles. Nós economizamos por tanto tempo e depois de alguns meses eles se cansaram dele. Bobby está na garagem, desligado. Ele é muito bem feito, mas não é a mesma coisa que um cachorro de verdade.”

Sua irmã sempre faz com que ele entenda que eles não têm muito dinheiro, que a vida deles é austera. Ele sabe que isso não é verdade, embora ele não se importe de qualquer

maneira, e não guarda rancor porque ela não contribui com nada, nem mesmo um centavo, para os cuidados de seu pai.

“Eu preparei uma salada quente com legumes e arroz para você. Isso soa bem?”

"Sim."

Ele percebe uma porta perto da pia da qual não se lembra. É o tipo de porta encontrada nas casas que levanta a cabeça. Ele pode dizer que é novo e não foi usado. Atrás da porta há uma sala fria. Agora ele entende por que sua irmã o convidou. Ela vai pedir cabeças a um bom preço para poder criá-las.

Eles ouvem sons da rua e as crianças entram.

20

As crianças são gêmeas. Uma menina e um menino. Eles mal falam e quando o fazem, é um para o outro em sussurros, usando códigos secretos e palavras com significados apenas implícitos. Ele olha para eles como se fossem um animal estranho feito de duas partes separadas ativadas por uma única mente. Sua irmã insiste em chamá-los de “as crianças”, quando todo mundo se refere a eles como “os gêmeos”. Sua irmã e suas regras idiotas.

Os gêmeos sentam-se à mesa da sala de jantar sem dizer olá.

“Você não disse oi para o tio Marquitos.”

Ele se levanta da mesa da cozinha e caminha lentamente até a sala de jantar. O que ele quer é que a formalidade termine, que acabe com essa visita obrigatória o quanto antes.

“Oi, tio Marquitos.”

Dizem isso em uníssono, mecanicamente, imitando um robô. Eles seguram o riso, que mostra em seus olhos. Eles o encaram sem piscar, esperando uma reação. Mas ele se senta em uma cadeira e se serve de um pouco de água, não presta atenção neles.

Sua irmã serve a refeição sem perceber nada. Ela tira o copo de água dele e o substitui por limonada. “Você esqueceu isso na cozinha, Marquitos. Eu fiz isso só para você.”

Embora os gêmeos não sejam idênticos, seu vínculo selado e inabalável lhes dá um ar ameaçador. Os gestos inconscientes que se duplicam, o olhar idêntico, os pactos de silêncio, incomodam os outros. Ele sabe que eles têm uma linguagem secreta, que é improvável que até sua irmã consiga decifrar. As palavras que só os dois entendem transformam os outros em estrangeiros, estranhos, os tornam analfabetos. Os filhos de sua irmã também são um clichê: os gêmeos malvados.

Sua irmã lhe serve a comida sem carne. Está frio. Insípido.

"Isso é bom?"

"Sim."

Os gêmeos comem os rins especiais preparados com limão e ervas, as batatas à provençale e as ervilhas. Saboreiam a

carne enquanto o olham com curiosidade. Ele vê o menino, Estebancito, gesticular

para a menina, Maru. Ele sempre ri ao pensar no dilema catastrófico em que sua irmã se encontraria se tivesse duas meninas ou dois meninos. Dar às crianças o nome de seus pais é despojá-las de uma identidade, lembrá-las de quem elas pertencem.

Os gêmeos riem, dão sinais um ao outro, sussurram. O cabelo de ambas as cabeças está sujo ou oleoso.

“Crianças, vamos almoçar com seu tio. Não seja rude. Seu pai e eu conversamos com você sobre isso. Na mesa não sussurramos, falamos como adultos, entendeu?”

Estebancito olha para ele com um brilho nos olhos, um brilho cheio de palavras como bosques de árvores lascadas e tornados silenciosos.

Mas é Maru quem fala. “Estamos tentando adivinhar qual é o gosto do tio Marquitos.”

Sua irmã pega sua faca e a enfia na mesa. O som é furioso, rápido.

"Chega", ela diz lentamente, pesando a palavra, controlando-a. Os gêmeos olham para ela com surpresa. Ele nunca viu sua irmã reagir dessa maneira. Ele olha para ela em silêncio e mastiga um pouco mais de seu arroz frio, sentindo-se triste com toda a cena.

“Já estou farto deste jogo. Nós não comemos pessoas. Ou vocês dois são selvagens?”

Ela grita a pergunta. Então ela olha para a faca enfiada na mesa e corre para o banheiro, como se estivesse acordando

de um transe.

Maru, ou Marisita, como a irmã a chama, olha para o pedaço de rim especial que está prestes a colocar na boca e, com um leve sorriso, pisca para o irmão. As palavras de sua sobrinha são como pedaços de vidro derretendo no calor extremo, como corvos bicando os olhos em câmera lenta.

“Mamãe é louca.”

Ela diz isso com a voz de uma garotinha, fazendo beicinho e movendo o dedo indicador em círculos perto de sua têmpora.

Estebancito olha para ela e ri. Ele parece achar tudo altamente cômico. Ele diz: “O jogo se chama Exquisite Corpse. Quero jogar?”

Sua irmã volta. Ela olha para ele, envergonhada, um tanto resignada.

“Peço desculpas”, diz ela. “É um jogo popular agora e eles não entendem que não podem jogá-lo.”

Ele bebe um pouco de água. Ela continua falando e é como se ela achasse que ele queria uma explicação que não pediu.

“O problema são as redes sociais e aqueles grupinhos virtuais dos quais eles fazem parte, é aí que essas coisas começam. Você não tem ideia porque nunca está online.”

Ela percebe que a faca ainda está presa na mesa e a puxa rapidamente como se nada tivesse acontecido, como se ela não tivesse exagerado.

Ele sabe que, se levantar e sair como se estivesse ofendido, terá que passar por tudo de novo em breve, porque sua irmã o convidará quantas vezes forem necessárias para se desculpar. Em vez disso, ele se limita a dizer: “Acho que Estebancito deve ter um gosto um pouco rançoso, como um porco que foi engordado por muito tempo, e Maru não muito diferente do salmão rosa, um pouco forte, mas delicioso”.

A princípio os gêmeos olham para ele sem entender. Eles nunca comeram porco ou salmão. Então eles sorriem, divertidos. Sua irmã olha para ele e não diz nada. Ela só é capaz de tomar outro gole de água e comer. Suas palavras ficam presas dentro dela como se estivessem presas em sacos plásticos embalados a vácuo.

“Então me diga, Marquitos, a fábrica vende cabeças para famílias individuais, para alguém como eu?”

Ele engole o que acredita ser vegetais. Ele não pode dizer o que está comendo, nem pela cor nem pelo sabor. Há um cheiro azedo no ar.

Pode ser a comida ou a casa.

"Você está me ouvindo?"

Ele a olha por alguns segundos sem responder. Ocorre-lhe que desde que chegou lá, ela não perguntou sobre o pai deles.

"Não."

“Não foi isso que o secretário da fábrica disse.”

Ele decide que é hora de terminar a visita.

“Papai está bem, Marisa, caso você esteja se perguntando.”

Ela abaixa os olhos e reconhece o sinal de que seu irmão já está farto.

"Isso é maravilhoso."

"Sim, é maravilhoso."

Mas ele decide ir mais longe porque ela passou dos limites quando ligou para a fábrica para perguntar sobre coisas que não deveria.

"Ele teve um episódio há pouco tempo."

A irmã deixa o garfo suspenso no ar, a meio caminho da boca, como se estivesse genuinamente surpresa.

"Ele fez?"

"Sim. Ele está indo bem, mas isso acontece de vez em quando." "Certo, claro."

Ele aponta para a sobrinha e sobrinho com o garfo e, levantando um pouco a voz, diz: "Os filhos, os netos dele foram visitá-lo?"

Sua irmã olha para ele com surpresa e fúria contida. O contrato tácito deles implica em não humilhá-la, e ele sempre o respeitou. Até hoje.

"Entre a escola, o dever de casa, a distância que ele está, é muito difícil.

E depois há o toque de recolher."

Maru está prestes a dizer algo, mas sua mãe toca sua mão e continua falando.

“Você tem que entender que eles estão matriculados na melhor escola – é uma escola excelente, uma escola estadual, claro, porque as escolas particulares são terrivelmente caras. Mas se eles não acompanharem, terão que se transferir para um com uma taxa e isso não é algo que possamos assumir.”

As palavras de sua irmã são como folhas secas empilhadas em um canto, apodrecendo. “Claro, Marisa. Vou mandar lembranças de todos para o papai, ok?

Ele se levanta e sorri para sua sobrinha e sobrinho, mas não se despede.

Maru lhe dá um olhar desafiador. Ela dá uma mordida no rim especial e diz, de boca aberta, quase gritando: “Quero ir visitar o vovô, mamãe”.

Estebancito olha para ela, divertido, e segue: “Vamos, mãe, vamos visitar, não podemos ir visitar?”

Sua irmã olha para eles com confusão; ela não percebe a crueldade do pedido, não vê o riso reprimido.

"Tudo bem, tudo bem, acho que podemos ir."

Ele sabe que não verá os gêmeos por muito tempo, e sabe que se ele cortasse um braço de cada um dos filhos de sua irmã e os comesse neste exato momento na mesa de madeira, eles teriam o sabor exatamente como ele previu. . Ele os olha bem nos olhos. Primeiro Maru e depois Estebancito. Ele olha para sua sobrinha e sobrinho como se estivesse saboreando o sabor deles. Isso os assusta e eles baixam os olhos.

Ele caminha direto para a porta. Sua irmã abre e lhe dá um rápido beijo de despedida.

“Que bom ver você, Marquitos. Pegue este guarda-chuva, faça-me um favor.

Ele abre o guarda-chuva e sai sem responder. Antes de entrar em seu carro, ele vê uma lixeira. Ele joga o guarda-chuva aberto nele. Sua irmã está assistindo da porta. Ela a fecha lentamente enquanto abaixa a cabeça.

21

Ele dirige para o zoológico abandonado.

O almoço com a irmã sempre o deixa nervoso. Não a ponto de deixar de ir, mas sente a necessidade de se recompor depois, para entender por que essa pessoa que faz parte de sua família é do jeito que é, por que tem os filhos que tem, por que nunca se importou sobre ele ou seu pai.

Ele passa lentamente pelas jaulas dos macacos. Eles estão quebrados. As árvores que foram plantadas dentro deles secaram. Ele lê uma das placas, suas letras descoloridas:

Macaco

bugio

Alouatta caraya

Classe:

Mamíferos

Ao lado da palavra “Mamíferos”, há um desenho obsceno.

Ordem:

Primates

Família:

Atelidae

Habitat:

Bosques

Adaptações: As fêmeas têm pelagem dourada ou amarelada, enquanto a do macho

As palavras que se seguem estão desgastadas.

Eles têm características especiais que lhes permitem produzir sons. Sua laringe e osso hióide em particular são altamente desenvolvidos, formando uma grande cápsula que amplifica suas vocalizações.

Alimentação: Plantas, insetos e

frutas Estado de conservação:

Fora de perigo

As palavras “fora de perigo” têm uma cruz entre elas.

Distribuição: Zona central da América do Sul, desde o leste da Bolívia e sul do Brasil até o norte da Argentina e Paraguai

Há uma foto de um macaco bugio macho. O rosto do macaco está contorcido, como se a câmera capturasse o momento em que foi capturado. Alguém desenhou um círculo vermelho com uma cruz no centro.

Ele entra em uma das gaiolas. Há grama crescendo entre rachaduras no cimento, cigarros e agulhas no chão. Ele encontra ossos, acha que podem ser do macaco. Ou não. Eles podem ser qualquer coisa.

Há árvores do lado de fora da gaiola, e ele a deixa para caminhar sob elas. É um dia quente e o céu está claro. As árvores fornecem um pouco de sombra. Ele está suando.

Ele se depara com um estande de vendas. Quando ele enfia a cabeça pelo batente da porta vazia, encontra latas, papéis, sujeira. Lá dentro, ele lê a lista de produtos pintados na parede: Simba, o leão de pelúcia, Rita, a girafa de pelúcia, Dumbo, o elefante de pelúcia, xícara do reino animal, estojo de macaquinho. As paredes brancas estão cobertas de grafites, frases, desenhos. Alguém escreveu “Sinto falta dos animais”

em letras pequenas e contidas. Alguém riscou as palavras e acrescentou: “Espero que você morra por ser tão burro”.

Quando ele sai do estande de vendas, ele acende um cigarro. Ele nunca vagueia pelo zoológico, mas sempre vai direto para a cova dos leões e senta-se lá. Ele sabe que o

zoológico é grande porque se lembra de passar horas explorando-o com seu pai.

Ele desce em algumas piscinas vazias. As piscinas são pequenas.

Eles poderiam ter guardado lontras ou focas, ele pensa, mas não consegue se lembrar. Os sinais foram arrancados.

Enquanto caminha, ele arregança as mangas. Ele desabotoa a camisa e a deixa aberta, solta.

Ao longe, vê jaulas enormes, altas, encimadas por cúpulas. Ele se lembra do aviário. Os pássaros coloridos voando, a explosão de penas, o cheiro denso e frágil. Quando ele chega às gaiolas, ele vê que na verdade é uma gaiola, dividida em seções. No interior há uma grande ponte suspensa coberta por uma cúpula de vidro, que outrora permitia aos visitantes caminhar entre os pássaros. As portas estão quebradas.

As árvores que eram

plantado dentro da gaiola cresceu e rompeu as cúpulas de vidro sobre o telhado e a ponte. Ele pisa em folhas e cacos de vidro, sente-os ranger sob suas botas. Há uma escada até a ponte suspensa. Ele sobe e decide atravessar a ponte. Ele atravessa os galhos, passa por cima deles, os empurra para fora do caminho. Em uma clareira, ele olha para o telhado e vê as copas das árvores e uma das cúpulas, a do centro. É o único feito de vitrais e tem a imagem de um homem com asas voando perto do sol. Ele reconhece Ícaro, sabe de seu destino. As asas são de cores diferentes e Ícaro está voando por um céu cheio de pássaros, como se estivessem lhe fazendo companhia, como se esse humano fosse um deles. Ele pega um galho com folhas e limpa um pouco o chão da ponte para poder se deitar sem se cortar

no vidro. Algumas partes da cúpula estão quebradas, mas é a menos danificada de todas porque é a mais alta e mais distante dos galhos das árvores, que ainda não chegaram até ela.

Ele gostaria de poder passar o dia inteiro deitado ali olhando para o céu multicolorido. Ele gostaria de mostrar este aviário ao filho, tal como está, vazio, quebrado. Uma lembrança o atinge dos telefonemas de sua irmã quando Leo morreu. Ela só falava com Cecília, como se sua esposa fosse a única que precisava ser consolada. No funeral, chorando, ela segurou seus filhos como se temesse que eles também morressem de morte súbita, como se o bebê no caixão tivesse a capacidade de infectar outras pessoas com seu destino. Ele olhava para todos como se o mundo tivesse se distanciado alguns metros; era como se as pessoas que o abraçavam estivessem atrás de um vidro fosco. Ele não foi capaz de chorar, nem uma vez, nem mesmo quando viu o pequeno caixão branco sendo baixado no chão. O que ele estava pensando era que desejava que o caixão fosse menos visível; ele sabia que era branco por causa da pureza da criança por dentro, mas será que somos tão puros assim quando chegamos a este mundo?, perguntou-se.

Pensou em outras vidas, pensou que talvez em outra dimensão, em outro planeta, em outra época, pudesse se encontrar com o filho e vê-lo crescer. E enquanto ele estava pensando em tudo isso e as pessoas estavam jogando rosas no caixão, sua irmã chorou como se essa criança fosse dela.

Tampouco chorou depois, depois do simulacro de um funeral que ainda era esperado naquela época. Quando os convidados foram embora e os dois

permaneceu, os funcionários do cemitério levantaram o caixão de volta, limparam a terra e as flores que haviam

sido jogadas nele e o levaram para um quarto. Eles retiraram o corpo de seu filho do caixão branco e o colocaram em um que era transparente. Ele e Cecilia tiveram que ver o bebê entrar lentamente no forno que o cremaria.

Cecília desmaiou e foi levada para outra sala com poltronas preparadas para esse fim. Ele recebeu as cinzas e assinou os papéis que comprovavam que seu filho havia sido cremado e que eles testemunharam isso.

Ele sai do aviário e passa por um parquinho infantil. O slide está quebrado. Há uma gangorra que está faltando um de seus assentos. O

carrossel em forma de pião manteve sua cor verde, mas suásticas foram pintadas em seu piso de madeira. A grama está crescendo na caixa de areia e alguém colocou uma cadeira frágil no meio dela e a deixou lá para apodrecer. Só resta um balanço. Ele se senta e acende um cigarro. As correntes ainda sustentam seu peso. Ele balança movendo as pernas suavemente, os pés tocando o chão. Então ele começa a bater as pernas, levantando os pés no ar, e vê que ao longe, nuvens estão se formando no céu.

Está um dia quente. Ele tira a camisa e amarra na cintura.

Não muito longe do playground, ele vê outra gaiola. Ele vai até ele e lê o sinal.

Com crista de

enxofrecacatua cacatua

galerita

Classe: Aves

Ordem: Família

Psittaciformes:

Psittacidae

Alguém escreveu “Eu te amo, Romina” em letras vermelhas sobre a descrição do habitat.

Adaptações: Os machos têm olhos cor de café escuro, enquanto os olhos das fêmeas são vermelhos. Durante a corte, o macho levanta a crista e move a cabeça em forma de oito enquanto emite vocalizações. Ambos os pais assumem a responsabilidade de incubar e alimentar os filhotes. A ave vive cerca de

40 anos em estado selvagem e quase 65 em cativeiro (há registro de uma cacatua que viveu mais de 120).

O resto do letreiro está quebrado e caído no chão, mas ele não se abaixa para pegá-lo.

Ele caminha até um grande edifício. A moldura da porta foi queimada. O edifício contém uma sala com grandes janelas que foram quebradas. Ele acha que o espaço deve ter sido um bar ou restaurante.

Há cadeiras embutidas que não foram removidas. A maioria das mesas se foi, mas duas permanecem soldadas no chão. Há uma estrutura alongada que poderia ter sido um bar.

Então ele vê uma placa que diz “Serpentarium” e uma flecha. Ele anda por corredores escuros e estreitos até chegar a um espaço maior com janelas largas. Há outra placa pintada na parede. Diz:

“Serpentarium, por favor, espere na fila.” Ele entra em uma sala com um teto alto, parte do qual está quebrado. O céu mostra através das rachaduras. Não há gaiolas. Em vez disso, as paredes são divididas em compartimentos por painéis de vidro. Ele acha que eles são chamados de terrários. Houve uma vez diferentes serpentes dentro deles. Alguns dos painéis de vidro estão quebrados, outros desapareceram completamente.

Ele se senta no chão e pega um cigarro. Enquanto ele olha para os grafites e desenhos, uma imagem chama sua atenção. É uma máscara que alguém desenhou com muita habilidade. Parece uma máscara veneziana. Ao lado, em grandes letras pretas, a pessoa escreveu: “A máscara da calma aparente, da tranquilidade mundana, da alegria, ao mesmo tempo pequena e brilhante, de não saber quando essa coisa que chamo de pele será arrancada, quando essa coisa que chamo boca perderá a carne que a envolve, quando essas coisas que chamo olhos se depararem com o silêncio negro de uma faca.” Não está assinado.

Ninguém o rabiscou ou desenhou sobre ele, mas palavras e imagens o cercam. Ele lê algumas das coisas que as pessoas escreveram:

“mercado negro”, “por que você não rasga isso”, “carne com nome e sobrenome sabe melhor!”, “alegria? pequeno e brilhante? a sério?

LOL!

Enquanto ele está tentando lembrar o que “YOLO” significa, ele ouve um som. Ele fica quieto. É um choro fraco. Ele se levanta e caminha pelo serpentário até uma das maiores janelas. Está intacto.

É difícil para ele fazer qualquer coisa. Há galhos secos no chão, sujeira. Mas ele vê um corpo se mexer. E então, de repente, uma pequena cabeça se levanta. Tem um focinho preto e duas orelhas marrons. Então ele vê outra cabeça e outra e outra.

Ele fica lá olhando para eles, pensa que está alucinando. Então ele sente uma vontade de quebrar o vidro para poder tocá-los. A princípio, ele não entende como eles chegaram lá, mas depois percebe que há três terrários conectados por portas e que o vidro que cerca dois deles está quebrado. Eles não estão no nível do solo, e é por isso que ele tem que subir para entrar neles. Ele fica de quatro e rasteja pela porta para o maior terrário, o do meio, que é onde estão os filhotes. A porta está aberta. O terrário é largo e bastante alto. Ele acha que conteria uma anaconda, ou uma píton. Os filhotes choramingam, estão assustados.

Claro, ele pensa, eles nunca viram um humano em suas vidas. Ele rasteja com cuidado porque o chão está coberto de pedras, folhas secas, sujeira. Os filhotes estão embaixo de alguns galhos que fazem um bom trabalho em protegê-los. Ramos em torno dos quais uma jibóia poderia ter se enrolado, ele pensa. Eles estão enrolados um ao lado do outro para se aquecer e se proteger. Ele se senta perto, mas não os toca até que estejam mais calmos. Então ele começa a acariciar os filhotes. São quatro, são esqueléticos e imundos. Eles cheiram suas mãos. Ele pega um deles. Quase não pesa nada. A princípio treme, mas depois começa a se mover desesperadamente. Urina por medo. Os outros latem, choramingam. Ele abraça o cachorrinho, beija

até ele se acalmar. O cachorro passa a língua pelo rosto. Ele ri e chora em silêncio. Ele se senta perto, mas não os toca até que estejam mais calmos. Então ele começa a acariciar os filhotes. São quatro, são esqueléticos e imundos. Eles cheiram suas mãos. Ele pega um deles.

Quase não pesa nada. A princípio treme, mas depois começa a se mover desesperadamente. Urina por medo. Os outros latem, choramingam. Ele abraça o cachorrinho, beija até ele se acalmar. O

cachorro passa a língua pelo rosto. Ele ri e chora em silêncio. Ele se senta perto, mas não os toca até que estejam mais calmos. Então ele começa a acariciar os filhotes. São quatro, são esqueléticos e imundos.

Eles cheiram suas mãos. Ele pega um deles. Quase não pesa nada. A princípio treme, mas depois começa a se mover desesperadamente.

Urina por medo. Os outros latem, choramingam. Ele abraça o

cachorrinho, beija até ele se acalmar. O cachorro passa a língua pelo rosto. Ele ri e chora em silêncio. O cachorro passa a língua pelo rosto.

Ele ri e chora em silêncio. O cachorro passa a língua pelo rosto. Ele ri e chora em silêncio.

22

Com os filhotes, ele perde a noção do tempo. Eles brincam de atacá-lo, tentam pegar os galhos que ele move pelo ar.

Eles beliscam suas mãos com seus dentes minúsculos e quase faz cócegas. Ele agarra suas cabeças e as sacode com cuidado, como se sua mão fosse a mandíbula de uma fera monstruosa que estava atrás deles. Ele puxa suavemente em suas caudas. Quando eles choramingam e latem, ele também. Eles lambem suas mãos. Todos os quatro filhotes são machos.

Ele lhes dá nomes: Jagger, Watts, Richards e Wood.

Os filhotes correm pelo terrário. Jagger morde a cauda de Richards.

Wood parece estar dormindo, mas se levanta de repente, pega um dos galhos com a boca e o sacode no ar. Mas Watts desconfia e cheira esse homem no terrário, depois brinca com ele, cheira-o e late, antes de subir pelas pernas com movimentos desajeitados. Ele ataca Watts, e o filhote chora um pouco e morde sua mão, balançando o rabo. Então Watts salta para Richards e Jagger. Ele ataca os outros filhotes, mas eles o perseguem.

Ele pensa em seus cães. Pugliese e Koko. Ele teve que matá-los sabendo, suspeitando, que o vírus era uma mentira inventada por potências globais e legitimada pelo governo e pela mídia. Ele havia considerado abandonar seus cães para evitar ter que matá-los, mas temia que fossem torturados. Mantê-los poderia ter sido muito pior.

Todos poderiam ter sido torturados. Naquela época, as injeções eram vendidas para evitar que os animais de estimação sofressem. Eles estavam à venda em todos os lugares, até mesmo no supermercado. Ele enterrou Pugliese e Koko debaixo da maior árvore do quintal. Os três ficavam à sombra nas tardes em que o calor era intenso e ele não precisava trabalhar na usina de beneficiamento do pai.

Enquanto ele bebia uma cerveja e lia, eles estavam ao seu lado. Ele trazia o velho rádio portátil de seu pai e ouvia um programa que tocava jazz instrumental. Ele gostava do ritual de ter que sintonizar a estação. De vez em quando, Pugliese se levantava e perseguia um pássaro. Koko levantava a cabeça, sonolenta de sono, e olhava primeiro para Pugliese, depois para ele, de um jeito que ele sempre pensou

significava: “Pugliese é louco, completamente louco delirante. Mas nós o amamos do jeito que ele é, maluco”, e ele sempre acariciava a cabeça dela, sorrindo e dizendo baixinho: “Doce Taylor, minha linda Koko”. Mas quando seu pai apareceu, Koko era um cachorro diferente.

Ela não conseguia conter sua felicidade. Algo se acendeu dentro dela, um motor adormecido, e ela começou a pular, correr, abanar o rabo, latir. Quando ela o visse, não importa o quão longe ele estivesse, ela correria em sua direção e pularia em cima dele. Ele sempre a cumprimentava com um sorriso, a abraçava, a pegava no colo. Koko abanava o rabo de forma diferente para seu pai, era assim que ele sabia que seu pai estava por perto. Ela só fez isso pelo homem que a encontrou na beira da estrada, enrolada e suja, com poucas semanas de idade, desidratada, à beira da morte. Seu pai mantinha Koko ao seu lado 24 horas por dia; ele a levou para a fábrica e cuidou dela até que ela começou a responder. Ele acha que matar Koko foi outra das razões para o colapso mental de seu pai.

De repente, os quatro cachorrinhos ficam quietos e animam as orelhas. Ele fica tenso. Em nenhum momento o óbvio lhe ocorreu. Os filhotes têm mãe.

Ele ouve um grunhido. Do outro lado do vidro, dois cães estão mostrando suas presas. Ele leva menos de um

segundo para reagir.

Neste instante, ele pensa que gostaria de morrer aqui, neste terrário, com esses filhotes. Dessa forma, pelo menos seu corpo poderia servir de alimento e esses animais poderiam viver um pouco mais. Mas então a imagem de seu pai na casa de repouso vem a ele, e tão rapidamente que é instintivo, ele se arrasta até a porta pela qual entrou. Ele fecha a porta e a tranca. Os cachorros já estão do outro lado, latindo, arranhando, tentando entrar. Se ele deixar a porta trancada e escapar pela que liga ao terrário adjacente, os filhotes morrerão. Mas se ele abrir esta porta com os filhotes dentro, não terá tempo de escapar antes que os cães ataquem. A porta do terrário adjacente está fechada. Ele tenta abri-lo, mas não consegue. Os cachorros choram. Eles se enrolam para se proteger. Ele decide cobri-los com sua camisa, embora saiba que isso não os manterá seguros. Ele se deita no chão em frente à porta pela qual pretende sair e começa a chutá-la. Depois de vários chutes, a porta cede. Ele respira. Os cães latem e patas no vidro com mais força.

Ele certifica-se de que a porta que leva ao terrário adjacente está completamente aberta e sabe que poderá escapar disso Os cães latem e patas no vidro com mais força. Ele certifica-se de que a porta que leva ao terrário adjacente está completamente aberta e sabe que poderá

escapar disso Os cães latem e patas no vidro com mais força. Ele certifica-se de que a porta que leva ao terrário adjacente está completamente aberta e sabe que poderá escapar disso

maneira porque o vidro está quebrado. O rosnado se intensifica. Ele acha que agora há mais cães. Ou isso ou

aqueles que já estão por aí estão ficando mais furiosos a cada segundo.

Os cachorrinhos estão enrolados, confusos, colocando suas cabecinhas para fora de sua camisa. Ele pega uma pedra de tamanho médio e a apoia contra a porta trancada, aquela pela qual o bando está tentando entrar. Então ele desbloqueia. Ele sabe que eventualmente os cães conseguirão abri-la, embora seja difícil. Ele encontra outra pedra um pouco maior e, de quatro, a arrasta para o terrário adjacente. Ele trava a porta no lugar com a grande pedra porque seus chutes destruíram o trinco. Então ele sai pelo vidro quebrado, com cuidado, sem pular ou fazer barulho. Quando ele está no térreo, ele começa a correr.

Ele corre sem parar ou olhar para trás. O céu está carregado de nuvens escuras, mas ele não percebe. É quando vê seu carro que ouve os latidos com mais clareza. Ele vira um pouco a cabeça e vê uma matilha de cachorros se aproximando cada vez mais. Ele corre como se fosse a última coisa que faria na terra. Segundos antes que os cães o alcancem, ele está em seu carro. Quando recupera o fôlego, olha para eles com tristeza porque não pode ajudá-los, porque não pode alimentá-los, lavá-los, cuidar deles, abraçá-los. Ele conta seis cães.

Eles são esqueléticos, provavelmente desnutridos. Ele não tem medo, embora saiba que eles poderiam despedaçá-lo se ele saísse do carro.

Ele não consegue parar de olhar para eles. Faz muito tempo desde que ele viu um animal. O macho alfa, o líder da matilha, é um cão preto.

Os seis cercam o carro, latindo, sujando as janelas com a espuma branca de seus focinhos, arranhando as portas

fechadas. Ele olha para as presas, a fome, a fúria. Eles são lindos, ele pensa. Ele não quer machucá-los. Eles o seguem até ele pisar no acelerador, e em sua mente ele se despede de Jagger, Watts, Richards e Wood.

23

Ao chegar em sua casa, ele sente falta do jeito que Koko e Pugliese costumavam latir e perseguir o carro ao longo da estrada de terra ladeada de eucaliptos. Foi Koko quem encontrou Pugliese. Ele estava chorando debaixo da árvore onde os dois estão agora enterrados. Ele era um cachorrinho de apenas alguns meses, cheio de pulgas e carrapatos, e desnutrido. Koko o adotou como se fosse dela. E embora tenha sido ele quem removeu as pulgas e carrapatos do filhote e o alimentou para que ele recuperasse as forças, Pugliese sempre viu Koko como seu salvador. Se alguém gritava com Koko ou a ameaçava, Pugliese ficava louco. Ele era um cão leal que cuidava de todos, mas Koko era seu favorito.

O céu está carregado de nuvens negras, mas ele não as nota. Ele sai do carro e vai direto para o celeiro. A fêmea está lá. Enrolado, adormecido. Ele tem que lavá-la, não pode esperar. Ele olha ao redor do celeiro e pensa que deveria limpá-lo, criar um espaço em que a fêmea possa ficar mais confortável.

Quando ele sai para pegar um balde para limpá-la, começa a chover.

É só então que ele percebe que uma tempestade está chegando, uma daquelas tempestades de verão que são assustadoras e bonitas.

Ele vai para a cozinha e sente uma exaustão esmagadora. O que ele quer fazer é sentar e tomar uma cerveja, mas não pode mais adiar a limpeza da fêmea. Ele pega o balde, uma barra de sabão branco e um pano limpo. No banheiro, ele procura um pente velho sem muita sorte, até que finalmente encontra o que Cecilia deixou para trás e o pega.

Ele acha que vai ter que ligar a mangueira, mas quando está de volta lá fora, está chovendo tanto que ele fica encharcado. Sua camisa é com Jagger, Watts, Richards e Wood. Ele tira as botas e as meias. Tudo o que ele tem são seus jeans.

Descalço, ele caminha até o celeiro. Ele sente a grama molhada sob seus pés, cheira a terra molhada. Ele vê Pugliese latindo para a chuva.

Vê o cachorro como se ele estivesse ali, naquele momento. Pugliese maluco pulando, tentando pegar as gotas, ficando coberto de lama,

buscando a aprovação de Koko, que sempre o procurava da varanda.

Cuidadosamente, quase com ternura, ele tira a fêmea do celeiro. A chuva a assusta e ela tenta se cobrir. Ele a acalma, acaricia sua cabeça e, como se ela pudesse entender, diz: “Não se preocupe, é só água, vai te limpar”. Ele ensaboa o cabelo da fêmea e ela o olha com terror. Para tranquilizá-la, ele a senta na grama. Então ele fica de joelhos atrás dela. O cabelo dela, que ele mexe desajeitadamente, se enche de espuma branca de sabão. Ele vai devagar, não quer assustá-la. A fêmea pisca e move a cabeça para olhar para ele na chuva, ela se contorce, treme.

A chuva cai forte e começa a limpá-la. Ele ensaboa os braços dela e os esfrega com o pano limpo. A fêmea está mais calma agora, mas olha para ele com certa desconfiança. Ele ensaboa suas costas e, em seguida, lentamente a coloca de pé. Agora ele limpa seu peito, axilas, estômago. Diligentemente, como se estivesse limpando um objeto valioso, mas inanimado. Ele está nervoso, como se o objeto pudesse quebrar ou ganhar vida.

Com o trapo, ele limpa as iniciais que certificam que a fêmea é Pura de Primeira Geração. Há vinte deles, um para cada um de seus anos no centro de criação.

Em seguida, ele se move para o rosto dela e, com a mão, limpa a sujeira grudada nele. Ele percebe seus longos cílios e seus olhos, que são de uma cor vaga. Eles são talvez cinza, ou verde. Ela tem algumas sardas espalhadas.

Ele se agacha para limpar seus pés, panturrilhas, coxas. Mesmo com as gotas de chuva caindo com força, ele pode sentir o cheiro dela, selvagem e fresco, o cheiro de jasmim. Com o pente na mão, ele a coloca de volta na grama. Então ele se move atrás dela e começa a passar pelo cabelo dela. Ela tem cabelo liso, mas está emaranhado. Ele tem que pentear com cuidado para não machucá-la.

Quando ele termina, ele a coloca de pé e olha para ela. Lá, na chuva, ele a vê. Tão frágil, quase translúcido, tão perfeito. Ele se move em direção ao cheiro de jasmim e, sem pensar, a abraça. A fêmea não se move ou treme. Ela apenas levanta a cabeça e olha para ele. Seus olhos são verdes, ele pensa, definitivamente verdes. Ele passa a mão sobre a marca na testa dela, onde ela foi marcada. Então ele a beija, porque ele sabe que ela sofreu quando eles fizeram isso para

ela, assim como ela sofreu quando lhe retiraram as cordas vocais para que ela ficasse mais submissa, para não gritar quando fosse abatida.

Ele acaricia seu pescoço. Agora, é ele quem treme. Ele tira a calça jeans e fica ali, nu. Sua respiração acelera. Ele continua a abraçá-la enquanto chove.

O que ele quer fazer é proibido. Mas ele faz isso de qualquer maneira.

DOIS

... como um animal enjaulado nascido de animais enjaulados nascido de animais enjaulados nascido de animais enjaulados nascido em uma gaiola e morto em uma gaiola, nascido e depois morto, nascido em uma gaiola e depois morto em uma gaiola, em uma palavra como um animal, em uma de suas palavras, como uma fera...

SAMUEL BECKET

1

Quando ele acorda, seu corpo está coberto por uma película de suor.

Não está quente lá fora, ainda não, não durante a primavera. Ele vai para a cozinha e se serve de um pouco de água. Então ele liga a TV, aperta o botão mudo e passa pelos canais sem prestar atenção.

Eventualmente, ele para em um canal que está repassando notícias antigas, de anos atrás. As pessoas começaram a vandalizar esculturas urbanas de animais. O programa mostra um grupo de indivíduos jogando tinta, lixo e ovos no Wall Street Bull. Em seguida, corta para outras imagens, um guindaste levantando a escultura de bronze que pesa mais de 3.000 quilos, o touro se movendo no ar enquanto as pessoas olham com horror, apontam para ele, cobrem a boca. Ele desliga o botão mudo, mas mantém o volume baixo. Ataques isolados ocorreram em museus. Alguém havia cortado o Gato e o Pássaro de Klee no MoMA. A âncora do noticiário discute os esforços dos especialistas para restaurar a pintura. No Museo del Prado, uma mulher tentou destruir os Gatos Brigando de Goya com suas próprias mãos.

Ela atacou, mas os seguranças a detiveram a tempo. Ele lembra os especialistas, historiadores da arte, curadores, críticos que se indignaram e falaram da “regressão aos tempos medievais”, do retorno a uma “sociedade iconoclasta”. Ele bebe um pouco de água e desliga a TV. do

retorno a uma “sociedade iconoclasta”. Ele bebe um pouco de água e desliga a TV. do retorno a uma “sociedade iconoclasta”. Ele bebe um pouco de água e desliga a TV.

Então ele se lembra das esculturas de São Francisco de Asís que foram queimadas, os burros, ovelhas, cães, camelos retirados dos presépios, as esculturas de leões marinhos em Mar del Plata que foram destruídas. Ele não consegue dormir e tem que acordar cedo para conhecer um membro da Igreja da Imolação. Há cada vez mais deles, ele pensa. O ritmo calmo e ordenado da matança é interrompido sempre que os lunáticos da igreja param na fábrica. Esta semana ele tem que ir à reserva de caça e ao laboratório. Tarefas que o afastam de casa, que complicam as coisas. Ele tem que fazê-los, mas ultimamente ele não tem sido capaz de se concentrar. Embora Krieg não tenha falado

para ele sobre isso, ele sabe que seu trabalho sofreu.

Com os olhos fechados, ele tenta contar suas respirações. Mas então ele sente algo tocá-lo e pula. Ele abre os olhos e a vê. Então ele se aproxima e ela se deita no sofá. Ele inala seu cheiro selvagem e vibrante, a abraça. “Oi, Jasmim.” Ele a desamarrou quando acordou.

Ele liga a TV novamente. Ela gosta de olhar para as imagens. No começo ela estava com medo dele, e tentou repetidamente quebrá-lo.

Os sons eram irritantes, as imagens a deixavam nervosa. Mas com o passar dos dias, ela entendeu que o aparelho não poderia machucá-la, que o que acontecia dentro dele não faria nada com ela, e ela ficou fascinada pelas imagens. Tudo era uma fonte de surpresa. A água saindo da torneira, a comida nova e deliciosa que era tão diferente da ração balanceada, a música no rádio, o banho no banheiro, os

móveis, andar livremente pela casa enquanto ele estava por perto para ficar de olho sua.

Ele ajeita a camisola dela. Fazer com que ela vestisse roupas era uma tarefa que exigia muita paciência. Ela rasgou os vestidos, tirou-os, urinou neles. Longe de ficar zangado, ele ficou surpreso com a força de seu caráter, com sua tenacidade. Com o tempo, ela entendeu que as roupas a cobriam, que de certa forma a protegiam. Ela também aprendeu a se vestir sozinha.

Ela olha para ele e aponta para a TV. Ela ri. Ele também, sem saber do que está rindo, ou por quê, mas faz isso de qualquer maneira e a puxa um pouco mais para perto. Jasmine não emite nenhum som, mas seu sorriso vibra por todo o corpo e ele o acha contagiante.

Ele passa a mão pela barriga dela. Ela está grávida de oito meses.

2

Ele tem que ir, mas primeiro ele quer ter um companheiro com Jasmine. A água já foi aquecida no fogão. Levou muito tempo para que ela entendesse o conceito de fogo, seus perigos e usos. Sempre que ele acendia o queimador, ela decolava e corria para o outro lado da casa.

Seu medo se transformou em admiração. Então tudo o que ela queria fazer era tocar o branco e o azul que às vezes podia ser amarelo, que parecia dançar, que estava vivo. Ela tocava as chamas até que a queimassem e então afastava a mão rapidamente, assustada. Ela chupava os dedos e recuava um pouco, mas depois se aproximava e fazia isso

de novo e de novo. Lentamente, o fogo tornou-se parte de sua vida cotidiana, sua nova realidade.

Quando ele toma um último gole de mate, ele a beija e, como faz todos os dias, a leva até o quarto onde a mantém trancada. Ele gira o ferrolho da porta da frente e entra em seu carro. Ela vai ficar bem vendo a TV que ele pendurou na parede, dormindo, desenhando com o giz de cera que ele deixou, comendo a comida que ele preparou para ela, folheando as páginas de livros que ela não entende. Ele gostaria de poder ensiná-la a ler, mas qual é o sentido se ela não pode falar e nunca fará parte de uma sociedade que a vê apenas como um produto comestível? A marca em sua testa, a marca enorme, clara e indestrutível, o obriga a mantê-la trancada em casa.

Ele dirige para a fábrica rapidamente. Ele pretende acabar com o que precisa ser feito e voltar para casa. Mas o telefone dele toca. Ele vê que é Cecilia e encosta na beira da estrada. Ela tem ligado com mais frequência ultimamente. Ele tem medo que ela queira voltar para casa.

Não há como ele dizer a ela o que está acontecendo. Ela não entenderia. Ele está tentando evitá-la, mas isso só piorou as coisas. Ela pode sentir sua impaciência, vê que a dor se tornou outra coisa. Ela diz: “Você é diferente”; “Seu rosto mudou”; “Por que você não atendeu no outro dia, você está tão ocupado?”; “Você já se esqueceu de mim, de nós.” O “nós” a que ela se refere não se limita a ela e a ele, inclui Leo, mas dizer isso em voz alta seria cruel.

Quando ele chega na fábrica, ele acena para o segurança e estaciona seu carro. Ele não se importa se o homem está lendo o jornal, nem se preocupa em verificar quem ele é. Ele não para mais para fumar, com os braços apoiados no teto do carro. O que ele faz é ir direto ao escritório de Krieg.

Ele dá um beijo rápido na bochecha de Mari, e ela diz: “Oi, Marcos. Você está muito atrasado, amor. O Señor Krieg está lá embaixo. As pessoas daquela igreja estão aqui e ele foi lidar com elas.” Esta última parte ela diz com aborrecimento. “Eles estão aparecendo cada vez com mais frequência.” Ele não diz nada, embora saiba que está atrasado e ainda mais que as pessoas da igreja chegaram cedo. Ele desce rapidamente e corre pelos corredores sem cumprimentar os trabalhadores no caminho.

O lobby é onde eles encontram fornecedores e pessoas que não trabalham na fábrica. Krieg está parado ali, sem dizer nada, balançando lentamente, quase imperceptivelmente, como se não tivesse escolha. Ele parece desconfortável. Na frente dele, há uma delegação de cerca de dez pessoas. Eles estão vestidos com túnicas brancas e suas cabeças são raspadas. Eles observam Krieg em silêncio.

Um deles veste uma túnica vermelha.

Ele vai até eles e aperta a mão de cada um. Em seguida, ele pede desculpas pelo atraso. Krieg diz que Marcos, o gerente, agora cuidará deles e pede licença para atender um telefonema.

Krieg se afasta rapidamente sem olhar para trás, como se os membros da igreja fossem contagiosos. Ele passa as mãos pelas calças, limpando-se de algo que poderia ser suor ou raiva.

Uma vez que Krieg se foi, ele vai até o homem que ele reconhece como o mestre espiritual, que é o que eles chamam de líder, e estende a mão. Ele pede ao homem os papéis que permitem e certificam o sacrifício. Ele os examina e vê que tudo está em ordem. O mestre espiritual lhe diz que o membro da igreja que será imolado foi

examinado por um médico e preparou seu testamento e realizou seu ritual de partida. O homem lhe entrega outro papel carimbado e certificado por um notário e diz: “Eu, Gastón Schafe, autorizo que meu corpo seja usado como alimento para outras pessoas”, e contém uma assinatura e um número de identificação. Gastón Schafe dá um passo à frente com sua túnica vermelha. Ele é um homem de setenta anos.

Gastón Schafe sorri e recita com paixão e convicção o credo da Igreja da Imolação: “O ser humano é a causa

de todo o mal deste mundo. Nós somos o nosso próprio vírus.”

Todos os membros da igreja levantam as mãos e gritam: “Vírus”.

Gastón Schafe continua: “Somos o pior tipo de verme, destruindo nosso planeta, matando de fome nossos semelhantes.”

Ele é interrompido novamente. “Companheiro”, gritam os membros da igreja. “Minha vida realmente terá sentido quando meu corpo alimentar outro

ser humano, aquele que realmente precisa dele. Por que desperdiçar meu valor proteico em uma cremação sem sentido? Eu vivi minha vida, isso é bom o suficiente para mim.”

Em uníssono, todos os membros da igreja gritam: “Salve o planeta, imole-se!”

Alguns meses atrás, uma jovem foi escolhida para o sacrifício. No meio do discurso da igreja, Mari desceu gritando. Uma jovem cometendo suicídio era uma

atrocidade, ela disse, ninguém estava salvando o planeta, a coisa toda era bobagem, ela não permitiria que um bando de lunáticos fizesse lavagem cerebral em uma mulher tão jovem, eles deveriam se envergonhar, talvez considerar suicídio em massa , e se eles realmente queriam ajudar, por que não doaram todos os seus órgãos. Uma Igreja da Imolação cujos membros estavam vivos era totalmente grotesca, ela gritou, até que finalmente ele a envolveu com os braços e a levou para outro quarto. Ele sentou Mari e lhe deu um copo de água e esperou até que ela se acalmasse. Ela chorou um pouco e depois se recompôs. “Por que eles simplesmente não se entregam ao mercado negro, por que eles têm que vir aqui?” Mari lhe perguntou

“Como eles precisam que as coisas sejam legais para que a igreja possa permanecer em operação, eles precisam dos certificados.”

Krieg deixou o incidente de lado porque concordou com tudo o que ela disse.

A fábrica tem a obrigação de lidar com a igreja e “passar por toda a terrível provação”, como diz Mari. Nenhuma das fábricas de processamento queria nada com eles. A igreja lutou por anos até que o governo cedeu e os dois lados assinaram um acordo. Seu sucesso ocorreu apenas após a adição de um membro que tinha contatos de alto escalão e muitos meios. Eventualmente, o governo chegou a um acordo com algumas fábricas de processamento que agora lidam com os membros da igreja. Em troca, eles recebem impostos

rompe. Isso eliminou o problema de um grupo de lunáticos que colocou em risco toda a falsa estrutura construída em torno da legitimação do canibalismo. Se uma pessoa com nome e sobrenome pode ser comida legalmente e não é

considerada um produto, o que impede alguém de comer outra pessoa? Mas o governo não estipulou o que deveria ser feito com a carne porque é carne que ninguém quer consumir, não se souber de onde vem e ter que pagar valor de mercado por ela. Um tempo atrás, Krieg fez uma ligação quando se tratava da Igreja da Imolação. A carne do sacrificado receberia um certificado especial para consumo dos mais necessitados, sem maiores explicações. Os membros pegam esse certificado e o arquivam junto com os outros que receberam ao longo dos anos. A realidade é que a carne realmente vai para os mais necessitados, os Catadores, que já estão à espreita perto da cerca. Porque eles sabem que um banquete os espera. Não importa se é carne velha, para eles é uma iguaria porque é fresca. Mas o problema com os Scavengers é que eles são marginalizados e a sociedade os considera sem valor. É por isso que a pessoa imolada não pode ser informada de que seu corpo será estripado, dilacerado, mastigado e devorado por um pária, um indesejável.

Ele dá tempo aos membros da igreja para se despedirem da pessoa que está prestes a ser sacrificada, Gastón Schafe, que parece estar em estado de êxtase. Ele sabe que não vai durar muito: quando chegarem ao setor de box, Gastón Schafe provavelmente vai vomitar, ou chorar, ou querer fugir, ou se molhar. Aqueles que não estão ou fortemente drogados ou severamente psicóticos. Ele sabe que os funcionários da fábrica fizeram apostas. Enquanto espera que os abraços terminem, ele se pergunta o que Jasmine está fazendo. No começo ele teve que deixá-la trancada no celeiro para que ela não se machucasse ou destruísse a casa. Pediu a Krieg as férias que não tinha tirado e passou várias semanas em casa, ensinando-a a viver numa casa, a sentar-se à mesa para jantar, a segurar o garfo, a limpar-se, a pegar um copo de água, como abrir uma geladeira, como

usar o banheiro. Ele teve que ensiná-la a não sentir medo. Medo que foi aprendido, enraizado, aceito.

Gastón Schafe dá um passo à frente e levanta as mãos à sua frente.

Ele se entrega com gestos dramáticos, como se todo o ritual tivesse algum valor. Ele recita: “Como Jesus disse, tome e coma do meu corpo”.

Ouvindo a voz triunfante de Gastón Schafe, ele é o único que vê a decadência de toda a cena.

A decadência e a loucura.

Ele espera o resto do grupo sair. Um segurança os acompanha até a saída. “Carlitos, veja-os sair”, diz ao guarda, com um gesto que Carlitos sabe que significa: “Saia com eles e certifique-se de que não voltem”.

Ele pede a Gastón Schafe que se sente e lhe oferece um copo d'água.

As cabeças são obrigadas a passar por um jejum completo antes do abate, mas as regras não importam aqui. Esta carne é para os Catadores, que não se importam com sutilezas, normas ou violações.

Seu objetivo é que o homem fique o mais calmo possível, dadas as circunstâncias. Ele vai buscar o copo d'água e fala com Carlitos, que confirma que os membros da igreja foram embora. Todos entraram em uma van branca e ele os viu indo embora.

Gastón Schafe pega o copo de água, sem saber que contém um tranquilizante, fraco, mas forte o suficiente para garantir que a reação do homem seja a mais mínima e não violenta

possível quando chegarem às caixas. Ele começou a usar os tranquilizantes recentemente, depois que surgiu uma situação com a jovem prestes a ser sacrificada. A fábrica inteira estava envolvida. Aconteceu no dia em que soube que Jasmine estava grávida. Naquela manhã, ele deu a ela um teste de gravidez caseiro depois de perceber que, além de não menstruar, ela ganhou um pouco de peso. No começo, ele sentiu felicidade, ou algo parecido. Então foi medo que ele sentiu. Então confusão. O que ele iria fazer? O bebê não poderia ser dele, não oficialmente, não se ele não quisesse que eles o tirassem, coloque em um criadouro e mande Jasmine e ele direto para o Matadouro Municipal. Ele não tinha planejado ir trabalhar naquele dia, mas Mari ligou e disse que era urgente: “Aquela igreja é aqui, a Igreja da Imolação, estão me enlouquecendo, mudaram a data em mim e agora estão está aqui e me dizendo que eu sou o único que cometeu um erro.

E Krieg não está aqui e eu não vou lidar com eles. Imagina, Marcos, eu quero sacudi-los, eles estão todos loucos, não consigo nem olhar para eles.” Ele desligou e foi até a fábrica. Mas ele não conseguia pensar em nada além do bebê, seu filho. A criança que era realmente dele. Ele tinha inventado algo para garantir que ninguém o tirasse. Quando ele chegou à fábrica, ele mas Mari ligou e disse que era urgente: “Aquela igreja é aqui, a Igreja da Imolação, estão me enlouquecendo, mudaram a data em mim e agora estão aqui e me dizendo que fui eu que fiz uma

erro. E Krieg não está aqui e eu não vou lidar com eles. Imagina, Marcos, eu quero sacudi-los, eles estão todos loucos, não consigo nem olhar para eles.” Ele desligou e foi até a fábrica. Mas ele não conseguia pensar em nada além do bebê, seu filho. A criança que era realmente dele. Ele tinha inventado algo para garantir que ninguém o tirasse.

Quando ele chegou à fábrica, ele mas Mari ligou e disse que era urgente: “Aquela igreja é aqui, a Igreja da Imolação, estão me enlouquecendo, mudaram a data em mim e agora estão aqui e me dizendo que fui eu que fiz uma erro. E Krieg não está aqui e eu não vou lidar com eles. Imagina, Marcos, eu quero sacudi-los, eles estão todos loucos, não consigo nem olhar para eles.” Ele desligou e foi até a fábrica. Mas ele não conseguia pensar em nada além do bebê, seu filho. A criança que era realmente dele. Ele tinha inventado algo para garantir que ninguém o tirasse. Quando ele chegou à fábrica, ele Eu quero sacudi-los em seus sentidos, eles são todos loucos, eu não posso nem olhar para eles.” Ele desligou e foi até a fábrica. Mas ele não conseguia pensar em nada além do bebê, seu filho. A criança que era realmente dele. Ele tinha inventado algo para garantir que ninguém o tirasse. Quando ele chegou à fábrica, ele Eu quero sacudi-los em seus sentidos, eles são todos loucos, eu não posso nem olhar para eles.” Ele desligou e foi até a fábrica. Mas ele não conseguia pensar em nada além do bebê, seu filho. A criança que era realmente dele. Ele tinha inventado algo para garantir que ninguém o tirasse. Quando ele chegou à fábrica, ele

estava impaciente com os membros da igreja. Que Claudia Ramos, a mulher prestes a ser sacrificada, fosse jovem, não lhe importava. Ele não pensou em mandar alguém ver os membros da igreja até a saída, e levou Claudia Ramos direto para os camarotes. Tampouco lhe importava que ela estivesse olhando pelas janelas para as miudezas e os quartos estreitos e que a cada passo estivesse ficando cada vez mais pálida e nervosa. Ele não levou em conta que Sergio estava de folga e que Ricardo, o ator menos experiente, estava trabalhando. Nem pensou duas vezes quando entraram no saguão do setor de camarotes e Ricardo agarrou seu braço como se ela fosse um animal. Ricardo tentou tirar a túnica para que ela ficasse nua para

atordoar e foi um tanto violento e desrespeitoso com ela. Claudia Ramos se libertou, assustada, e fugiu. Ela correu desesperadamente pela planta, de cômodo em cômodo, gritando: “não quero morrer, não quero morrer”, até chegar ao setor de descarga e ver muitas cabeças descendo dos caminhões. Ela foi direto para eles gritando: “Não, não nos mate, por favor, não, não nos mate, não nos mate”. Ele olhou quando Sérgio, que a tinha visto se aproximando a toda velocidade, e sabia que ela era da Igreja da Imolação porque cabeças não falam, pegou seu porrete (que ele nunca estava sem) e a atordoou com tanta precisão que eles ficaram todos maravilhados. Ele correu atrás de Claudia Ramos, mas não conseguiu alcançá-la. Quando viu Sergio atordoá-la, deu um suspiro de alívio. Então ele chamou a segurança em seu walkie-talkie e perguntou se os membros da igreja haviam saído. "Agora mesmo", respondeu o guarda. Foi então que ele ordenou que dois trabalhadores levassem a mulher para o setor de Catadores. Uma Claudia Ramos inconsciente foi cortada em pedaços com facões e facas, e devorada pelos Scavengers que espreitavam nas proximidades, a metros de distância da cerca elétrica. Krieg soube do que havia acontecido, mas não deu muita atenção ao incidente; como o dono da fábrica, ele estava farto da igreja. Mas, ao contrário de Krieg, ele entendeu que não poderia acontecer de novo, que se Sergio não a tivesse atordoado, poderia ter sido pior.

Gastón Schafe tropeça um pouco. O tranquilizante fez efeito. Eles passam pelas salas de miudezas e fendas, mas as janelas estão cobertas. Então eles estão nas caixas. Sérgio está esperando por eles na porta. Gastón Schafe está um pouco pálido, mas está se mantendo firme. Sergio tira a túnica e os sapatos. Gastón Schafe agora está nu.

Ele treme um

pequeno e olha ao redor, confuso. Ele está prestes a falar, mas Sergio segura seu braço com cuidado e o venda. Sergio guia Gastón Schafe para a área. O homem se move desesperadamente, diz algo que não está claro. Enquanto observa Sergio lidar com Gastón Schafe, pensa que terão de aumentar a dose do tranquilizante. Sergio ajusta as algemas de aço inoxidável no pescoço do homem e fala com ele. Ele parece se acalmar, ou pelo menos parar de se mexer e falar. Sergio levanta o taco e o acerta na testa. Gastón Schafe cai. Dois trabalhadores o pegam e o levam para o setor Scavenger.

A cerca elétrica não consegue silenciar os gritos e o som dos facões cortando seu corpo, os Catadores lutando pelo melhor pedaço de Gastón Schafe.

3

Ele chega em casa cansado. Antes de abrir o quarto de Jasmine, ele toma banho, senão ela não o deixa fazer isso em paz. Ela vai tentar entrar na água com ele, beijá-lo, abraçá-lo. Ele entende que ela fica sozinha o dia todo, que quando ele chega em casa ela quer segui-lo pela casa.

Ele abre a porta e Jasmine o cumprimenta com um abraço. Ele esquece Gastón Schafe, Mari e as caixas.

Há colchões no chão. A sala não contém móveis ao alcance; nada que pudesse machucá-la. Ele montou assim quando descobriu que ela estava grávida. Ele não queria arriscar que algo acontecesse com seu filho e tomou todas as

precauções necessárias. Jasmine aprendeu a se aliviar em um balde que ele limpa todos os dias e também a esperar por ele. Ela é capaz de se mover livremente dentro das quatro paredes adaptadas para que nada aconteça com ela.

Faz muito tempo desde que ele sentiu que esta casa era sua casa. Era um espaço para dormir e comer. Um lugar de palavras quebradas e silêncios encapsulados entre paredes, de tristezas acumuladas que estilhaçavam o ar, o raspavam, rasgavam as partículas de oxigênio.

Uma casa onde a loucura estava se formando, onde espreitava, iminente.

Mas desde que Jasmine chegou, a casa está cheia de seu cheiro selvagem e sua risada brilhante e silenciosa.

Ele entra no quarto que já foi de Leo. Ele tirou o papel de parede com barcos e pintou o quarto de branco. Há também um novo berço e móveis. Comprar essas coisas não era uma opção, então ele as construiu à mão. Ele não queria levantar suspeitas. Depois do dia na fábrica, ele gosta de se deitar no chão e imaginar de que cor vai pintar o berço. Ele quer decidir o momento em que o bebê nasce. Quando ele olha seu filho nos olhos, ele imagina que saberá qual cor escolher. Nos primeiros meses, o bebê dormirá ao seu lado, ao lado de sua cama, em um berço temporário.

Dessa forma, ele pode garantir que essa criança não pare de respirar.

Jasmine sempre se senta com ele no quarto do bebê. Ele prefere assim, que ela o siga. Todas as gavetas da casa têm fechaduras. Um dia, quando ele voltou da fábrica, Jasmine havia tirado todas as facas.

Ela cortou uma de suas mãos. Ela estava sentada no chão, coberta pelo sangue que escorria lentamente dela. Ele entrou em pânico. Mas foi apenas uma ferida superficial. Ele tratou, limpou-a e trancou as facas.

E os garfos e colheres. Quando limpou o chão, descobriu que ela estava tentando desenhar na madeira. Foi quando ele comprou para ela os lápis de cor e o papel.

Ele também comprou câmeras que se conectam ao seu telefone para que, enquanto estiver na fábrica, possa ver o que Jasmine está fazendo na sala. Ela passa horas assistindo televisão, dormindo, desenhando, olhando para um ponto fixo. Às vezes, parece que ela está pensando, como se ela realmente pudesse.

4

“Você já comeu algo vivo?” “Eu não tenho.”

“Há uma vibração, um calor sutil e frágil, que torna a vida particularmente deliciosa. Você está extraíndo vida pela boca. É o prazer de saber que por causa de sua intenção, suas ações, este ser deixou de existir. É a sensação de um organismo complexo e precioso expirando aos poucos, e também se tornando parte de você. Para sempre. Acho esse milagre fascinante. Esta possibilidade de uma união indissolúvel.”

Urlet está bebendo vinho de um copo que parece um cálice antigo. É

um vermelho transparente, feito de cristal gravado, e tem figuras estranhas nele. As figuras poderiam ser mulheres

nuas dançando ao redor de uma fogueira. Ou não. Eles são abstratos. Talvez homens uivando. Urlet pega o copo pela haste e o levanta muito lentamente, como se fosse um objeto de valor extraordinário. O copo é da mesma cor da pulseira que ele usa no dedo anelar.

Ele olha para as unhas de Urlet, ele sempre olha, e não pode deixar de sentir nojo. As unhas do homem são limpas, mas compridas. Há algo hipnótico e primitivo neles. Há uma espécie de lamento, de uma presença antiga para eles. Algo nas unhas de Urlet cria uma necessidade de sentir o toque de seus dedos.

Ocorre-lhe que só precisa ver o homem algumas vezes por ano e está feliz.

Urlet está sentado no encosto alto de uma poltrona de madeira escura. Atrás dele pendem meia dúzia de cabeças humanas. Seus troféus de caça. Ele sempre esclarece, para quem quiser ouvir, que ao longo dos anos essas foram as cabeças mais difíceis de caçar, aquelas que apresentaram “desafios monstruosos e revigorantes”. Ao lado das cabeças estão penduradas fotografias antigas emolduradas. São fotografias clássicas de negros sendo caçados na África antes da Transição. A imagem maior e mais nítida mostra um caçador branco de joelhos segurando um rifle e atrás dele, em estacas, as cabeças de quatro homens negros. O caçador está sorrindo.

Ele acha difícil determinar a idade de Urlet. O homem é uma daquelas pessoas que parecem ter feito parte do mundo desde o início, mas que têm uma certa vitalidade e por isso parecem jovens. Quarenta, cinquenta, Urlet pode ter setenta. Impossível saber.

Urlet permanece em silêncio e olha para ele.

Ele acha que Urlet coleciona palavras além de troféus. Valem tanto para o homem quanto uma cabeça pendurada na parede. Seu espanhol é quase perfeito e ele se expressa de uma maneira preciosa. Urlet seleciona cada palavra como se o vento a levasse embora se ele não o fizesse, como se suas frases pudessem ser vitrificadas no ar, e ele pudesse segurá-las e trancá-las com uma chave em algum móvel, mas não uma peça qualquer, uma antiguidade, uma peça art nouveau com portas de vidro.

Urlet deixou a Romênia após a Transição. A caça de humanos era proibida ali e ele possuía uma reserva de caça para animais. Ele queria permanecer no negócio e decidiu se mudar para outro lugar.

Ele nunca sabe o que dizer a Urlet. O homem olha para ele como se esperasse uma frase reveladora ou uma palavra lúcida, mas ele só quer ir embora. Ele diz a primeira coisa que lhe vem à mente nervosamente, porque ele não consegue segurar o olhar de Urlet, nem pode parar a sensação de que dentro desse homem há uma presença, algo arranhando seu corpo, tentando sair.

“Claro, deve ser fascinante comer algo que está vivo.”

Urlet faz um leve movimento com a boca. É um gesto de desprezo.

Ele vê isso claramente e reconhece isso porque em cada visita, em algum momento da conversa, Urlet encontra uma maneira de dar a conhecer seu descontentamento. Desagrado com este homem que repete suas palavras ou que não tem nada de novo a acrescentar ou cujas respostas não permitem uma maior elaboração. Mas os gestos de Urlet são medidos e ele cuida para que eles passem quase

despercebidos. Ele sorri imediatamente e diz: “De fato, meu caro cavaleiro”.

Urlet nunca usa seu nome e sempre se dirige a ele com formalidade.

Ele o chama de cavaler, romeno para cavalheiro.

É dia, mas no escritório de Urlet, atrás da imponente escrivaninha de madeira preta, atrás da cadeira que parece um trono, sob as cabeças empalhadas e as fotografias, há velas acesas. Como se o espaço fosse um grande altar, como se as cabeças fossem objetos sagrados de algum

religião, a religião de Urlet, dedicada à coleção de humanos, palavras, fotografias, sabores, almas, carnes, livros, presenças.

As paredes do escritório estão repletas de prateleiras do chão ao teto cheias de livros antigos. A maioria dos títulos está em romeno e, embora esteja à distância, consegue distinguir alguns: Necronomicon, O Livro de São Cipriano, Enquirídio do Papa Leão, O Grande Grimório, O Livro dos Mortos.

Eles ouvem as risadas dos caçadores que voltam da reserva de caça.

Urlet entrega a papelada para o próximo pedido. Ele não pode deixar de estremecer quando uma das unhas do homem roça sua mão.

Ele a afasta rapidamente, incapaz de esconder seu desgosto, sem vontade de olhar Urlet nos olhos, porque tem medo de que a presença, a entidade que vive sob a pele do homem, pare de arranhá-lo e seja libertada. É a alma de um

ser que Urlet comeu vivo, um que ficou preso dentro dele, ele se pergunta.

Ele olha para a ordem e vê o círculo vermelho que Urlet desenhou em torno de “fêmeas grávidas”.

“Eu não quero mais nenhuma fêmea que não tenha engravidado.

Eles são idiotas e submissos.”

“Isso é bom. Fêmeas grávidas custam três vezes mais. A partir de quatro meses, o custo sobe ainda mais.”

“Não é um problema. Eu quero alguns com o feto desenvolvido, para que possa ser comido depois.”

“Isso é bom. Vejo que você aumentou o número de machos.

“Os machos que você entrega são os melhores do mercado. Eles estão cada vez mais ágeis e inteligentes, como se isso fosse possível.”

Um assistente bate suavemente na porta. Urlet diz para ele entrar. O

assistente vai até Urlet e sussurra algo em seu ouvido. Urlet gesticula para o homem, que sai em silêncio, fechando a porta atrás de si.

Ainda sentado, desconfortável, sem saber o que fazer, ele vê o assistente sair e o sorriso que se forma no rosto de Urlet. Urlet bate lentamente na mesa com as unhas. Ele não para de sorrir.

“Meu caro cavaleiro, o destino sorriu para mim. Há algum tempo, implementei um programa que permite que

celebridades que caíram em desgraça acumulando grandes dívidas liquidem suas contas aqui.”

“O que você quer dizer? Eu não sigo.”

Urlet toma outro gole de vinho. Ele espera alguns segundos antes de responder.

“Eles são obrigados a permanecer na reserva de caça por uma semana, três dias ou algumas horas, dependendo do valor que devem, e se os caçadores não conseguirem pegá-los e sobreviverem à aventura, garanto o cancelamento de todas as suas dívidas.”

“Então eles estão dispostos a morrer porque devem dinheiro?”

“Há pessoas dispostas a fazer coisas atrozes por muito menos, *cavaleiro*. Como caçar alguém famoso e comê-lo.”

A resposta de Urlet o deixa perplexo. Ele nunca teria pensado que o homem fosse capaz de julgar alguém por comer uma pessoa. “Isso representa um dilema moral para você? Você acha isso atroz?” ele pergunta.

“De jeito nenhum. O ser humano é complexo e acho espantosos os atos vis, contradições e sublimidades característicos de nossa condição. Nossa existência seria um tom de cinza exasperante se fôssemos todos perfeitos.”

“Mas então por que você considera isso atroz?”

“Porque é. Mas é isso que é incrível, que aceitemos nossos excessos, que os naturalizemos, que abracemos nossa essência primitiva.”

Urlet faz uma pausa para servir mais vinho e lhe oferece um pouco.

Ele não aceita, diz que tem que dirigir. Urlet recomeça, falando devagar. Ele toca a faixa em torno de seu dedo anelar, move-a.

“Afinal, desde que o mundo começou, comemos uns aos outros. Se não simbolicamente, então estamos literalmente devorando um ao outro. A Transição nos permitiu ser menos hipócritas.”

Urlet se levanta devagar e diz: “Siga-me, cavaleiro. Vamos ter prazer na atrocidade.”

Ele acha que a única coisa que quer fazer é ir para casa e ficar com Jasmine e colocar a mão na barriga dela. Mas há algo sobre Urlet que é magnético e repulsivo. Ele se levanta e o segue.

Eles caminham até uma grande janela que se abre para a reserva de caça. No pátio de pedra, meia dúzia de caçadores tiram fotos com seus troféus. Alguns deles estão ajoelhados no chão, sobre os corpos de suas presas. Dois dos caçadores agarraram os cabelos de suas presas e estão exibindo as cabeças levantadas. Um atirou em uma fêmea grávida. Ele acha que ela tem cerca de seis meses.

No centro do grupo, um caçador tem sua presa na posição vertical.

O macho está apoiado contra o corpo do caçador e um assistente o apoia por trás. Ele é o melhor partido, o que vale mais. As roupas do macho estão sujas, mas são claramente caras, de boa qualidade. Ele reconhece o homem como um músico, como a estrela do rock que se endivida. Mas ele não consegue lembrar seu nome, só sabe

que era muito famoso. Os assistentes vão até os caçadores e pedem seus rifles.

Os caçadores colocam suas presas sobre os ombros e vão para um celeiro onde cada uma é pesada, etiquetada e entregue aos chefs, que as cortam e separam os pedaços que vão cozinhar daqueles que serão a vácuo

selado para os caçadores levarem com eles.

A reserva de caça oferece aos caçadores um serviço de embalagem para suas cabeças.

5

Urlet o vê sair, mas na entrada da sala eles encontram um caçador que chegou depois dos outros. É Guerrero Iraola, um homem que ele conhece bem. Guerrero Iraola costumava fornecer cabeças à planta. O

seu é um dos maiores criadouros, mas com o tempo começou a mandar para Krieg cabeças doentes e violentas, atrasava-se nos pedidos, e injetava no produto drogas experimentais para amaciar a carne. Desde então não encomendou cabeças ao criadouro porque, em última análise, a carne era de baixa qualidade e se cansou da maneira desdenhosa como as coisas eram tratadas, de nunca poder falar diretamente com Guerrero Iraola, de ter que passar por três secretários falar com o homem por menos de cinco minutos.

“Marcos Tejo! Como vai, companheiro? Tem sido para sempre.” “Estou indo bem, muito bem.”

“Urlet, este cavalheiro está sentado para uma refeição conosco. Sem discussão”, diz Guerrero Iraola, em uma mistura de espanhol e inglês empolado.

"Como você quiser", diz Urlet e acena levemente. Então ele gesticula para um dos assistentes e diz algo em seu ouvido.

“Junte-se a nós para o almoço, a caçada foi espetacular”, diz Guerrero Iraola, mudando para o inglês novamente. “Todos nós queremos experimentar Ulises Vox.”

Certo, esse é o nome do astro do rock que se endividou, ele pensa. A possibilidade de comer o homem lhe parece aberrante, e ele diz:

“Tenho uma longa viagem para casa”.

“Sem discussão”, repete Guerrero Iraola em inglês. “Pelo amor dos velhos tempos, já que espero que eles voltem.”

Ele sabe que ser retirado da lista de provedores não fez muita diferença para o homem, pelo menos não economicamente. Afinal, o Centro de Criação Guerrero Iraola fornece cabeças a metade do país e exporta um volume enorme de produto. Mas ele também sabe que o centro foi prejudicado em termos de prestígio porque a Usina de Processamento de Krieg é a mais conceituada do ramo. Mas há uma regra que nunca é quebrada: mantenha boas relações com os provedores, mesmo este

que o exaspera com a mistura de espanhol e inglês que usa para mostrar suas raízes, para que todos saibam que ele estudou em escolas particulares bilíngues, e que vem de uma longa linhagem de criadores, primeiro de animais e agora de humanos. Nunca se sabe se terão que fazer negócios com alguém como ele novamente.

Urlet não lhe dá a chance de responder e diz: “Claro, o cavaleiro ficará encantado em se juntar a nós. Meus assistentes estão colocando um prato na mesa.

“Ótimo”, diz Guerrero Iraola em inglês, depois continua em espanhol. “E eu imagino que você, senhor, vai se juntar a nós também?”

“Será uma honra”, diz Urlet.

Eles entram na sala onde os caçadores estão sentados nas poltronas de couro de espaldar alto, fumando charutos. Eles já tiraram as botas e os coletes, e os assistentes lhes deram paletós e gravatas para o almoço.

Um assistente toca a campainha e todos se levantam e vão para a sala de jantar, onde uma mesa foi posta com louça da Inglaterra, facas de prata, copos de cristal. Os guardanapos são bordados com as iniciais da reserva de caça. As cadeiras têm espaldar alto com assentos de veludo vermelho e os candelabros foram acesos.

Antes de entrar na sala de jantar, ele é convidado a seguir um assistente. O homem lhe entrega uma jaqueta para experimentar e uma gravata combinando. Ele acha que todos os preparativos são ridículos, mas ele tem que respeitar as regras de Urlet.

Quando ele entra na sala de jantar, os outros caçadores olham para ele com surpresa, como se ele fosse um intruso. Mas Guerrero Iraola o apresenta. “Este é Marcos Tejo, o braço direito da Unidade de Processamento Krieg. Esse cara é um dos mais conhecedores do ramo”, diz Guerrero Iraola, mudando novamente para o inglês. “Ele é o mais respeitado e o mais exigente.”

Ele nunca se apresentaria dessa maneira para ninguém. Se tivesse que dizer honestamente aos outros quem ele era, diria: “Este é Marcos Tejo, um homem cujo filho morreu e que se move pela vida com um buraco no peito. Um homem casado com uma mulher quebrada. Este homem massacra humanos porque precisa sustentar seu pai, que perdeu a cabeça, está trancado em uma casa de repouso e não o reconhece. Ele vai ter um filho com uma mulher, um dos crimes mais graves que uma pessoa pode

cometer, mas ele não se importa nem um pouco, e o filho vai ser dele.”

Os caçadores o cumprimentam e Guerrero Iraola diz para ele se sentar ao seu lado.

Ele precisa estar a caminho de casa. A viagem vai durar várias horas. Mas ele olha para o telefone e vê que Jasmine está dormindo e relaxa.

Os assistentes servem uma sopa de erva-doce e anis seguida de uma entrada de dedos em uma redução de xerez com legumes cristalizados.

Mas eles não usam a palavra espanhola para dedos. Dizem “frescos dedos”, em inglês, como se isso pudesse ressignificar o fato de que o que está sendo servido são os dedos de vários humanos que respiravam há algumas horas.

Guerrero Iraola está falando do cabaré Lulú. Ele está usando palavras em código porque se sabe que o lugar é um clube decadente envolvido em tráfico de pessoas, com uma pequena diferença: depois de pagar pelo sexo, o cliente também pode pagar para comer a mulher com quem dormiu. É extremamente caro, mas a opção existe, mesmo

que seja ilegal. Todos estão envolvidos: políticos, policiais, juízes.

Cada um leva sua parte porque o tráfico de pessoas passou de ser a terceira maior indústria para a primeira. Apenas algumas das mulheres são comidas, mas de vez em quando acontece, é o que Guerrero Iraola está dizendo a elas, enfatizando em inglês que ele pagou “bilhões, bilhões” por uma loira deslumbrante que o deixou selvagem e depois, ele é claro, “teve que levar as coisas adiante”. Os caçadores riem e tocam seus copos, comemorando sua decisão.

"Então, como ela estava?" um dos caçadores mais jovens pergunta a ele.

Guerrero Iraola só consegue levar os dedos à boca em um gesto indicando que ela era gostosa. Ninguém pode admitir em público que comeu uma pessoa com nome e sobrenome, exceto no caso do músico que deu seu consentimento. Mas Guerrero Iraola insinua isso para mostrar ao braço direito de Krieg que ele tem dinheiro para pagar por isso. Por isso Guerrero Iraola o convidou para almoçar, para esfregar a cara. Ele ouve um dos caçadores, que está sentado perto, sussurrar para outro que a loira deslumbrante era na verdade uma jovem virgem de quatorze anos que precisava ser amaciada e que Guerrero Iraola a destruiu na cama, estuprando-a por horas. O homem diz que estava lá e que a criança estava meio morta quando a levaram para ser abatida.

Ocorre-lhe que, neste caso, o comércio de carne é literal, e ele está enojado. Enquanto pensa nisso, tenta comer os legumes cristalizados, evitando os dedos que foram cortados em pedacinhos.

Ele está sentado ao lado de Urlet, e o homem olha para ele e diz em seu ouvido: “Você tem que respeitar o que está sendo servido, cavaleiro. Cada prato contém morte. Pense nisso como um sacrifício que alguns fizeram por outros.”

As unhas de Urlet roçam sua mão novamente e ele estremece. Ele acha que pode ouvir o arranhar sob a pele do homem, o lamento contido, a presença que quer sair. Ele engole os “dedos frescos”

porque quer que isso acabe, que vá embora o mais rápido possível. As falsas teorias de Urlet não são algo que ele se importa em discutir. Ele não vai dizer ao homem que um sacrifício geralmente requer o consentimento da pessoa que está sendo sacrificada, nem comentará que tudo contém morte, não apenas este prato, e que ele, Urlet, também está morrendo a cada segundo que passa, como todos deles.

Para sua surpresa, os dedos são requintados. Ele percebe o quanto sente falta de comer carne.

Um assistente traz um único prato e o serve ao caçador que matou o músico. Solenemente, o assistente diz: “A língua de Ulises Vox marinada em ervas finas, servida sobre kimchi e batatas com molho de limão”.

Todos aplaudem e riem. Alguém diz: “É um privilégio comer a língua de Ulises. Você terá que cantar uma de suas músicas depois para que possamos ver se você soa como ele.”

Todos caíram na risada. Exceto por ele. Ele não ri.

O resto dos comensais são servidos o coração, olhos, rins e nádegas.

O pênis de Ulises Vox é colocado na frente de Guerrero Iraola, que o solicitou.

“Parece que ele teve um grande problema”, diz Guerrero Iraola.

“O que, você é um bicha agora, comendo um pau”, um deles diz a ele. Todos eles riem.

“Não, isso me deixa mais potente sexualmente. É um afrodisíaco”, responde Guerrero Iraola, sério, e olha com desprezo para o homem que o chamou de bicha.

Todos ficam quietos. Ninguém quer contradizê-lo porque ele é um homem com muito poder. Para mudar de assunto e liberar a tensão,

alguém pergunta: “O que é isso que estamos comendo, esse kimchi?”

Há silêncio. Ninguém sabe o que é kimchi, nem mesmo Guerrero Iraola, um homem que teve alguma educação, que viajou o mundo, que fala línguas diferentes. Urlet faz um trabalho muito bom em esconder seu descontentamento em jantar com as pessoas incultas e não refinadas que o cercam. Mas ele não esconde isso completamente.

Há uma pitada de desdém em sua voz quando ele responde. “Kimchi é um alimento preparado com vegetais que foram fermentados por um mês. É de origem coreana. Os benefícios são inúmeros, entre eles que é um probiótico. Nada além do melhor para meus convidados.”

“Estamos recebendo probióticos de todas as drogas pesadas que Ulises injetou”, diz um deles e todos riem alto.

Urlet não responde, apenas os observa com um meio sorriso estampado no rosto. Ele olha para Urlet e sabe que a entidade, seja lá o que estiver lá dentro, arranhando a pele do homem por dentro, quer uivar e cortar o ar com um lamento agudo e cortante.

Guerrero Iraola lança um olhar que restabelece a ordem e faz uma pergunta: “Como Ulises Vox foi caçado?”

“Eu o peguei desprevenido no que parecia ser um esconderijo. Ele teve o azar de se mover assim que eu passei”, diz o caçador.

“Certo, com seu ouvido biônico, ninguém escapa”, diz o homem que atirou na fêmea grávida.

“Lisandrito é um mestre”, diz Guerrero Iraola, a última palavra em inglês, “como todos os Núñez Guevaras. A família tem os melhores caçadores do país.” Ele aponta seu garfo cheio de carne para o caçador e diz: “Da próxima vez que Urlet tiver uma celebridade para nós, deixe-o por mim, garoto”. É uma ameaça clara e Lisandrito baixa os olhos.

Guerrero Iraola levanta seu copo e todos brindam a Lisandrito e sua linhagem de caçadores de primeira classe.

“Quantos dias ele tem?” alguém pergunta a Urlet. “Hoje foi seu último dia. Ele tinha cinco horas restantes.”

Todos aplaudem e batem os copos.

Exceto por ele. Ele está pensando em Jasmine.

Ele sabe que chegará tarde em casa. É uma longa viagem, mas ele não quer ficar em um hotel como costumava fazer, antes de Jasmine. Ele está na estrada há várias horas e sabe que será noite quando chegar.

Ele passa pelo zoológico abandonado, mas não para porque está escuro e porque nunca mais quer voltar. A última vez que esteve lá, ele ainda não sabia que Jasmine estava grávida. Ele precisava limpar sua mente e queria ir para o aviário.

Ao se aproximar do prédio, ouviu gritos e risos. Os sons vinham do serpentário. Aproximou-se lentamente, contornando o aviário para ver se encontrava uma janela para não ter que entrar.

Uma das paredes estava quebrada. Ele foi até lá com cautela e viu um grupo de adolescentes. Havia seis ou sete deles. Eles estavam segurando bastões.

Os adolescentes estavam no serpentário dos filhotes. Eles quebraram o vidro. Ele podia ver que os filhotes estavam lá, enroscados uns contra os outros, tremendo, choramingando de medo.

Semanas antes, ele acariciou aqueles filhotes. Agora ele viu um adolescente pegar um dos quatro irmãos e jogá-lo no ar. Outro adolescente, o mais alto do grupo, bateu no filhote com um bastão, como se ele fosse uma bola. A criatura bateu na parede e caiu no chão, morta, bem perto de um de seus irmãos, que já havia sido morto.

Todos aplaudiram e um deles disse: “Vamos esmagar seus miolos contra a parede. Quero ver como é.”

Ele agarrou o terceiro filhote e bateu a cabeça do animal repetidamente contra a parede. “É como quebrar um melão ou um pedaço de merda. Vamos ver o que acontece com o último.”

O último cachorrinho tentou se defender, latir. Aquele é Jagger, ele pensou, enquanto sua raiva o consumia porque ele sabia que não poderia salvar o filhote, porque ele não seria capaz de detê-los sozinho. Jagger mordeu a mão do adolescente que estava prestes a jogá-lo

o ar. Enquanto observava a cena, sentiu uma sensação de prazer com a pequena vingança de Jagger.

Os adolescentes riram, a princípio, mas depois ficaram quietos, em silêncio. “Você vai morrer, idiota. Eu lhe disse para agarrá-lo pelo pescoço. O adolescente estava calado, não sabia como reagir.

“Agora você tem o vírus.”

“Você está contaminado.”

"Você vai morrer."

Todos os outros deram alguns passos para

trás, com medo. “O vírus é uma mentira,

idiotas.”

“Mas o governo...”

“E o governo? Você realmente não acredita naquele monte de sanguessugas corruptos, os filhos da puta que temos para um governo.

Enquanto o adolescente dizia isso, ele sacudiu Jagger no ar.

“Não, mas houve pessoas que morreram.”

“Não seja idiota. Você não vê que eles estão nos controlando? Se comemos uns aos outros, eles controlam a superpopulação, a pobreza, o crime. Você quer que eu continue? Quero dizer, é óbvio.”

“É, como naquele filme que foi banido, onde no final todo mundo está comendo um ao outro e não sabe”, disse o mais alto.

"Que filme?"

“O filme era... chamava-se Destiny is Catching Up to Us ou algo idiota assim. Vimos na dark web, é difícil encontrar porque é proibido.”

“Ah sim, cara, eu me lembro. É aquele em que eles comem aqueles biscoitos verdes que são realmente feitos de pessoas.”

O adolescente que segurava Jagger continuou a sacudir o cachorrinho no ar, com mais força, e gritou: “Não vou morrer por esse pedaço de merda de animal”.

Ele disse isso com ressentimento e medo, e jogou Jagger com força contra a parede. Jagger caiu no chão, mas ainda estava vivo, chorando, choramingando.

“E se nós o incendiarmos?” outro perguntou. E

não aguentou mais.

De vez em quando, um inspetor do Gabinete do Subsecretário de Controle de Chefes Domésticos aparece em sua casa. Ele conhece todos os inspetores, todos os que importam, porque quando fecharam a Faculdade de Ciências Veterinárias, quando o mundo estava um caos, quando seu pai começou a querer viver dentro dos livros e ligava às três da manhã pedindo para falar com o Barão nas Árvores, para que o homem pudesse ajudá-lo a entrar nas páginas, quando seu pai lhe disse depois que os livros eram espiões de uma dimensão paralela, quando os animais se tornaram uma ameaça, quando em uma velocidade assustadora o mundo foi colocado de volta juntos e o canibalismo legitimado, ele trabalhou lá, na subsecretaria. Eles o recrutaram com base na recomendação de funcionários da fábrica de processamento de seu pai. Ele foi uma das pessoas que redigiu os regulamentos e regras, O escritório começou a enviar inspetores alguns dias depois que a mulher foi trazida para sua casa. A mulher que na época não tinha nome, que era um número de registro, um problema, uma chefe doméstica como tantas outras.

O inspetor era jovem e não sabia que havia trabalhado para o subsecretário. Ele levou o homem para o celeiro onde a fêmea estava deitada em um cobertor, amarrada, nua. O inspetor não pareceu surpreso e apenas perguntou se ela havia recebido as vacinas exigidas.

“Ela foi um presente e ainda estou me acostumando com ela aqui.

Mas ela foi vacinada, vou pegar os papéis para você.”

“Você sempre pode vendê-la. Ela é uma FGP, ela vale uma fortuna.

Tenho uma lista de compradores interessados.”

“Ainda não tenho certeza do que vou fazer.”

“Não vejo nada fora do comum. Minha única sugestão é limpá-la um pouco para evitar doenças. Lembre-se de que, se você decidir matá-la, precisará entrar em contato com um especialista que verificará se você fez isso e nos notificará para nossos registros. O mesmo vale para vendê-la, ou

se ela escapar, ou se qualquer outra coisa acontecer, isso deve ser registrado, para que não tenhamos problemas no futuro.”

“Ok, tudo está claro. Se eu quiser matá-la, estou autorizado a fazê-

lo. Eu trabalho em uma usina de processamento. Como está El Gordo Pineda?”

“Você quer dizer Señor Alfonso

Pineda?” “Sim, El Gordo.”

“Ninguém o chama assim, ele não é gordo e é nosso chefe.”

“Então El Gordo é um chefe. Isso eu não posso acreditar. Trabalhei com ele quando éramos crianças. Mande-lhe meus cumprimentos.”

Depois dessa primeira visita, o próprio El Gordo Pineda ligou para dizer que da próxima vez que um inspetor passasse por lá, só pediriam sua assinatura, para não incomodá-lo.

“Olá, Tejito. Imagine você de todas as pessoas com uma mulher.” “Gordo, já faz séculos, companheiro.”

“Ei, eu não sou mais gorda! A esposa me fez beber suco e outras porcarias que as pessoas saudáveis comem. Agora estou magra e miserável. Quando vamos fazer um churrasco, Tejito?”

El Gordo Pineda tinha sido seu sócio quando começaram a fazer inspeções aos primeiros chefes domésticos. Os donos sabiam o que era proibido e o que não era, mas não esperavam visitas de fiscais e os dois presenciaram todo tipo de coisa.

Os regulamentos foram adaptados no trabalho. Ele se lembra de um caso em que uma mulher atendeu a porta. Eles perguntaram à mulher sobre a mulher da casa e precisavam ver seus papéis, verificar se ela havia sido vacinada e dar uma olhada em suas condições de vida. A mulher ficou nervosa e disse que o marido, dono da fêmea, não estava em casa, e que eles teriam que voltar mais tarde. Olhou para El Gordo e os dois tiveram o mesmo pensamento. Eles afastaram a mulher enquanto ela tentava fechar a porta e entraram na casa. Ela gritou que não podiam entrar, que era ilegal e que ia chamar a polícia. El Gordo disse a ela que eles estavam autorizados a fazê-lo e disse que ela poderia chamar a polícia se quisesse. Eles foram de quarto em quarto, mas a fêmea não estava lá. Então lhe ocorreu abrir armários, checar debaixo das camas. Eventualmente, eles olharam no quarto do casal.

Dabaixo da cama havia uma caixa de madeira com pequenas rodas que era grande o suficiente para acomodar uma pessoa deitada. Quando a abriram, viram a fêmea, no que parecia um caixão,

incapaz de mover-se. Eles não sabiam o que fazer porque não havia regulamentação para um caso dessa natureza. A fêmea era saudável e embora o caixão de madeira não

fosse um lugar convencional para mantê-la, não era motivo suficiente para multar o dono. Quando a mulher entrou na sala e viu que tinham descoberto a fêmea, ela desmoronou. Ela começou a chorar e contou que o marido fazia sexo com a cabeça e não com ela, que ela não aguentava mais, tinha sido substituída por um animal, e não suportava a ideia de dormir com aquela criatura nojenta debaixo da cama. Ela foi humilhada e se a mandassem para o Matadouro Municipal por ser cúmplice, ela não se importava, tudo o que ela queria era voltar à vida normal, à vida anterior à Transição. Com essa afirmação, eles puderam chamar a equipe encarregada de examinar as cabeças em busca de evidências de que eles tinham “gostado”, que era a palavra oficial usada nesses casos. Os regulamentos especificam que a reprodução só é permitida por meios artificiais. O sêmen deve ser adquirido em bancos especiais, e a implantação da amostra realizada por profissionais habilitados.

Todo o processo tem que ser documentado e certificado para que se a fêmea estiver grávida, o feto já tenha um número de identificação.

Como tal, as fêmeas domésticas devem ser virgens. Fazer sexo com uma cabeça, gozar com ela, é ilegal e a pena é morte no Matadouro Municipal. A equipe especial foi até a casa e confirmou que a fêmea havia sido aproveitada “de todas as formas possíveis”. O proprietário, um homem de cerca de sessenta anos, foi condenado e encaminhado diretamente ao Matadouro Municipal.

Ele só teve algumas horas de sono após a longa viagem da reserva de caça quando ele acorda com um sobressalto. Uma buzina de carro está buzinando. Jasmine, que está ao seu lado, olha para ele, com os olhos arregalados. Ela está acostumada a ficar quieta, a observá-lo, porque ela dorme o

dia todo e à noite ele precisa que ela não se mexa muito. Por isso ele começou a amarrá-la na cama, e ela se acostumou.

Ele não quer Jasmine vagando pela casa quando ele não pode ficar de olho nela. Ele não quer que ela se machuque ou que algo aconteça com seu filho.

Ele pula da cama e move a cortina para o lado. Um homem de terno está parado ao lado de um carro com a porta aberta e se abaixando

periodicamente para buzinar.

“É um inspetor”, pensa.

Ele abre a porta da frente, de pijama, o rosto contorcido de sono. “Señor Marcos Tejo?”

"Este sou eu."

“Sou do Gabinete do Subsecretário de Controle de Chefes Domésticos. A última inspeção foi há quase cinco meses, certo?”

"Está correto. Mostre-me onde assinar para que eu possa voltar a dormir.

O inspetor olha para ele primeiro com surpresa, depois com autoridade, e levantando a voz, diz: “Desculpe-me? Onde está a fêmea, Señor Tejo?”

“Olha, El Gordo Pineda me ligou para dizer que você só precisa de uma assinatura. O último inspetor não teve nenhum problema.”

“Você quer dizer o senhor Pineda? Ele não trabalha mais no departamento.”

Um arrepio percorre sua espinha. Ele tenta pensar. Se o fiscal descobrir que Jasmine está grávida, eles o mandam para o Matadouro Municipal. Mas o pior ainda é que vão levar o filho dele embora.

Ele tenta ganhar algum tempo para descobrir o que fazer. “Por que você não vem para algum companheiro, estou meio adormecido”, diz ele. “Apenas me dê alguns minutos para acordar.”

“Agradeço a oferta, mas tenho que ir. Onde está a fêmea?”
“Vamos, só um pouco. Você pode me dizer o que aconteceu com Pineda.

ele diz, suando, tentando não mostrar que está nervoso.

O inspetor hesita e depois diz: “Tudo bem, mas não posso ficar muito tempo”.

Eles se sentam na cozinha. Ele acende o fogão e coloca a chaleira no fogo. Enquanto prepara o imediato, ele divaga sobre o tempo e sobre como as estradas estão ruins na área, e pergunta ao inspetor se ele gosta do trabalho. Quando ele entrega o mate ao homem, ele diz:

“Você me dá alguns minutos para lavar meu rosto? Voltei de uma longa viagem ontem e quase não dormi. Você me acordou com todas as suas buzinas.”

“Mas antes de buzinar, fiquei batendo palmas por um tempo.”

“Sério? Peço desculpas. Tenho sono profundo, não ouvi nada.”

O inspetor está desconfortável. Está claro que ele quer sair, mas o nome de Pineda o atraiu para dentro de casa e é isso que o mantém lá.

Com o inspetor na cozinha, ele vai para seu quarto e vê que Jasmine ainda está na cama. Ele fecha a porta e enquanto caminha até o banheiro para lavar o rosto, pensa: O que devo fazer? O que deveria dizer?

Ele volta para a cozinha e oferece alguns biscoitos ao inspetor. O

homem os aceita com desconfiança.

“Eles se livraram de El Gordo Pineda?”

O inspetor não responde imediatamente. Ele fica tenso.

"Como você o conhece?" ele pergunta.

“Eu costumava trabalhar com ele quando ele era criança. Somos amigos, fomos inspetores ao mesmo tempo. Fizemos o seu trabalho quando quase nenhum dos regulamentos foi finalizado, fomos nós que os adaptamos.”

O inspetor parece relaxar um pouco e olha para ele com outros olhos. Com um grau de admiração. Ele se serve de outro biscoito e há uma dica do que poderia ser um sorriso em seu rosto.

“Acabei de começar, estou fazendo isso há menos de dois meses.

Eles promoveram o Señor Pineda. Eu nunca trabalhei para ele, mas me disseram que ele era um ótimo chefe.”

Ele está aliviado, mas esconde. “Sim, El Gordo é outra coisa. Só me dê um segundo,” ele diz, e vai para seu quarto para

pegar seu telefone.

Ele disca o número de El Gordo e volta para a cozinha.

“Gordo, como tem passado? Olhe, estou aqui com um de seus inspetores. Ele quer que eu lhe mostre a fêmea, mas o fato é que eu não dormi e ela está no celeiro, e eu teria que abri-la — seria uma provação. Eu não tinha que assinar e pronto?”

Ele entrega o telefone ao inspetor.

"Sim senhor. É claro. Não tínhamos sido informados. Certo, a partir de agora.

Considere isso resolvido.”

O inspetor coloca o imediato de lado, procura em sua pasta e tira um formulário e uma caneta. Ele sorri de um jeito artificial, tenso. É um sorriso que esconde várias perguntas e uma ameaça: O que você está fazendo com a fêmea? Você está gostando dela? Estamos falando de uso ilegal de propriedade alheia? Basta você esperar até El Gordo

Pineda não está mais por perto. Apenas espere, você com seus privilégios especiais, você vai pagar.

Ele vê isso claramente. As perguntas e a ameaça velada. Mas ele não se importa. Ele sabe que pode falsificar um certificado de abate doméstico, a fábrica tem tudo o que ele precisa. Isso, e ele não pode mais depender de El Gordo Pineda, não depois desta visita. Ele quer que o inspetor vá embora, quer voltar a dormir, mesmo sabendo que não será possível. Ele devolve o formulário e diz: "Você quer mais companheiro?"

O inspetor levanta-se lentamente. Ele coloca o formulário em sua pasta e diz: “Não, obrigado. Estarei à caminho.”

Ele vê o inspetor até a porta e estende a mão. A mão do homem não agarra a sua; está mole, sem vida, de modo que ele tem que fazer um esforço para sacudi-la, para sustentar a mão que é como uma massa amorfa, um peixe morto. Antes de se virar, o inspetor o olha nos olhos e diz: “Esse trabalho seria bem fácil se todos pudessem assinar e não fazer mais nada, você não acha?”

Ele não diz nada. O que ele pensa é que é uma impertinência, mesmo que ele entenda. Ele entende a impotência sentida por esse jovem inspetor que precisa que algo fora do comum aconteça para que seu dia valha a pena, esse inspetor que desconfia de toda a cena e tem que se resignar a não fazer seu trabalho, esse inspetor que claramente não é corrupto, que nunca aceitaria um suborno, que é um homem honesto porque tem algumas coisas que ele ainda não entende, esse inspetor que o lembra tanto de si mesmo quando jovem (antes da usina de beneficiamento, as dúvidas, seu bebê, a série de mortes diárias), e pensou que cumprir os regulamentos era o que mais importava, quando em algum canto inacessível de sua mente, ele estava feliz com a Transição, feliz por ter esse novo emprego,

Ele nunca teria imaginado que quebraria a própria lei que estabeleceu.

8

Quando ele tem certeza que o inspetor saiu e que o carro do homem passou pelo portão, ele volta para seu quarto,

desamarra Jasmine e a abraça. Ele a abraça forte e coloca a mão em sua barriga.

Ele chora um pouco e Jasmine olha para ele. Embora ela não entenda, ela toca seu rosto suavemente, e é quase como uma carícia.

9

Ele tem o dia de folga.

Ele faz alguns sanduíches, pega uma cerveja e um pouco de água para Jasmine. Então ele pega o rádio antigo, aquele que ele ouvia quando Koko e Pugliese ainda estavam vivos, e ele leva Jasmine até a árvore onde os cachorros estão enterrados. Os dois estão sentados na sombra, ouvindo jazz instrumental.

A estação joga Miles Davis, Coltrane, Charlie Parker, Dizzy Gillespie. Não há palavras, apenas a música e o céu, seu azul tão imenso que brilha, e as folhas da árvore mal se movem, e Jasmine encostada silenciosamente em seu peito.

Quando Thelonious Monk aparece, ele se levanta e lentamente coloca Jasmine de pé. Ele a segura com cuidado e começa a se mover, a balançar. A princípio Jasmine não entende e parece desconfortável, mas depois ela solta e sorri. Ele a beija na testa, na marca onde ela foi marcada. Eles dançam devagar, embora seja uma música rápida.

Eles passam o resto da tarde debaixo da árvore e ele acha que pode sentir Koko e Pugliese dançando com eles.

10

Ele acorda ao chamado de Nélida.

“Oi, Marcos, como você está, querido? Seu pai está um pouco fora do normal, nada sério, mas precisamos que você passe por aqui, hoje, se possível.

“Eu não acho que posso fazer isso hoje, amanhã é melhor.”

“Você não está me entendendo. Precisamos que você venha hoje.”

Ele não responde. Ele sabe o que significa o chamado de Nélida, mas não quer dizer, não consegue colocar em palavras.

“Vou embora agora, Nélida.”

Primeiro ele leva Jasmine para o quarto dela. Ele sabe que vai demorar um pouco para voltar, então deixa comida e água suficientes para o dia inteiro. Em seguida, ele liga para Mari e avisa que não irá à fábrica.

Ele corre para a casa de repouso. Não porque ele acha que vai mudar as coisas ou porque acredita que verá seu pai vivo, mas porque a velocidade ajuda a impedi-lo de pensar. Ele acende um cigarro e dirige. Mas ele começa a tossir com força e o joga pela janela. A tosse não passa. Ele sente algo em seu peito, como se houvesse uma pedra ali. Ele bate nele e tosse.

Então ele encosta no acostamento da estrada e descansa a cabeça no volante. Ele fica sentado em silêncio, tentando respirar. A entrada do zoológico fica bem ao lado dele. Ele olha para o sinal. Está quebrado e sem tinta, e os animais desenhados ao redor da palavra “zoo” são quase

impossíveis de distinguir. Ele sai do carro e caminha até a entrada. O sinal fica em um arco de lintel feito de pedras irregulares. O

arco não é muito alto e ele sobe nas pedras e fica atrás da placa. Ele começa a chutar a placa, a acertá-la, a movê-la até conseguir empurrá-

la para o chão. A placa atinge a grama com um som surdo, um baque.

Agora este lugar não tem nome.

Quando ele chega ao asilo, Nélida o espera na porta. Ela lhe dá um abraço. "Oi, querida, eu não tenho que dizer isso, tenho? Eu não queria te dizer pelo telefone, mas precisávamos que você viesse

hoje, para cuidar da papelada. Sinto muito, Marcos, sinto muito.

Tudo o que ele diz é: "Eu quero vê-lo

agora". "Claro, querida, eu vou te levar para o quarto dele."

Nélida o conduz ao quarto do pai. Há muita luz natural na sala e tudo está no seu lugar. Na mesa de cabeceira está uma foto de sua mãe segurando-o nos braços quando ele era bebê. Há frascos de comprimidos e uma lâmpada.

Ele se senta em uma cadeira ao lado da cama em que seu pai está deitado. As mãos do homem estão cruzadas sobre o peito. Seu cabelo foi penteado e seu corpo perfumado. Ele está morto.

"Quando isso aconteceu?"

“Hoje, de madrugada. Ele morreu dormindo”.

Nélida fecha a porta e o deixa sozinho.

Quando ele toca as mãos de seu pai, ele descobre que elas estão congelando e não pode deixar de afastá-las. Ele não sente nada. O que ele quer é chorar e abraçar o pai, mas olha para o corpo como se fosse de um estranho. Agora seu pai está livre da loucura, ele pensa, deste mundo horrível, e ele sente algo como alívio, mas na verdade a pedra em seu peito está ficando maior.

Ele vai até a janela que dá para o jardim. Um beija-flor paira bem na altura de seus olhos. Por alguns segundos, o pássaro parece observá-lo.

Ele gostaria de poder tocá-lo, mas ele se move rapidamente e desaparece. Ele acha que não há como algo tão bonito e pequeno possa causar danos. Ele acha que talvez o beija-flor seja o espírito de seu pai dizendo adeus.

É então que ele sente a pedra se mover em seu peito e as lágrimas começam a cair.

11

Ele sai do quarto. Nélida pede que ele a acompanhe para assinar os papéis. Eles entram em seu escritório e ela lhe oferece uma xícara de café, que ele recusa. Nélida está nervosa; ela embaralha os papéis, toma um gole de água. Ele acha que isso deveria ser rotina para ela, que não há razão para ficar segurando a papelada como ela está.

“O que está acontecendo, Nélida?”

Nélida olha para ele, desconcertada. Ela nunca foi tão direta, ou tão agressiva.

"Não é nada, querida, só que eu tive que ligar para sua irmã." Ela olha para ele com um pouco de culpa, mas também resolução.

"Estas são as regras do lar de idosos e não há exceções. Você sabe que eu te adoro, querida, mas eu estaria colocando meu trabalho em risco. Quem sabe com o que estaríamos lidando se sua irmã aparecesse e fizesse uma cena. Não seria a primeira vez que isso aconteceria."

"Isso é bom."

Em outras ocasiões, ele a consolava e dizia algo como "Não se preocupe com isso" ou "Sem problemas". Mas não hoje.

"Você terá que assinar o formulário de consentimento para cremação-

lo. Sua irmã já enviou de volta com uma assinatura virtual, mas ela esclareceu que não poderá comparecer à cremação. Podemos ligar para a funerária, se você quiser.

"Vá em frente."

"Claro, você terá que comparecer à cremação, para confirmar que aconteceu. Eles vão te dar a urna lá."

"Isso é bom."

"Você vai querer um simulacro de funeral?"

"Não."

"Claro, quase ninguém os tem agora. Mas e o serviço de despedida?"

"Não."

Nélida olha para ele com surpresa. Ela bebe um pouco mais de água e cruza os braços. "Sua irmã gostaria de ter o serviço, e

legalmente, ela tem o direito. Eu entendo que você esteja em negação, mas ela está determinada a dizer adeus.

Ele respira fundo, sente uma exaustão esmagadora. A pedra agora é do tamanho de todo o seu peito. Ele não vai discutir com ninguém.

Nem com a Nélida, nem com a irmã, nem com todas as pessoas que vão assistir ao simulacro de um velório, o que chamam de "serviço de despedida", só para se dar bem com a irmã, mesmo que essas pessoas nunca tenham conhecido o pai, e nem uma vez se encarregou de perguntar como ele estava. Então ele ri e diz: "Tudo bem, deixe ela fazer o serviço. Deixe-a cuidar de algo pelo menos uma vez. Só uma coisa."

Nélida olha para ele com surpresa e um pouco de pena. "Eu entendo sua raiva e você tem motivos para se sentir assim, mas ela é sua irmã.

Você só tem uma família."

Ele tenta se lembrar de quando foi, exatamente, que Nélida deixou de ser funcionária de uma casa de repouso para alguém que acredita ter o direito de dar conselhos e sua opinião, e cair repetidas vezes em chavões e clichês irritantes.

"Dê-me os papéis, Nélida. Por favor."

Nélida recua. Ela olha para ele, surpresa. Ele sempre foi gentil com ela, até carinhoso. Ela lhe entrega os papéis em silêncio. Ele os assina e diz: “Quero que ele seja cremado hoje, agora”.

“OK, querido. Após a Transição, tudo foi acelerado. Sente-se na sala de espera e eu cuidarei disso. Eles virão buscá-lo em um carro comum, só para você saber. Os carros funerários não são mais usados”.

“Sim, todo mundo sabe disso.”

“Certo, bem, eu só queria esclarecer porque há muitas pessoas sem noção que pensam que as coisas não mudaram quando se trata desses assuntos.”

“Como as coisas não mudaram após os ataques? Estava em todos os jornais. Ninguém quer que seu familiar morto seja comido a caminho do cemitério, Nélida.”

“Desculpe, é só que estou nervoso e não estou pensando com clareza. Eu me importava muito com seu pai e tudo isso é muito difícil para mim.”

Há um longo silêncio. Ele não está disposto a conceder um pedido de desculpas em troca. Em vez disso, ele olha para ela com impaciência e ela fica chateada.

“Eu sei que não é para mim perguntar, Marcos, mas você está bem?”

Esta é uma notícia muito triste, eu sei disso, mas há algum tempo você

está um pouco

fora, você tem bolsas sob os olhos, você parece cansado.”

Ele a olha sem dizer nada e ela continua: “Tudo bem, bem, o que vai acontecer é que você vai lá no carro e vai estar ao lado do seu pai o tempo todo, inclusive durante a cremação”.

“Eu sei, Nélida. Já passei por isso antes.”

Ela fica branca. Claro, não tinha ocorrido a ela, não até agora.

Nélida se levanta rapidamente e diz: “Desculpe, sou uma velha tola.

Eu sinto Muito.” Ela continua se desculpando até chegarem à sala de espera, onde ele se senta e ela lhe oferece algo para beber antes de sair em silêncio.

12

Ele dirige para casa com as cinzas de seu pai no carro. Estão no banco do passageiro porque ele não sabia onde colocar a urna. A cremação terminou rapidamente. Ele viu o corpo de seu pai entrar lentamente no forno no caixão transparente. Ele não sentiu nada, ou talvez o que sentiu foi alívio.

Sua irmã já ligou quatro vezes, mas ele não atendeu. Ele sabe que ela é capaz de dirigir até sua casa para pegar as cinzas, ele sabe que ela é capaz de qualquer coisa para manter a convenção social de um serviço de despedida para seu pai. Eventualmente, ele terá que responder.

Já é tarde quando ele passa pelo que já foi o zoológico, o que não tem mais nome. Mas ele encosta. Ainda há um

pouco de luz.

Ele sai do carro com a urna nas mãos. A placa está no chão e ele passa por ela.

Ele vai direto para o aviário sem nem pensar na cova do leão. Ao longe, ele ouve gritos. Devem ser os adolescentes, pensa ele, os que mataram os cachorrinhos.

Quando ele chega ao aviário, ele sobe as escadas para a ponte suspensa. Ele se deita e olha para o telhado de vidro, o céu laranja e rosa, a noite que se aproxima.

Ele se lembra de quando seu pai o trouxe para o aviário. Sentaram-se um ao lado do outro em um dos bancos que ficavam embaixo da ponte e, por horas, seu pai lhe contou sobre as diferentes espécies de pássaros, seus hábitos, as cores das fêmeas e dos machos, dos pássaros que cantavam durante o dia ou à noite, sobre os que migraram. A voz de seu pai era como algodão doce de cores vivas, suave, imensa, bonita. Ele nunca tinha ouvido seu pai soar assim, não desde a morte de sua mãe. E quando eles subiram a ponte, seu pai apontou para o vitral com asas e os pássaros ao lado dele e sorriu. “Todo mundo diz que ele caiu porque voou muito perto do sol”, disse seu pai, “mas ele voou, você entende o que quero dizer, filho? Ele era capaz de voar.

Não importa se você cair,

Por um tempo, ele fica lá, assobiando uma música que seu pai costumava cantar: “Summertime” de Gershwin. Seu pai sempre colocava a versão de Ella Fitzgerald e Louis Armstrong. Ele dizia:

“Esta é a melhor gravação, é aquela que me leva às lágrimas”. Um dia ele viu seus pais dançando ao ritmo do

trompete de Armstrong. Eles se moveram na meia-luz e ele ficou lá por um longo tempo, observando-os em silêncio. Seu pai acariciou a bochecha de sua mãe e, ainda criança, sentiu que isso era amor. Ele não conseguia colocar em palavras, não naquele momento, mas ele sabia disso em seu corpo, na forma como se sente que algo é verdade.

Foi sua mãe que tentou ensiná-lo a assobiar, embora no início ele não conseguisse. Então, um dia, seu pai o levou para passear e lhe mostrou como se fazia. “Da próxima vez que sua mãe quiser te ensinar”, disse o pai, “finja lutar um pouco primeiro”. Quando ele finalmente assobiou na frente dela, ela pulou de alegria e aplaudiu. Ele lembra que a partir daquele dia os três assobiavam juntos, como um trio desleixado que se divertia mesmo assim. Sua irmã, que era um bebê, olhou para eles com olhos brilhantes e sorriu.

Ele se levanta, tira a tampa da urna e joga as cinzas na ponte. Eles caem lentamente no chão e ele diz: “Tchau, pai, vou sentir sua falta”.

Então ele desce as escadas e sai do aviário. Quando ele chega ao playground, ele se agacha para pegar um pouco de areia, o suficiente para encher a urna. É areia misturada com lixo, mas ele não se preocupa em recolhê-la.

Ele se senta em um dos balanços e acende um cigarro. Quando ele termina de fumar, ele a apaga dentro da urna e coloca a tampa de volta.

Isto é o que sua irmã vai ganhar: uma urna cheia de areia suja de um zoológico abandonado sem nome.

Ele dirige para casa com a urna no porta-malas. Sua irmã já ligou várias vezes. Ela chama novamente. Ele olha para o telefone com impaciência e o coloca no viva-voz.

“Olá, Marques. Por que não posso ver
você?” “Estou dirigindo.”

“Oh, certo. Como você está com o papai?”

“Multar.”

“Eu estava ligando para dizer que estou planejando fazer a cerimônia de despedida em casa. Parece a opção mais prática.”

Ele não diz nada. A pedra em seu peito se move, cresce.

“Eu queria pedir que você me trouxesse a urna hoje ou amanhã.

Também posso passar na sua casa para buscá-lo, embora isso não seja o ideal por causa da distância, como você pode imaginar.”

“Não.”

“Como assim não?”

“Não. Nem hoje, nem amanhã. Quando eu
digo isso.” “Mas, Marqui—”

“Mas nada. Trarei a urna quando quiser e você terá o serviço de despedida quando for bom para mim. Está claro?”

“Olha, eu entendo que você esteja passando por um momento difícil, mas você poderia falar comigo em outro

para...”

Ele desliga.

14

É tarde quando ele chega em casa e está cansado. Jasmim está dormindo. Ele sabe porque a monitorou o dia todo em seu telefone.

Ele não abre a porta do quarto dela.

Em vez disso, ele vai à cozinha e pega uma garrafa de uísque. Ele se deita na rede e toma um gole. Não há estrelas no céu. A noite está escura como breu. Ele também não vê vaga-lumes. É como se o mundo inteiro tivesse se desligado e ficado em silêncio.

Ele acorda com o sol, sua luz batendo em seu rosto. Ao lado, ele vê a garrafa vazia no chão. Só quando ele se mexe e a rede balança um pouco é que ele entende onde está.

Ele tropeça para fora da rede e se senta na grama, o sol da manhã em seu corpo. Sua cabeça lateja entre as mãos. Ele se deita de costas e olha para o céu. É um azul incandescente. Não há nuvens e ele sente que, se esticar os braços, poderá tocar o azul, que parece tão próximo.

Seu sonho ainda está com ele, ele se lembra perfeitamente, mas não quer pensar, apenas se perder no azul radiante.

Então ele abaixa os braços, fecha os olhos e deixa que as imagens e os sentimentos do sonho se projetem em sua mente como um filme.

Ele está no aviário. É antes da Transição, ele sabe porque nada foi quebrado ainda. Ele está de pé na ponte suspensa, mas não há vidro acima para protegê-lo. Ele olha para o telhado e vê a imagem do homem voando no vitral. O homem olha para ele e baixa os olhos, não porque esteja surpreso que a imagem esteja viva, mas porque ouve o som ensurdecedor de milhões de asas batendo. Só que não há pássaros.

O aviário está vazio. Ele olha para o homem novamente, para Ícaro, que não está mais no vitral. Ícaro caiu, pensa ele, despencou, mas voou. Então ele olha em volta e, no ar, dos dois lados da ponte, vê beija-flores, corvos, tordos, pintassilgos, águias, melros, rouxinóis, morcegos. Há também borboletas. Mas são todos estáticos. Isso é

como se fossem vitrificados, como as palavras de Urlet. Como se estivessem dentro de um bloco de âmbar transparente. Ele sente o ar ficando mais leve, mas os pássaros não se movem. Todos o observam, com as asas abertas. Os pássaros estão muito próximos, mas ele os vê ao longe, ocupando todo o espaço, todo o ar que respira. Ele vai até um beija-flor e o toca. O pássaro cai no chão e se despedaça como se fosse feito de cristal. Ele vai até uma borboleta, suas asas de um azul claro, quase fosforescente. As asas tremem, vibram, mas a borboleta fica quieta. Ele o pega com as duas mãos, toma muito cuidado para não machucá-lo. A borboleta vira pó. Ele vai até um rouxinol, está prestes a tocá-lo, mas não o faz, seu dedo pairando bem ao lado do pássaro porque ele o acha simplesmente lindo e não quer destruí-lo. O rouxinol se move, bate um pouco as asas e abre o bico. Não canta, mas solta um grito. Seus gritos tornam-se penetrantes e desesperados. Eles estão cheios de ódio. Ele decola, corre, foge. Ele sai do aviário e encontra o zoológico na escuridão. Mas ele pode distinguir as formas dos homens.

Ele percebe que os homens são ele, repetido infinitamente. Todos eles têm a boca aberta e estão nus. Embora ele saiba que eles estão dizendo algo, o silêncio é completo. Ele vai até um dos homens e o sacode. Ele precisa que o homem fale, se mova. O homem — ele mesmo — anda tão devagar que é exasperante. Como ele faz, ele vai matar o resto deles. Ele não os bate com um porrete, nem os estrangula, nem os esfaqueia. A única coisa que ele faz é falar com eles, e um por um, cada homem - ele mesmo - cai no chão. Então um homem — ele mesmo — se aproxima e o abraça. Este homem o abraça com tanta força que ele não consegue respirar e luta até se libertar. Mas o homem

- ele mesmo - tenta novamente e vem dizer algo em seu ouvido. Ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, ele sente a pedra em seu peito rolar e atinge seu coração. O zoológico se torna uma floresta.

Pendurados nas árvores estão olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês.

Ele sobe em uma das árvores para pegar um bebê, mas quando a alcança e o tem nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e aquele bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e as orelhas grudam em seu corpo. Quando ele tenta pegá-los, como se fossem sanguessugas, eles rasgam sua pele. Quando ele alcança o bebê, ele vê que está coberto de orelhas humanas e não está mais respirando. Então ele ruge,

uivos, coaxos, foles, latidos, miados, corvos, relinchos, zurros, grasnidos, mugidos, gritos.

Quando ele abre os olhos, tudo o que vê é o azul deslumbrante. É

então que ele realmente grita.

Ele precisa ir. Mas primeiro ele traz comida e água para Jasmine.

Assim que ele abre a porta, ela lhe dá um grande abraço. Já faz um tempo desde que ele a deixou sozinha por tantas horas. Ele lhe dá um beijo rápido, a senta nos colchões com cuidado e tranca a porta.

Hoje ele tem que ir ao Laboratório Valka. Mas antes de ligar o carro, ele disca o número de Krieg.

“Olá, Marcos. Mari me contou. Eu sinto muito.” “Obrigada.”

“Você não precisa ir ao laboratório. Posso dizer a eles que você passará por aqui mais tarde.

“Eu vou, mas é a última vez.”

Há um silêncio pesado do lado de Krieg. Ele não está acostumado a ser falado nesse tom de voz.

“Isso não é uma opção. Eu preciso que você vá.”

“Eu vou hoje. Mas então vou treinar outra pessoa para fazer isso.”

“Você não está me entendendo. O laboratório é um dos nossos maiores

clientes pagantes, preciso enviar o melhor.”

"Eu entendo você perfeitamente. Eu não vou mais."

Por alguns segundos, Krieg não diz nada. "Tudo bem, talvez agora não seja o melhor momento para falar sobre isso, dadas as circunstâncias."

"Esta é a hora de falar sobre isso e eu não vou de novo, ou amanhã eu renuncio."

"O que você disse? Absolutamente não, Marcos. Você pode treinar outra pessoa sempre que quiser. Considere o assunto encerrado. Tire o tempo que precisar para descansar. Voltaremos a conversar mais tarde."

Ele desliga sem dizer adeus. Ele detesta a Doutora Valka e seu laboratório de horrores.

Para entrar no laboratório, ele deve entregar sua identidade, fazer um exame de retina, assinar vários formulários e ser examinado em uma sala especial para garantir que não tenha câmeras ou qualquer outra coisa que possa comprometer a confidencialidade dos experimentos realizados no laboratório. instalações.

Um segurança o leva até o andar onde o médico o espera. Não é seu trabalho falar com os funcionários da fábrica de processamento para garantir que eles lhe tragam os melhores espécimes, mas a doutora Valka é obsessiva e perfeccionista, e como ela sempre lhe diz: "Os espécimes são tudo, preciso de precisão se estou vai fazer sucesso".

Ela exige que eles sejam FGP, o mais difícil de obter. Se forem modificados, ela não tem escrúpulos em descartá-los. Ela dá ordens ridículas, solicitando extremidades com medidas precisas

— olhos próximos ou afastados, testa inclinada, grande capacidade orbital, espécimes que cicatrizam rápida ou lentamente, orelhas grandes ou pequenas — e a lista de pedidos inimagináveis muda cada vez que ele vai ao laboratório. Se um espécime não atende aos requisitos da Doutora Valka, ela o devolve e solicita um desconto geral por ter desperdiçado seu tempo e dinheiro. Claro, ele não comete mais erros.

Eles inevitavelmente se cumprimentam friamente. Ele estende a mão, mas sem falta, ela olha para ele como se não entendesse e move a cabeça de uma forma que poderia ser uma saudação.

“Como vai, doutor Valka?”

“Acabei de receber um dos mais prestigiados prêmios de pesquisa e inovação. Como tal, estou muito bem.”

Ele a olha sem responder. Seu único pensamento é que esta é a última vez que a verá, a última vez que ouvirá sua voz, a última vez que pisará neste lugar.

Como ele não a parabeniza e ela está esperando por seus parabéns, ela diz: “O que foi isso?”

“Eu não disse nada.”

Ela olha para ele, desconcertada. Houve um tempo em que ele a teria parabenizado.

“O trabalho que fazemos aqui no Laboratório Valka é de vital importância, pois é através da experimentação com esses espécimes que

conseguimos

obter bons
resultados.

Fizemos

avanços

significativos que nunca seriam possíveis com os animais. Nossa abordagem ao manuseio de amostras é única e avançada, e nossos protocolos de trabalho são rigorosamente seguidos.”

Ela continua falando, como sempre faz, dando a ele o mesmo discurso da equipe de marketing, usando palavras que fluem como lava de um vulcão

que não para de entrar em erupção, só que é lava fria e viscosa. São palavras que grudam no corpo e tudo o que ele sente é repulsa.

“O que é que foi isso?” diz o médico. Em algum momento durante seu monólogo, ela estava esperando uma resposta. Ela nunca entendeu porque ele parou de ouvir.

“Eu não disse nada.”

Doutor Valka olha para ele com surpresa. Ele sempre foi atencioso, sempre a ouviu e disse o que precisava ser dito, nem mais, nem menos, para que ela sentisse que ele estava interessado. A doutora Valka nunca pergunta como ele está ou se está tudo bem, porque ela só o vê como um reflexo de si mesma, um espelho no qual ela pode continuar falando sobre suas conquistas.

Ela se levanta. Agora é quando ela o leva para um passeio pelo laboratório, como sempre faz. As primeiras vezes que ele vomitou, teve dores de estômago, teve pesadelos. O passeio é inútil porque tudo o que ele precisa é a lista com o pedido dela e que ela explique os pedidos mais difíceis de

obter. Mas ela gosta que ele entenda exatamente o que cada experimento implica para que ele possa adquirir os espécimes mais adequados.

Doutor Valka pega sua bengala e começa. Alguns anos atrás, ela sofreu um acidente com um espécime. O que se sabe é que o acidente ocorreu depois que um assistente descuidado deixou a porta de uma gaiola entreaberta. Quando o médico, que trabalha até tarde da noite, fez uma última passagem pelo laboratório, o espécime a atacou e arrancou parte de sua perna. Ele é de opinião que não foi um ato de descuido da assistente, mas de vingança, porque Valka é conhecida por ser exigente e maltratar seus funcionários, e por seus comentários cortantes. Mas seu laboratório é o maior e mais prestigioso do gênero, então as pessoas a toleram, até que um dia não aguentam mais. Ele sabe que a princípio eles a chamavam de “Doutor Mengele” pelas costas, mas depois a experimentação em humanos foi naturalizada e ela passou a ganhar prêmios.

Enquanto ela anda, ela balança de um lado para o outro e fala. É

como se ela precisasse se sustentar com as palavras que saem de sua boca sem parar. Ela sempre faz o mesmo discurso para ele, diz a ele como é difícil ainda hoje ser mulher e ter uma carreira, diz que as pessoas continuam tendo preconceitos contra ela, que só recentemente começaram a cumprimentá-la e não seu assistente que é

um homem, porque acham que ele é o chefe do laboratório, foi escolha dela não ter família, e socialmente ela tem que pagar por isso, porque as pessoas continuam achando que a mulher tem que cumprir algum plano biológico, quando ela a grande realização na vida foi seguir em frente, nunca desistir; ser homem é muito mais fácil, ela diz, esta é a

família dela — o laboratório — mas ninguém entende, não mesmo, ela está revolucionando a medicina, ela diz a ele, e as pessoas continuam se importando se seus sapatos são femininos ou se suas raízes estão aparecendo porque não teve tempo de ir ao cabeleireiro, ou que engordou.

Ele concorda com tudo o que ela diz, mas não suporta suas palavras, que são como pequenos girinos se arrastando, deixando para trás um rastro pegajoso, deslizando até se empilhar, um em cima do outro, e apodrecer, viciando o ar com seu cheiro rançoso. Ele não responde porque também sabe que ela tem poucas funcionárias trabalhando para ela. E se uma delas ficasse grávida, ela a desprezaria, a desprezaria.

Ela mostra-lhe uma gaiola e diz-lhe que o espécime é um viciado em heroína. Eles têm fornecido a droga para ele há anos para entender por que o vício ocorre. “Quando o anularmos, estudaremos seu cérebro”, diz ela. Anular, pensa ele, outra palavra que silencia o horror.

O doutor Valka continua falando, mas novamente não está mais ouvindo. Ele vê espécimes sem olhos, outros ligados a tubos, respirando nicotina o dia todo, outros espécimes têm aparelhos em suas cabeças, presos em seus crânios, alguns parecem estar passando fome, alguns têm fios saindo de todas as partes seu corpo; ele vê assistentes realizando vivisseccões, outros arrancando pedaços de pele dos braços de espécimes que não foram anestesiados e cabeças em gaiolas que ele sabe que têm pisos eletrificados. Ele acha que a planta de processamento é melhor que este lugar, pelo menos lá a morte vem rápido.

Eles passam por uma sala com um espécime em uma mesa. O peito do espécime foi aberto e seu coração está batendo. Várias pessoas estão ao redor da mesa, estudando-o. A

doutora Valka para para olhar pela janela. Ela diz que é maravilhoso poder registrar a função do órgão quando o espécime está vivo e consciente. Deram-lhe um

sedativo leve, diz ela, para que ele não desmaiasse de dor. Animada, ela acrescenta: “Que coração lindo e pulsante! Não é incrível?”

Ele não diz nada. "O que é

que foi isso?" ela diz.

"Eu não disse nada", ele diz a ela, mas desta vez ele a olha nos olhos de uma forma que mostra que ele já teve o suficiente e está impaciente.

Ela o observa silenciosamente, seus olhos se movendo de cima a baixo, como se ela o estivesse examinando. É um olhar destinado a demonstrar sua autoridade, mas ele a ignora. É como se ela não soubesse o que fazer com a indiferença dele, e ela o leva para um quarto novo, onde ele nunca esteve. Há fêmeas em gaiolas com seus bebês. Eles sobem para uma jaula onde uma fêmea parece estar morta e um bebê de dois ou três anos não para de chorar. Ela explica que eles sedaram a mãe para estudar as reações do bebê.

“Qual é o ponto? Não é óbvio como o bebê vai reagir?” ele pergunta a ela.

Ela não responde e continua andando, batendo a bengala no chão, marcando cada passo, contendo sua raiva. Ela não sabe como reagir ao desinteresse dele e ele não se importa se ela está ficando impaciente. A perspectiva de ela reclamar com Krieg também não o incomoda.

Melhor se ela reclamar, pensa ele, assim posso ter certeza de que nunca mais terei que voltar.

Eles passam por outra sala que ele não se lembra de ter visto. Mas eles não entram. Pelas janelas, ele vê animais em gaiolas. Ele consegue distinguir cães, coelhos, alguns gatos. “Você está tentando encontrar uma cura para o vírus? Eu pergunto porque você tem animais lá. Isso não é perigoso?” ele diz para Valka.

“Tudo o que fazemos aqui é confidencial. É por isso que qualquer visitante que ponha os pés neste laboratório assina um acordo de confidencialidade.”

“É claro.”

“Só estou interessado em discutir experimentos para os quais exijo espécimes que você possa obter.”

A doutora Valka nunca o chama pelo nome porque não se dá ao trabalho de memorizá-lo. Ele suspeita que os animais enjaulados sejam uma fachada. Enquanto alguém os estiver estudando e tentando encontrar uma cura, o vírus é real.

“Não é estranho que ninguém tenha encontrado uma cura? Com laboratórios tão avançados que são capazes de realizar experimentos de ponta...”

O médico não olha para ele, nem responde, mas sente que os pequenos girinos em sua garganta estão prestes a estourar.

“Eu preciso de espécimes fortes. Deixe-me te mostrar.”

Ela o leva para uma sala em outro andar onde os espécimes, todos machos, estão sentados em assentos semelhantes aos encontrados em carros. Eles foram

imobilizados e cada cabeça está dentro do que parece um capacete quadrado feito de barras de metal. Um assistente aperta um botão e a estrutura semelhante a um capacete se move muito rápido, atingindo a cabeça do espécime contra uma placa que detecta e registra a quantidade, velocidade e impacto dos golpes. Alguns dos espécimes parecem estar mortos porque não reagem quando os assistentes tentam acordá-los. Outros olham ao redor desorientados e têm expressões de dor em seus rostos. Valka diz: “Simulamos acidentes automobilísticos e coletamos dados para que carros mais seguros possam ser construídos. É por isso que precisamos de mais espécimes machos, fortes, para que possam resistir a várias provas.”

Ele sabe que ela espera que ele diga algo sobre o trabalho maravilhoso que estão fazendo, um trabalho que pode salvar vidas, mas a única coisa que ele sente é a pedra pressionando contra seu peito.

Um assistente se aproxima deles e entrega ao médico algo para assinar.

"O que é isto? Por que só estou sendo solicitado a assinar isso agora? Por que você não me deu antes?"

"Eu dei a você, doutor, mas você me disse para voltar mais tarde."

"Essa não é uma resposta aceitável. Se eu disser depois significa agora,

especialmente se for algo tão importante. Estou te pagando para pensar. Agora saia."

Embora ele não esteja olhando para ela, ela diz: "A incompetência dessas pessoas está além das palavras".

Ele não diz nada porque acha que trabalhar para essa mulher deve ser totalmente enlouquecedor. O que ele gostaria de fazer é dizer a ela que “depois” significa mais tarde e que quando ela insulta seus funcionários, ela apenas aparece como uma chefe desleal. Mas ele pensa melhor e diz: “Incompetência? Não é você quem os contrata, doutor?”

Ela olha para ele furiosamente.

Ele sente que a lava vulcânica, fria e viscosa, está prestes a entrar em erupção. Mas ela respira fundo e diz: “Por favor, saia. Vou enviar a lista diretamente para Krieg.”

Ela diz isso como se fosse uma ameaça, mas ele a ignora. Há tantas outras coisas que ele quer dizer a ela, mas ele se despede com um sorriso, coloca as mãos nos bolsos da calça e se vira. Ele caminha pelo corredor assobiando e ouve os golpes indignados de sua bengala contra o chão lentamente se distanciando.

16

Ele está entrando no carro quando Cecilia liga.

“Olá, Marcos. Você está pixelado. Olá? Você pode me ouvir? Você consegue me ver?”

“Oi, Cecília. Olá. Sim, posso ouvi-lo, mas não bem.

“Marc—”

A chamada é cortada. Ele dirige por um tempo, encosta e depois disca o número dela.

“Oi, Cecília. O sinal estava ruim lá atrás.”

“Eu ouvi sobre seu pai. Nelly ligou para me dizer. Como você está?

Quer companhia?”

"Estou bem. Obrigado, mas prefiro ficar sozinho.

"Eu entendo. Você está tendo um serviço de despedida?"
"Marisa vai fazer isso."

"Claro, isso é de se esperar. Você quer que eu vá?" "Não, mas obrigado. Eu nem sei se vou."

"Eu sinto sua falta, você sabe disso?"

Ele está em silêncio. É a primeira vez que ela diz que sente falta dele desde que foi embora. Ela continua: "Você parece diferente, estranho."

"Eu sou o mesmo."

"É só que por um tempo agora você parecia mais distante."

“Você não quer voltar para casa. Você espera que eu passe minha vida inteira esperando por você?

"Não, mas é só... eu gostaria que

conversássemos." "Quando eu estiver

melhor, eu ligo para você, ok?"

Ela olha para ele do jeito que sempre faz quando não entende uma situação ou há algo que está além dela. É um olhar alerta, mas triste, como numa velha fotografia sépia.

“Tudo bem, o que você preferir. Deixe-me saber se precisar de alguma coisa, Marcos.

"Ok. Cuidar."

Quando ele chega em casa, ele abraça Jasmine e assobia “Verão”

em seu ouvido.

17

Sua irmã ligou inúmeras vezes para organizar o culto de despedida.

Ela esclareceu que cuidará de tudo, “até mesmo do custo”. Ao ouvi-la dizer isso, a princípio sorriu, mas depois foi dominado pela sensação de que nunca mais queria vê-la.

Ele acorda cedo porque tem que chegar na cidade a tempo. Antes de sair, ele toma banho com Jasmine para garantir que ela não se machuque. Então ele arruma o quarto dela, limpa e enche as tigelas com comida e água para que ela fique bem por um tempo. Ele verifica seu pulso e pressão arterial. Quando soube que ela estava grávida, montou um kit de primeiros socorros completo, pegou livros sobre o assunto, trouxe para casa um aparelho de ultrassom portátil, um dos que eles usam na fábrica para checar as fêmeas grávidas antes de enviá-las para o hospital. a reserva de caça. Ele treinou-se para cuidar dela e acompanhar os estágios de sua gravidez. Embora saiba que não é o ideal, é a única opção que tem, porque se chamasse um especialista, teria que registrar a gravidez e fornecer documentação para a inseminação artificial.

Ele veste um terno e sai.

Enquanto ele dirige, sua irmã liga novamente.

“Marquitos, você está a caminho? Por que não posso ver você?” “Estou dirigindo.”

“Oh, tudo bem. Quando você estará

aqui?” “Não sei.”

“As pessoas estão começando a chegar. Eu gostaria de ter a urna aqui, como você pode imaginar. Sem a urna não adianta”.

Ele desliga sem dizer nada. Ela liga de volta, mas ele desliga o telefone. Então ele desacelera. Ele vai levar todo o tempo que precisar.

Ao chegar na casa de sua irmã, ele vê um grupo de pessoas entrando. Eles estão carregando guarda-chuvas. Ele sai do carro, abre o porta-malas e coloca a urna prateada debaixo do braço. Então ele toca a campainha. A irmã dele atende.

“Finalmente. Há algo errado com o seu telefone? Não consegui te ligar de volta.”

“Eu desliguei. Pegue a urna.”

“Entre, entre, você não tem um guarda-chuva novamente. Você quer se matar, Marcos?”

Sua irmã diz isso e olha para o céu. Então ela pega a urna. “Pobre pai. Uma vida cheia de sacrifícios. E no final, não somos nada.” Ele olha para a irmã e pensa que há algo estranho nela.

Então ele olha mais de perto e percebe que ela está maquiada, foi ao cabeleireiro e está com um vestido preto justo. Nada disso é exagerado, para não mostrar uma completa falta de respeito, mas ela está bem montada o suficiente para ficar bem no que é sem dúvida o seu evento.

"Entre. Sirva-se do que quiser."

Quando ele entra na sala de jantar, ele vê que os convidados se reuniram ao redor da mesa. Foi empurrado contra a parede e diferentes pratos foram colocados para que as pessoas possam se servir. Sua irmã carrega a urna para uma mesa menor onde há uma caixa transparente que parece ser feita de vidro jateado. Ela coloca a urna dentro da caixa com cuidado, com um grau de grandiloquência, para que as pessoas vejam o quanto ela respeita o pai. Ao lado da caixa há um porta-retrato eletrônico com imagens dele mudando na tela, um vaso de flores e uma cesta cheia de lembrancinhas com sua foto e a data de seu nascimento e morte neles. As fotos foram retocadas. Ele não se lembra de ter havido fotos de seu pai com sua irmã e sua família, ou abraçando seus filhos, porque eles nunca foram vê-lo na casa de repouso. Em outra foto, sua irmã e seu pai estão no zoológico. Ele se lembra daquele dia, sua irmã era um bebê. Ela o apagou da foto e se inseriu nela. As pessoas se aproximam dela e oferecem suas condolências. Ela pega um lenço e o leva até os olhos sem lágrimas.

Ele não conhece ninguém. E ele não está com fome. Ele se senta em uma poltrona e olha para as pessoas na sala. Ele vê sua sobrinha e sobrinho em um canto, vestidos de preto, olhando para seus telefones.

Eles o veem, mas não o cumprimentam. Ele também não sente vontade de se levantar para falar com eles. As pessoas parecem entediadas.

Eles comem as coisas da mesa, falam baixinho. Ele ouve um homem alto de terno que parece ser advogado ou contador dizer a outro convidado: “O preço da carne caiu muito recentemente. A carne especial custa muito menos do que há dois meses. EU

leia este artigo que dizia que a queda nos preços tem a ver com o fato de a Índia ter decidido oficialmente vender e exportar carnes especiais.

Era proibido antes e agora eles estão vendendo por quase nada.”

O homem com quem ele está falando, que é careca e tem um rosto esquecível, ri e diz: “Bem, sim, existem milhões deles. Espere até que as pessoas comecem a comê-los e então os preços se estabilizarão.”

Uma mulher mais velha para em frente à urna de seu pai e olha as fotos. Ela pega uma das lembrancinhas e a inspeciona. Ela o cheira e depois o joga de volta na cesta. A mulher vê uma barata na parede.

Está rastejando muito perto do porta-retrato eletrônico onde as fotos falsas de seu pai continuam mudando na tela. Ela entra em pânico, dá um passo para trás e vai embora. A barata rasteja na cesta de lembrancinhas.

Exceto ele, não há uma única pessoa no lugar que saiba que seu pai foi cativado por pássaros, que ele estava apaixonado pela esposa e quando ela morreu, algo nele se desfez de vez.

Sua irmã anda de um lado para o outro com passos curtos e rápidos, cuidando dos convidados. Ele a ouve conversando com alguém e diz:

“É baseado na técnica da morte por mil cortes. Isso mesmo, é daquele livro que acabou de sair. O mais vendido. Não faço ideia, quem cuida disso é meu marido.” O que sua irmã poderia saber sobre uma forma de tortura chinesa? Ele se levanta e se aproxima para continuar ouvindo, mas ela vai para a cozinha. Quando ele vai até a mesa de comida, ele vê uma bandeja de prata contendo um braço que está sendo cortado em filés. Ele não duvida que o braço é assado no forno.

É cercado por alface e rabanetes que foram cortados para se parecerem com pequenas flores de lótus. Os convidados experimentam o braço e dizem: “É requintado, muito fresco. Marisa é uma ótima anfitriã. Você pode dizer o quanto ela amava seu pai.

Ele vai em direção à cozinha, mas no corredor encontra sua irmã.

“Onde você vai, Marquitos?” “Para a cozinha.”

“Por que você está indo para a cozinha? Eu vou conseguir qualquer coisa que você precisar.” Ele não responde e continua andando. Ela o agarra pelo braço, mas depois o solta porque a pessoa que estava ligando para ela do sala de jantar acaba de chegar até ela para conversar.



[Traduzido do Inglês para o Português -
www.onlinedoctranslator.com](http://www.onlinedoctranslator.com)

Quando ele chega à cozinha, é como se tivesse sido atingido por um cheiro rançoso, embora passageiro. Ele caminha em direção à porta da sala fria. Ele olha para dentro e vê uma cabeça sem braço. “Então ela conseguiu uma mulher, aquela vadia,” ele pensa. Os chefes domésticos são um símbolo de status na cidade; eles têm um prestígio familiar. Ele olha para a cabeça mais de perto e, quando se distingue um pouco mais cedo, percebe que ela é uma FGP. Ao lado da bancada, ele vê um livro.

A irmã dele não tem livros. O título do livro é Domestic Heads: Your Guide to Death by a Thousand Cuts. Há manchas vermelhas e marrons no livro. Ele sente que pode vomitar. Claro que ele pensa, ela vai esculpir a cabeça lentamente servindo toda vez que organizar um evento. A coisa da morte por mil cortes deve ser tipo de tendência se todos os seus amigos estão falando sobre isso. Uma atividade para toda a família, uma atividade cortando o ser vivo na segurança, baseada em uma forma de tortura chinesa. O chefe doméstico olha para ele com tristeza. Ele tenta abrir a porta, mas está trancada.

"O que você está fazendo?"

Sua irmã voltou, segurando um prato vazio nas mãos e batendo no chão com o pé direito. Ele se vira e vê ali. É quando ele sente a pedra em seu peito quebrado.

"Você me enoja."

Ela olha para ele, sua expressão entre chocada e indignada. “Como você pode dizer isso para mim, hoje de todos os dias. E o que foi com você ultimamente? Você tem olhar preocupado em seu rosto.

“O filho que está comigo é que você é um hipócrita e dois merdinhas.”

Ele se choca com o insulto. Ela abre os olhos e a boca, e por alguns segundos não diz nada.

“Eu entendo que você está estressado por causa do papai, mas você não pode me insultar assim, você está na minha casa.”

“Você não vê que é incapaz de pensar por si mesmo? A única coisa que você faz é seguir as normas impostas a você. Você não vê que essa coisa toda é um ato superficial? Você é capaz de sentir alguma coisa, realmente sentir isso? Quero dizer, você já se importou com o papai?”

“Acho que um serviço de despedida foi solicitado, não acha? É o mínimo que podemos fazer por ele.”

“Você não entende nada.”

Ele sai da cozinha e ela segue atrás, dizendo que ele não pode sair, o que as pessoas vão pensar, ele não pode levar a urna agora, ele poderia pelo menos dar isso a ela, a casa está cheia de colegas de Esteban e seu chefe está aqui, seu próprio irmão não pode envergonhá-la assim. Ele para, a agarra pelo braço e diz em seu ouvido: “Se você continuar fodendo comigo, vou contar a todos como você não fez nada quando se tratava de papai, Entendido?” Sua irmã olha para ele com medo e dá alguns passos para trás.

Ele abre a porta da frente e sai. Ela corre atrás dele com a urna e chega ao carro pouco antes de ele entrar.

“Pegue a urna, Marquitos.”

Por alguns segundos, ele olha para ela em silêncio. Então ele entra no carro e fecha a porta. Sua irmã fica lá sem saber o que fazer até que ela percebe que está ao ar livre e

não tem um guarda-chuva. Ela olha para o céu com medo, cobre a cabeça com a mão e corre para dentro de casa.

Ele liga o carro e vai embora, mas primeiro observa sua irmã entrar na casa segurando uma urna cheia de areia suja de um zoológico abandonado sem nome.

18

Ele acelera e vai para casa, liga o rádio.

É quando o telefone dele toca. É Mari. A ligação lhe parece estranha porque ela sabe que ele está no serviço de despedida de seu pai. Mari sabe disso porque ligou para pedir permissão para passar seus contatos para sua irmã, que queria convidá-los para o culto. É claro que ele disse não e disse a Mari que não queria ver ninguém que conhecesse.

“Oi, Mari. O que está acontecendo?”

“Eu preciso que você venha para a fábrica agora. Eu sei que não é o melhor momento, peço desculpas, mas temos uma situação aqui que não podemos lidar. Eu estou pedindo para você, por favor, vir agora.”

“Espera aí, o que aconteceu?”

“Eu não posso explicar, você vai ter que vir ver por si mesmo.”

“Não estou longe, estava a caminho de casa. Estarei aí em dez minutos.” Ele acelera, pensa que nunca ouviu Mari soar tão preocupada.

Quando ele se aproxima da fábrica, ele vê o que parece ser um caminhão-reboque à distância. Está parado no meio da estrada.

Quando está a poucos metros de distância, vê manchas de sangue na calçada. Quando ele se aproxima ainda mais, ele não pode acreditar em seus olhos.

Um trailer de gaiola capotou ao lado da rodovia e foi destruído. As portas foram quebradas com o impacto ou foram arrancadas. Ele vê Catadores com facões, paus, facas, cordas, matando as cabeças que estavam sendo transportadas para a usina de beneficiamento. Ele vê e vê fome, loucura por uma mulher e ressentindo, ele vê a cabeça de um venger cortando o braço, ele vê um sentimento a cabeça de uma mulher fugiria, ele vê a cabeça de uma mulher fugir como se fosse um serro. bebês nas costas empunhando facões, cortando membros, mãos, pés, ele vê uma calçada coberta de tripas, ele vê um menino de cinco ou seis anos arrastando um braço. Ele acelera quando um Scavenger, seu rosto selvagem e salpicado de sangue, grita algo para ele e levanta um facão.

Ele sente os fragmentos de pedra em seu peito se moverem por seu corpo.

Eles queimam, são incandescentes.

Quando ele chega, Mari, Krieg e vários funcionários estão do lado de fora da fábrica, assistindo ao espetáculo. Mari corre e o abraça.

“Sinto muito, Marcos, sinto muito, mas isso é loucura. Nada como isso já aconteceu com os Scavengers.”

“O caminhão capotou sozinho ou eles fizeram isso?”

“Nós não sabemos. Mas essa não é a pior parte.”

“Qual é a pior parte, Mari, o que poderia ser pior do que isso?”

“Eles atacaram Luisito, o motorista. Ele se machucou e não conseguiu

fora a tempo. Eles o mataram, Marcos, eles o

mataram.” Mari o abraça e não para de chorar.

Krieg se aproxima e estende a mão. “Sinto muito pelo seu pai. Peço desculpas por chamá-lo assim.”

"Era a coisa certa a se fazer."

“Aqueles degenerados mataram

Luisito.” “A polícia vai ter que ser

chamada.”

“Nós vamos chegar a isso. O que precisamos fazer agora é encontrar uma maneira de parar esses filhos da puta.”

“Eles têm carne suficiente para semanas, se quiserem.”

“Eu disse aos trabalhadores para despedir, mas não matá-los, para assustá-los.” “E o que aconteceu?”

"Nada. É como se estivessem em transe. Como se eles tivessem se tornado esses monstros selvagens.”

“Vamos conversar em seu escritório. Mas primeiro vou pegar um chá para Mari.

Eles vão para a planta. Ele abraça Mari, que não para de chorar e diz que de todos os motoristas, Luisito era um dos favoritos dela, que era um bom garoto, nem trinta e tão responsável, pai de família, de um lindo menino , e a esposa dele, o que ela ia fazer agora, a vida não é justa, Mari diz, os Catadores são uma porcaria, escória que deveria ter sido morta há muito tempo, filhos da puta que estão sempre à espreita como baratas, eles não são humanos , diz ela, eles são degenerados, animais selvagens, e morrer como Luisito é uma atrocidade, a mulher dele não vai poder cremar o próprio marido, e como é que ninguém viu isso acontecer, ela diz, todos eles são culpada, e para qual deus ela deveria orar se seu deus permitir que coisas assim aconteçam.

Ele a senta e pega uma xícara de chá. Ela parece se recompor um pouco e toca a mão dele.

“Como você está, Marcos? Você parece diferente, mais cansado do que o normal. Por um tempo agora. Você está dormindo bem?”

“Estou, Mari, obrigado.”

“Seu pai era uma pessoa maravilhosa. Tão honesto. Já lhe disse que o conhecia antes da Transição?”

Ela disse a ele, muitas vezes, mas ele diz que não e parece surpreso, como ele faz todas as vezes.

“Foi quando eu era jovem. Eu trabalhava como secretária em um curtume e falava com ele sempre que ele vinha para as reuniões com meu antigo chefe.”

E então ela diz de novo que o pai dele era muito charmoso, “Como você, Marcos”, ela diz, e que todas as mulheres do curtume estavam de olho nele, mas que ele nunca fez nada, nem olhou para elas. “Como você podia dizer que seu pai só

tinha olhos para sua mãe, você podia ver que ele estava apaixonado”, diz ela. Ele sempre foi tão agradável e respeitoso, você poderia dizer a uma milha de distância que ele era uma boa pessoa.

Ele pega as mãos de Mari com cuidado e as beija.

“Obrigado, Mari. Você está parecendo um pouco melhor, você se importa se eu for falar com Krieg?”

“Vá em frente, amor, isso precisa ser resolvido, é urgente.”

“Estou aqui se precisar de alguma

coisa.”

Mari se levanta e dá um beijo na bochecha dele e o abraça. Ele entra no escritório de Krieg e se senta.

“Isso é um desastre”, diz Krieg. “As cabeças representam uma grande perda, mas o que aconteceu com Luisito é horrível.”

“Sim, temos que ligar para a esposa dele.”

“A polícia vai cuidar disso. Eles vão avisá-la pessoalmente.”

“Sabemos o que aconteceu? O caminhão capotou sozinho ou foram os Catadores?”

“Temos que revisar as imagens de segurança, mas acreditamos que os Catadores são os responsáveis. Não houve tempo de reação.”

“Foi Oscar quem te avisou?”

“Sim, Oscar está de plantão. Ele viu o caminhão e me ligou. Nem cinco minutos se passaram antes que essas merdas estivessem matando todos eles.

“Então foi planejado.”

"Parece ser o caso."

“Eles vão fazer isso de novo agora que sabem que é possível.”

“Eu sei, é disso que eu tenho medo. O que você acha que devemos fazer?”

Ele não sabe o que dizer, ou melhor, sabe perfeitamente o que dizer, mas não quer. Os pedaços de pedra ardem em seu sangue. Ele pensa no menino arrastando o braço pela calçada. Ele está em silêncio. Krieg olha para ele ansiosamente.

Quando ele tenta dizer algo, ele tosse. Ele sente os pedaços de pedra se acumulando em sua garganta. Eles estão queimando. Ele gostaria de poder escapar com Jasmine. Ele gostaria de poder desaparecer.

“A única coisa que posso pensar em fazer é ir lá agora e matar todos eles. É isso que precisa ser feito com os degenerados, eles precisam desaparecer”, diz Krieg.

Ele olha para Krieg e sente uma tristeza contaminada, furiosa. Ele não consegue parar de tossir. Ele sente os pedaços de pedra se quebrarem em grãos de areia em sua garganta. Krieg lhe entrega um copo de água.

"Você está bem?"

Ele quer dizer a Krieg que não está bem, que as pedras estão queimando suas entranhas, que ele não consegue tirar da cabeça o menino que estava morrendo de fome. Ele toma um gole de água, não quer responder, mas responde:

“O que vamos ter que fazer é pegar algumas cabeças, envenená-las e entregá-las aos Catadores”.

Duvidoso sobre como proceder, ele fica em silêncio novamente, mas continua: “Vou dar a ordem em algumas semanas. Teremos que esperar até que comam a carne que roubaram e não suspeitem de nada.

Seria estranho se dermos algumas cabeças a eles agora, logo depois que eles nos atacaram.”

Krieg olha para ele nervosamente, pensa por alguns segundos e depois sorri. “É uma boa ideia.”

“Dessa forma, quando forem envenenados até a morte, as pessoas pensarão que foi a carne que roubaram. Ninguém vai nos acusar.”

“Isso terá que ser feito por pessoas em quem se pode confiar.” “Vou cuidar disso quando chegar a hora.”

“Mas a polícia estará aqui em breve, eles provavelmente vão prendê-

los. Acho que não será necessário.”

Ele detesta ser tão eficiente. Mas ele não para de responder, resolver problemas, tentar encontrar a melhor opção para a planta.

“Quem eles vão prender? Mais de uma centena de pessoas vivendo vidas desfavorecidas e marginais? Como eles vão saber quem matou Luisito, quem

culpar? Se aparecer nas imagens de segurança, isso é uma coisa, mas levará muito tempo até que isso aconteça.”

"Você tem razão. Digamos que prendam dois ou três deles, ainda teremos problemas com os outros. Mas quantas cabeças precisamos para matar todos eles?"

"Nem todos eles, vamos matar o suficiente para o resto sair." "Certo."

"Essas pessoas existem fora da lei. É improvável que eles tenham IDs. Poderíamos estar falando de anos para a investigação e, nesse ínterim, eles capotarão mais caminhões porque agora sabem como fazê-lo."

"Amanhã terei pessoal armado de plantão para a chegada dos caminhões." "Isso também. Embora eu não ache que eles vão arriscar."

"Você não viu o olhar selvagem em seus rostos."

"Eu fiz. Mas eles estarão cansados e alimentados. Embora eu concorde que é uma boa ideia ter uma equipe armada agora."

"Bom. Eu confio que isso vai funcionar."

Ele não diz nada, apenas aperta a mão de Krieg e diz que vai para casa. Krieg diz que tudo bem, que ele deve absolutamente ir para casa e pede desculpas por tê-lo ligado em um momento como este.

Ao se afastar da fábrica, ele vê o caminhão destruído novamente, as luzes azuis dos carros da polícia se aproximando, o sangue na calçada.

Ele quer ter pena dos Catadores e lamentar o destino de Luisito, mas não sente nada.

Ele chega em casa e vai direto para o quarto de Jasmine. Ele não olhou para o telefone uma vez para ver se ela está bem. É a primeira vez desde que ele instalou as câmeras que ele se esqueceu de ver como ela estava.

Quando ele abre a porta, ele vê que Jasmine está deitada e parece estar com dor. Ela está tocando sua barriga e sua camisola está manchada. Ele corre até ela e vê que o colchão está encharcado com um fluido verde-amarronzado. "Não!" ele brada.

Ele sabe, por causa de tudo que leu, que se o líquido amniótico for verde ou marrom, há um problema com o bebê. Ele não sabe o que fazer além de pegar Jasmine e levá-la para sua cama para que ela fique mais confortável. Então ele pega o telefone e liga para Cecilia.

"Eu preciso que você

venha agora." "Marcos?"

"Entre no carro da sua mãe e dirija

aqui." "Mas Marcos, o que está acontecendo?"

"Apenas venha agora, Cecilia. Eu preciso de você aqui agora."

"Mas eu não entendo. Você parece diferente, eu não reconheço você."

"Não posso explicar pelo telefone, só sei que preciso que você venha agora."

"Ok, estou a caminho."

Ele sabe que ela vai demorar um pouco. A casa da mãe dela não fica na cidade, mas também não é perto.

Quando ele desliga, ele corre para a cozinha, pega alguns panos de prato e os molha. Ele coloca o pano frio na testa de Jasmine. Em seguida, ele tenta fazer um ultrassom, mas não detecta nenhum problema. Ele toca sua barriga e diz: “Tudo vai ficar bem, pequena, muito bem, seu nascimento vai correr bem, tudo vai ficar bem”. Ele dá a Jasmine um pouco de água. Repetidas vezes ele diz essas palavras, ele não consegue parar, embora saiba que seu filho pode morrer. Ele não consegue se levantar e cuidar das coisas que precisam ser feitas para o trabalho de parto,

como água fervente. Em vez disso, ele não se move e se agarra a Jasmine, que está ficando mais pálida a cada minuto.

Ele olha para a gravura pendurada acima de sua cama, para o Chagall que sua mãe tanto amava. É então que ele reza, de certa forma.

Ele pede ajuda à mãe, onde quer que ela esteja.

É quando ele ouve o motor de um carro e corre para fora. Ele abraça Cecília. Ela dá um passo para trás e olha para ele com surpresa. Ele coloca a mão no braço dela, mas antes de levá-la para dentro, ele diz:

“Eu preciso que você tenha uma mente aberta. Preciso que você deixe de lado tudo o que possa sentir e seja a enfermeira profissional que conheço.

“Não sei do que você está falando, Marcos.”

“Venha e eu vou te mostrar. Por favor me ajude.”

Ao entrarem no quarto, Cecília vê uma mulher deitada na cama, grávida. Cecilia olha para ele com tristeza nos olhos, um pouco de surpresa e confusão. Mas então ela se aproxima e vê a marca na testa da mulher.

“Por que há uma mulher na minha cama? Por que você não chamou um especialista?”

“O bebê é meu.”

Ela o olha com nojo. Então ela dá alguns passos para trás, se agacha e coloca a cabeça entre as mãos, como se sua pressão arterial tivesse caído.

"Você é louco? Quer acabar no Matadouro Municipal? Como você poderia ter ficado com uma mulher? Tu estás doente."

Ele vai até ela, levanta-a lentamente e a abraça. Aí ele diz: “O

líquido amniótico está verde, Cecília, o bebê vai morrer”.

Como se suas palavras fossem mágicas, ela começa a se mexer e diz para ele começar a ferver água, trazer toalhas limpas, álcool, mais travesseiros. Ele corre pela casa procurando essas coisas enquanto ela examina Jasmine e tenta acalmá-la.

O trabalho de parto dura várias horas. Jasmine empurra instintivamente, mas Cecilia não consegue se fazer entender. Ele tenta ajudar, mas sente o medo de Jasmine e isso o paralisa. Tudo o que ele pode fazer é dizer: “Vai ficar tudo bem, tudo vai ficar bem”, até Cecilia gritar que ela pode ver um pé. Ele entra em pânico. Cecilia manda ele ir embora, ela diz que ele está fazendo

tanto ela quanto Jasmine nervosas, e que o parto poderia ser complicado. Ela diz a ele para esperar do lado de fora.

Ele espera atrás da porta do quarto, sua orelha pressionada contra a madeira. Não há gritos, apenas a voz de Cecilia dizendo: “Vamos, querida, empurre, empurre, é isso, vamos, você pode fazer isso, mais forte, está a caminho agora, vamos lá, amor, é isso, é isso, ” como se Jasmine pudesse entendê-la. Então há um silêncio completo. Os minutos passam e ele ouve Cecilia gritar: “Não! Vamos, pequena, vire-se, vamos, querida, empurre, vamos, está quase lá, quase lá. Por favor, Deus, me ajude. Você não vai morrer comigo, de jeito nenhum, não enquanto eu estiver aqui. Vamos, amor, é isso, você pode fazer isso.”

Por alguns minutos ele não ouve nada, e então ouve um grito e entra.

Seu filho está nos braços de Cecilia. Ela está coberta de suor, seu cabelo está uma bagunça, mas ela está sorrindo, e isso ilumina seu rosto.

“É um menino.”

Ele vai até ela e pega o bebê nos braços, o embala, o beija. O bebê chora. Cecília diz que o cordão umbilical precisa ser cortado, e o bebê limpo e embrulhado. Ela diz isso entre lágrimas, ela está emocionada, feliz.

Depois de cuidar dessas coisas, Cecilia devolve o bebê, que agora está mais calmo. Ele olha para o filho incrédulo. “Ele é lindo”, diz ele,

“ele é simplesmente lindo”. Ele sente os fragmentos de pedra encolherem, perderem o controle.

Jasmine está na cama e estica os braços. Eles a ignoram, mas ela abre a boca e move as mãos. Ela tenta se levantar, e então ela o faz, e esbarra na mesa de cabeceira com os quadris, e derruba o abajur.

Eles a olham em silêncio.

“Vá pegar mais toalhas e água para limpá-la antes de levá-la para o celeiro”, Cecilia diz a ele.

Ele se levanta e entrega o filho para Cecília, que começa a balançar e cantar para ele. “Ele é nossa agora,” ele diz a ela, e ela olha para ele, incapaz de responder, emocionada, confusa.

Tudo que Cecilia pode fazer é olhar para o bebê e chorar em silêncio. Ela o abraça e diz: “Que lindo, você é o bebê mais bonito.

Como vamos chamá-lo?”

Ele vai para a cozinha e volta com algo na mão direita.

Jasmine só consegue estimar os braços desesperadamente para o filho. Ela tenta se levantar novamente, mas é cortada pelos pedaços de vidro da lâmpada quebrada.

Ele se senta atrás de Jasmine. Ela olha para ele em desespero.

Primeiro ele coloca os braços em volta dela e beija a marca em sua testa. Ele tenta acalmá-la. Então ele fica de joelhos no chão e diz:

“Calma, tudo vai ficar bem, vai com calma”. Com um pano molhado, ele enxuga o suor da testa dela. Ele canta “Summertime” em seu ouvido.

Quando ela se acalma um pouco, ele se levanta e a agarra pelos cabelos. Jasmine só consegue mexer as mãos, está tentando alcançar o filho. Ela quer falar, gritar, mas não há sons. Ele pega o taco que trouxe da cozinha e bate na testa dela, bem onde ela foi marcada.

Jasmine cai no chão, atordoada, inconsciente.

Cecilia dá um pulo ao ouvir o baque e olha para ele sem entender.

"Por que?" ela grita. "Ela poderia ter nos dado mais filhos."

Enquanto arrasta o corpo da fêmea até o celeiro para abatê-la, diz a Cecília, sua voz radiante, tão pura que fere: "Ela tinha o aspecto humano de um animal domesticado".

Document Outline

- [Conteúdo](#)
- [1](#)
- [1](#)([1](#)).
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [22](#)
- [23](#)
- [DOIS](#)
- [1](#)([2](#)).
- [2](#)([1](#)).
- [3](#)([1](#)).
- [4](#)([1](#)).
- [5](#)([1](#)).
- [6](#)([1](#)).
- [7](#)([1](#)).

- [8](#) ([1](#)).
- [9](#) ([1](#)).
- [10](#) ([1](#)).
- [11](#) ([1](#)).
- [12](#) ([1](#)).
- [13](#) ([1](#)).
- [14](#) ([1](#)).
- [15](#) ([1](#)).
- [16](#) ([1](#)).
- [17](#) ([1](#)).
- [18](#)
- [19](#)

Table of Contents

Título
Dedicação
Egrafó
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
DOIS
Reconhecidos
Conteúdo
1 (1)
1 (2)
2 (1)

3 (1)
4 (1)
5 (1)
6 (1)
7 (1)
8 (1)
9 (1)
10 (1)
11 (1)
12 (1)
13 (1)
14 (1)
15 (1)
16 (1)
17 (1)